

YOGI RAMA PRASAD

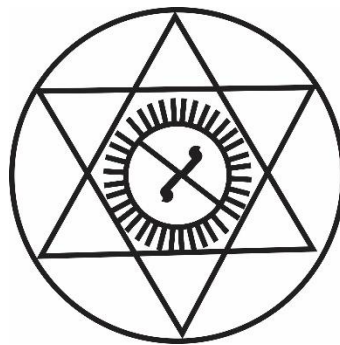
AS FORÇAS SUTIS DA NATUREZA

TRADUÇÃO DO INGLÊS
POR

Um Membro do "Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento"

TERCEIRA EDIÇÃO

Direitos reservados da Empresa Editora "O Pensamento"



Empresa Editora "O Pensamento"
Rua Rodrigo Silva N.º 40 – São Paulo (Brasil) – 1939

Seu atributo único e absoluto, que lhe é IDÊNTICO, o eterno e incessante Movimento, denomina-se, em linguagem esotérica, “A Grande Respiração” é o movimento perpétuo do Universo, no sentido do ESPAÇO sem limites e para sempre presente.

H. P. Blavatsky,

(“A Doutrina. Secreta”)

PREFÁCIO

Tornam-se necessários, aqui, algumas palavras acerca do livro que ora oferecemos ao público.

Nos fascículos IX e X do Theosophist, publiquei alguns ensaios sobre as “Forças Subtis da Natureza”; o assunto desses ensaios interessou de tal maneira os leitores do Theosophist, que insistiram comigo para que os publicasse em forma de livro. Relendo, com essa intenção, os ensaios, reconheci que, para constituírem um livro, deviam ser inteiramente coordenados e, quiçá, escritos de novo.

Não me sentindo, entretanto, em estado de tomar a escrever o que já uma vez havia, escrito, decidi-me a fazer uma tradução do livro sânscrito que trata da ciência da respiração e da filosofia dos Tatwas. Por outro lado, como, sem o subsídio desses ensaios, o livro tomar-se-ia de todo ininteligível, deliberei-me a juntá-las ao livro a título de ilustração preliminar. Os ensaios do Theosophist foram reimpressos com certas adições, transformações e correções. Além disso, escrevi diversos outros ensaios para tomar as explicações mais completas e autorizadas.

Empenhei-me nessa tarefa por mais de uma consideração, O Livro contém uma boa parte a mais dos ensaios corrigidos e eu achai de bom alvitre submetê-los todos aos olhos do público.

Estou certo de, que este livro está adequado a projetar muita luz nobre as investigações científicas dos antigos Aryas da Índia e de que não deixará pairar num espírito lúcido nenhuma dúvida sobre a base científica da religião da Índia antiga. Por essa razão, principalmente, foi que tirei dos Upanishads as minhas ilustrações da Lei Tatwica.

Boa parte do livro só pode ser verificada por uma experiência longa e diligente. Aqueles que, sem ideias preconcebidas, se consagram á aquisição da verdade, sem dúvida alguma se acharão dispostos a esperar algum tempo antes de formarem uma opinião acerca de tais partes do livro. Quanto aos outros, é inútil raciocinar com eles.

À primeira classe de estudantes tenho ainda que dizer algumas palavras. Baseado nas minhas próprias experiências, posso garantir-lhes que, quanto mais aprofundarem, tanto mais certos ficarão de achar nele a sabedoria, e espero que, antes de muito pouco tempo, hei de ter comigo bom número de colegas que trabalharão, á porfia, para explica-lo mais completamente ainda

RAMA PRASAD.

Moeruta, Índia.

5 de Novembro do 1889,

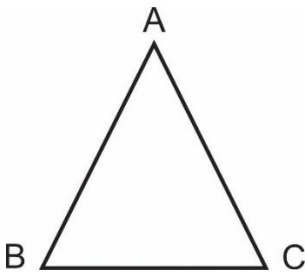
OS TATWAS

Os Tatwas são as cinco modificações do Grande Alento. Agindo sobre Prakriti, esse grande Alento lança-a em cinco estados, que têm movimentos vibratórios distintos e que desempenham funções diferentes. O primeiro estado que aparece, durante a fase evolutiva de Parabrahman, é o Akasa Tatwa. Vêm em seguida, na ordem respectiva, o Vayú, o Tejas, o Apas e o Prithivi. Eles são também conhecidos pelo nome de Mahâbhûtas.

O vocábulo Akasa é tomado geralmente por Éter. Entretanto, por infelicidade da ciência moderna, o som não é considerado como uma qualidade distinta do éter. Alguém pode supor também que o meio moderno da luz seja idêntico ao Akasa: isto é um erro, creio eu. O éter luminoso é o subtil Tejas Tatwa e não o Akasa. A todos os cinco sutis Tatwas podemos, sem dúvida, chamar éteres, mas não é acertado, sem epíteto característico, empregar o termo éter para designar o Akasa. Podemos chamar Akasa ao éter sonoro, Vayú ao éter tátil, Apas ao éter gustativo e Prithivi ao éter olfativo.

Assim como, no universo, existe o éter luminoso, elemento de matéria quintessência, sem a qual se reconheceu que o fenômeno da luz ficava sem explicação adequada, assim também existem os outros quatro éteres, elementos de matéria sublimada, sem os quais há de reconhecer-se que os fenômenos do tacto, do gosto e do olfato permanecem sem explicação plausível.

Supõe a ciência moderna que o éter luminoso é matéria em estado mais purificado. Dizem que as vibrações desse elemento é que constituem a luz. Afirmam ainda que essas vibrações se produzem perpendicularmente a direção da onda.



A descrição do Tejas Tatwa, dada no livro, é quase a mesma: ela faz mover esse Tatwa para cima e essa direção é certamente a da onda. Ele diz, além disso, que uma vibração completa desse elemento toma a forma de um triângulo.

Suponhamos, nesta figura, que A B seja a direção da onda, B C a direção da vibração; C A é a linha ao longo da qual o átomo vibrante deve voltar à sua posição simétrica sobre a linha A B, pois que, na expansão, os arranjos simétricos dos átomos de um corpo não se mudaram.

O Tejas Tatwas dos antigos é, portanto, exatamente, o éter luminoso dos modernos, no tocante à natureza da vibração. Não há, entretanto, na ciência moderna, nenhuma concepção, mais ou menos explícita dos quatro átomos seguintes. As vibrações do Akasa éter sonoro, constituem o som; é inteiramente necessário conhecer o caráter distinto dessa forma de movimento.

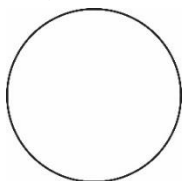
A experiência da campainha num sino pneumático, prova que as vibrações da atmosfera propagam o som. Outros meios, entretanto, tais como a terra e os metais, transmitem o som em graus diversos. Deve, pois, haver, em todos esses meios, qualquer coisa que dá origem ao som — a vibração que constitui o som. Essa qualquer coisa é o Akasa hindu (*).

Mas o Akasa, da mesma sorte que o éter luminoso, tudo penetra. Por que razão não se faz o vácuo na campana? O facto é que devemos estabelecer uma diferença entre as vibrações dos elementos que constituem o som, a luz, etc; e as vibrações dos meios que transmitem aos nossos ouvidos essas impressões. Não são as vibrações dos éteres — os Tatwas sutis — que causam as nossas percepções, mas as vibrações etéricas transferidas a meios diferentes que são outras tantas modificações da matéria grosseira — as Sthûla Mahâbhûtas. O éter luminoso se encontra tão presente num salão sombrio como no espaço ambiente; o menor espaço no interior das próprias paredes não se acha desprovido dele. Para este, a luminosidade do exterior não está presente interiormente: Por que? Porque a nossa visão ordinária não percebe as vibrações do éter luminoso; ela não apanha senão as vibrações que o éter penetra. A capacidade de vibrar etericamente varia com o meio.

(*) Poder-se lembrar ao leitor o fenômeno do telefone e melhor ainda do fonografo. É claro que os raios que transmitem o som neste último não são os raios visuais do sol. São, seguramente, raios auditivos. Os primeiros raios são as vibrações do éter luminoso; o que são os segundos? As vibrações, sem dúvida, do éter sonoro, as constituintes de Prâna hindu, chamado Akasa.

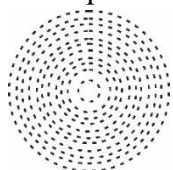
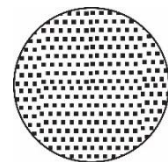
No espaço exterior a câmara escura, o éter leva os átomos da atmosfera ao estado conveniente de vibração visual e um grande desenvolvimento de luz se oferece a nossa vista; dá-se a mesma coisa com qualquer objeto que vemos.

O éter que penetra no objeto leva os átomos desse objeto ao estado conveniente de vibração visual. A força etérica que a presença do sol dá ao éter que penetra em o nosso planeta não é suficiente para provocar o mesmo estado na matéria inerte das paredes sombrias. O próprio éter interno separado do éter externo por essa massa inerte acha-se privado de tais vibrações; a obscuridade da câmara é assim a consequência da ausência do éter luminoso. A chispa que sai pela campana possui, em certo grau, a possibilidade de ser posta em estado de vibração visual transmitida primeiramente ao éter externo e, por ele, ao olho.



Não se daria a mesma coisa se empregássemos uma campana de porcelana ou de barro. É a possibilidade de ser posta em estado de vibração visual que, no vidro e nos objetos análogos, é chamada transparência. Voltemos ao éter sonoro (Câkâsha). Cada forma de matéria grosseira possui até certo ponto visível, segundo as formas, o que podemos chamar a transparência auditiva (*).

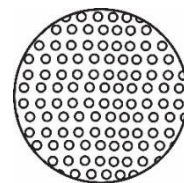
Cabe-nos agora dizer alguma coisa sobre a natureza das vibrações. A tal respeito, é necessário compreender dois pontos gerais: em primeiro lugar, a forma externa da vibração assemelha-se à cavidade da orelha. Ela transforma numa folha pontilhada a matéria que lhe é submetida. Esses pontos são pequeninas saliências que se elevam acima da superfície comum, de maneira que produzem na folha cavidades microscópicas.



Afirma-se que a vibração se move por acessos e caprichos (San-Krama) e em todas as direções (Sarvatogama). Quer isso dizer que o impulso recai sobre si mesmo ao longo do seu primeiro caminho que se acha de todos os lados, relativamente à direção da onda.

O leitor compreenderá que, em meios grosseiros, esses éteres produzem vibrações semelhantes às suas.

Por conseguinte, a forma sob a qual as vibrações auditivas põem o ar atmosférico é a de verdadeiro novelo de vibrações etérica. As vibrações do ar atmosférico descobertas pela ciência moderna são semelhantes.

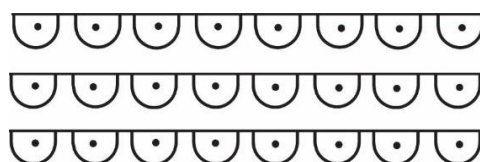


Chegamos ao éter tátil (Vayú).

As vibrações desse éter são descritas como sendo de forma esférica e o seu movimento em ângulos agudos com a onda (Tiryak). Tal é a representação dessas vibrações sobre o plano dessa folha.

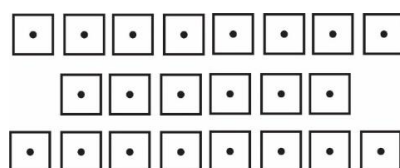
As observações feitas acerca da transmissão do som, no caso do Akasa, têm aqui aplicação da mesma forma, mutatis mutandis.

Afirmam quo o éter gustativo (Apas Tatwa) se parece em corte com uma meia lua; pretendem também que ele só move para baixo; esta direção é contrária á do éter luminoso. Essa força provoca, portanto, contração; eis aqui como representam, no papel, as vibrações do Apas:



Havemos de examinar o processo da contração quando chegarmos ás qualidades dos Tatwas.

Dizem que o éter olfativo (Prithivi) é quadrado, em corte. Assim:



(*) Seria mais logico chamar-lhe, por analogia, trans-audiência. — (N. do T.).

Este se move no centro: não se move em ângulos retos, nem em ângulos agudos, nem por cima, nem por baixo, senão ao longo da onda; a linha e o quadrado estão no mesmo plano.

Tais as formas e os modos de movimentos dos cinco éteres; cada um desses dá nascimento a uma das cinco sensações do homem:

1. Akasa, éter sonoro, ouvido.
2. Vayú, éter táctil, tacto.
3. Tejas, éter luminoso, visão.
4. Apas, éter gustativo, paladar.
5. Prithivi, éter olfativo, olfato.

No processo da evolução, esses éteres coexistentes, conservando ao mesmo tempo as suas formas relativas, gerais, primitivas, contraem as qualidades dos outros Tatwas. Conhece-se isto sob a denominação de processo de Panchîkarana ou divisão em cinco.

Se tomarmos, como faz o nosso livro, H, P, R, V e L por símbolos algébricos de (1), (2), (3), (4) e (5) respectivamente, os éteres, segundo Panchîkarana, assumem as formas seguintes:

$$(1) \quad H = \frac{H + P + R + V + L}{2 \quad 8 \quad 8 \quad 8 \quad 8}$$

$$(2) \quad P = \frac{P + H + R + V + L}{2 \quad 8 \quad 8 \quad 8 \quad 8}$$

$$(3) \quad R = \frac{R + H + P + V + L}{2 \quad 8 \quad 8 \quad 8 \quad 8}$$

$$(4) \quad V = \frac{V + R + H + P + L}{2 \quad 8 \quad 8 \quad 8 \quad 8}$$

$$(5) \quad L = \frac{L + V + R + H + P}{2 \quad 8 \quad 8 \quad 8 \quad 8}$$

Uma molécula de cada éter, composta de oito átomos, possui quatro do éter principal e um de cada dos restantes.

A taboa seguinte mostrará as cinco qualidades cada um dos Tatwas, conforme Panchîkarana.

	Som	Contato	Sabor	Cor	Perfume
(1) H	Ordinário				
(2) P	Levíssimo	Um tanto Frio	Ácido	Azul Celeste	Ácido
(3) R	Leve	Quentíssimo	Cálido	Vermelho	Quente
(4) V	Pesado	Frio	Adstringente	Branco	Adstringente
(5) L	Profundo	Ligeiramente Quente	Doce	Amarelo	Suave

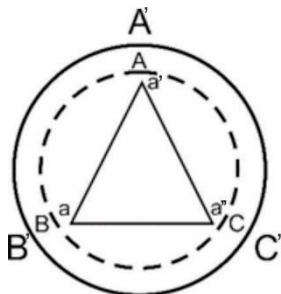
Cumpre observar aqui que os Tatwas subtis têm agora no universo sobre quatro planos. O plano superior difere do plano inferior por um número maior de vibrações por segundo. Esses quatro planos são:

- Fisiológico Prâna.
 Mental Manas.
 Psico Vijnâna.
 Espiritual Ananda

Vamos agora examinar algumas qualidades secundárias dos Tatwas.

1. Espaço: é uma qualidade do Akasa Tatwa. Tem-se verificado que a vibração desse éter possui forma de uma cavidade auricular e que, na sua substância, se acham pontos microscópicos (Vindus). Segue-se daí, evidentemente, que os interstícios dos pontos servem para dar espaço a mínimas etérica e a oferecer-lhes um lugar para a locomoção (Avakasa)

2. Locomoção: É a qualidade do Vayú Tatwa. Vayú é uma forma do próprio movimento, porque este; em todas as direções, é um movimento circular, pequeno ou grande. O mesmo Vayú Tatwa tem a forma de um movimento esférico. Quando, ao movimento que mantém a forma dos diferentes éteres, se junta o movimento do Vayú, resulta daí a locomoção.



3. Expansão: É a qualidade do Tejas Tatwa. Ela decorre, de modo evidente, da forma e do movimento dados a essa vibração etérica. Suponhamos que ABC seja um bloco de metal; sem o aproximarmos de um foco, pomos em movimento o éter luminoso que ele encerra, e isso dá aos átomos grosseiros desse bloco um movimento semelhante. Seja *a* um átomo; sendo este forçado a assumir o corte de Tejas, a vibração vai para *a'* e toma, então, a posição simétrica de *a''*. Cada ponto muda de lugar igualmente, em redor do centro do pedaço de metal. Afinal, o conjunto do pedaço toma a forma A' B' C'. Resulta daí a expansão.

4. Contração: É a qualidade do Apas Tatwa. Como anteriormente se observou, a direção desse éter é oposta á do Agne; fácil é de compreender, por conseguinte, que a contração resulta do jogo desse Tatwa.

5. Coesão: É a qualidade do Prithivi Tatwa. Este, como há de ver-se, é o inverso do Akasa. O Akasa dá passagem a locomoção, enquanto que o Prithivi resiste. É a consequência natural da direção e da forma dessa vibração. Ela preenche os intervalos do Akasa.

6. Doçura: É uma qualidade do Apas Tatwa. Como os átomos de todo o corpo em contração se aproximam e assumem a forma semi-lunar do Apas, eles devem facilmente deslizar um sobre o outro. A mesma forma assegura aos átomos um movimento fácil.

Isto nos parece suficiente para explicar, a natureza geral dos Tatwas. As fases diferentes da sua manifestação sobre todos os planos da vida serão retomadas em tempo oportuno.

II

EVOLUÇÃO

Será interessantíssimo traçar aqui, de acordo com a teoria dos Tatwas, o desenvolvimento e a formação do mundo.

Os Tatwas, como já vimos, são as modificações de Svava. Acerca de Svava achamos em o nosso livro: "No Svava estão os Vedas e os Shastras, e no Svava está a música. Toda a gente está no Svava: Svava é o próprio espírito".

A tradução própria da palavra Svava é a *corrente da onda da vida*. Esse movimento ondulatório é que provoca a evolução da matéria cósmica não diferenciada no universo diferenciado, e a involução deste no estado primitivo da não diferenciação, e assim por diante, para todo o sempre. De onde vem esse movimento? Esse movimento é o próprio espírito.

A própria palavra Atmâ, empregada no livro, contém a raiz *at*, movimento eterno; pode-se observar, de maneira significativa, que a raiz *at* se relaciona com as raízes *ah*, sopro, e *as*, ser; não é simplesmente senão uma variante dele. Todas as raízes têm por origem o som produzido pela respiração dos animais. Na ciência do Alento, o símbolo técnico da inspiração é *sa*, e o da expiração, *ho*. É fácil de ver como esses símbolos estão ligados as raízes *as* e *ah*. A corrente da onda da vida precitada chama-se, tecnicamente Hansachasa, isto é, o movimento de há e de *so*. A palavra Hansa, de que se faz tanto caso em muitas obras sânscritas e que se emprega para significar Deus, não é senão uma representação simbólica dos dois processos eternos de vida, há e *sa*.

A corrente primordial da onda de vida é, pois, a mesma corrente que, no homem, toma a forma dos movimentos de inspiração e de expiração dos pulmões, e é a fonte da evolução e da involução do Universo, fonte que penetra tudo.

Continua o livro:

"É o Svava que deu uma forma às primeiras acumulações das visões do universo; o Svava causa a involução e a evolução; o Svava é Deus mesmo ou melhor o Grande Poderio (Maheshvara)".

O Svava manifesta sobre a matéria a impressão desse poder conhecido sob o nome de poder que a si mesmo conhece. Compreender-se-á que a sua ação não cessa nunca. Ele opera sempre e tanto a evolução como a involução constituem a verdadeira necessidade da sua existência que se muda.

O Svava apresenta dois estados diferentes: um é conhecido sobre o plano físico da vida sob a denominação de respiração solar, o outro sob o nome de respiração lunar. No estágio presente da involução, designaremos no entanto, com os nomes respectivos de respiração positiva e respiração negativa. O período durante o qual a corrente volta ao seu ponto de partida, é qualificado como o dia e a noite de Parabrahman. O período positivo ou evolutivo é o dia de Parabrahman; o período negativo ou involutivo é a noite de Parabrahman. Essas noites e esses dias se sucedem sem descontinuidade. As subdivisões desse período compreendem todas as fases da existência, e é necessário dar-se aqui a divisão do tempo segundo os Shâstras hindus.

Começaremos com o Truti por ser a última divisão do tempo.

DIVISÃO DO TEMPO

26 $\frac{2}{3}$ = 1 Nimesha = $\frac{8}{45}$ de segundo.

18 Nimeshas = 1 Kâstah = 3 segundos $\frac{1}{5}$ = 8 Vipalas.

30 Kâstahs = 1 Kalâ = 1 minuto $\frac{3}{5}$ = 4 Palas.

30 Kalâs = 1 Muhûrta = 48 minutos = 2 Ghâris.

30 Mahûrtas = 1 dia e 1 noite = 24 horas = 60 Ghâris.

30 dias e noites, e as horas de resto = a 1 dia e 1 noite Pitryia = 1 mês e as horas complementares.

12 meses = 1 dia e 1 noite Daiva = 1 ano = 365 dias, 5 horas, 30 minutos, 31 segundos.

365 dias e noites Daiva = 1 ano Daiva.

4.800 anos Daiva = I Satya Yuga. .
3.600 anos Daiva = I Treta Yuga.
2.400 anos Daiva = I Dvâpara Yuga.
1.200 anos Daiva = I Kali Yuga.
12000 anos Daiva = Chatur Yuga (quatro Yugas).
12000 Chatur Yugas = I Daiva Yuga.
2.000 Daiva Yugas = I dia e I noite de Brahmâ.
365 dias e noites Brahmicas = I ano de Brahmâ.
71 Daiva Yugas = I Manvantara
12000 anos Brahmanicos = I Chatur Yuga de Brahmâ, e assim por diante
200 Yugas de Brahmâ I dia e I noite de Parabrahman.

Esses dias e essas noites se sucedem ininterruptamente. Daí resulta uma evolução e uma involução eternas.

Temos cinco sortes de dias e de noites.

1) Parabrahmico; 2) Brahmico; 3) Daiva; 4) Pitrya; 5) Manusha. Uma sexta espécie é constituída pelo dia Manvantarico e pela noite Manvantarica (Pralaya).

Os dias e as noites de Parabrahm se seguem, sem começo nem fim. A noite (período negativo) e o dia (período positivo) desaparecem ambos no Sushumna (período de conjunção) e surgem no, outro período. Dá-se a mesma coisa com os outros dias e noites. De uma extremidade a outra da divisão, os dias são consagrados a corrente positiva, quente, e as noites a corrente negativa, fria. A impressão dos nomes e das formas, e o poder de produzir uma impressão têm lugar na fase positiva da existência; a receptividade nasce na corrente negativa.

Submetida à fase negativa de Parabrahman, Prakriti, que, como uma sombra, acompanha Parabrahman, ficou saturada de receptividade evolutiva; quando a corrente quente se põe a caminho, nela manifestam-se mudanças e ela aparece sob novas formas. A primeira impressão que a corrente evolutiva positiva deixa sobre Prakriti é conhecida pelo nome de Akasa. Em seguida, pouco a pouco, os outros éteres vão nascendo. Essas modificações de Prakriti são os éteres do primeiro estágio.

Nestes cinco éteres considerados como constituindo agora o plano objetivo, a corrente do Grande Alento continua a trabalhar.

Outro desenvolvimento se efetua; constituem-se centros diferentes, o Akasa os põe sob uma forma que dá lugar a locomoção. Quando se manifesta o Vayú Tatwa, esses éteres elementares recebem uma forma esférica; é o começo da *formação*, a que se chama também solidificação.

Essas esferas são os nossos Brahmândas. Os éteres tomam, nelas, um desenvolvimento secundário; a dita divisão em cinco se realiza. Muito bem, mas nessa esfera brahmica em que os novos éteres têm um espaço conveniente para a locomoção, o Tejas Tatwa entra agora em jogo e depois o Apas Tatwa. Todas as qualidades tatwicas são geradas e conservadas, nessas esferas, por essas correntes. Com o Apas, a formação é completa; no transcorrer do tempo, temos um centro e uma atmosfera; essa esfera é o universo consciente de si mesmo.

Nessa esfera, conforme o mesmo processo, manifesta-se um terceiro estado etérico. Na atmosfera mais fria, afastada do centro, outra classe de centros se forma. Em seguida, aparece outro estado de matéria, cujos centros trazem o nome de Devas ou de sóis. Temos, assim, quatro estados de matéria sutil, no universo:

- 1) Prâna, matéria vital, com o Sol por centro.
- 2) Manas matéria mental, com o Manú por centro.
- 3) Vijnâna, matéria psíquica, com Brahmâ por centro.
- 4) Ananda, matéria espiritual, com Parabrahman por *substratum* infinito.

Cada estado superior é positivo com relação ao estado inferior, e cada estado inferior nasce da composição das fases positiva e negativa do superior.

- 1) Prâna está em relação com três sortes de dias e de noites da precedente divisão do tempo.

a) Os nossos dias e as nossas noites ordinárias.

b) A metade brilhante e a metade sombria do mês, as quais são denominadas o dia e a noite Pitrya.

c) As metades norte e sul do ano, o dia e a noite dos Devas.

Essas três noites, agindo sobre a matéria terrestre, dão-lhe a receptividade da fase fria, negativa e sombria da matéria vital. Os dias respectivos que vêm depois dessas noites se imprimem nesta matéria. A própria terra torna-se assim um ser vivo, tendo um polo norte para o qual uma força central atrai a agulha imantada e um polo sul, onde estão concentradas uma força que é, por assim dizer, a sombra do centro polar norte. Ela tem também a energia solar centralizada na metade leste e a força lunar, a sombra da precedente, centralizada na metade ocidental.

De fato, esses centros nascem muito antes que a terra se tenha manifestado sobre o plano da matéria densa. Dá-se a mesma coisa com os centros dos outros planetas. Enquanto o sol se apresenta ao Manú, formam-se dois estados em que o sol vive e se move – o positivo e o negativo. Como o Prâna solar, depois de, por algum tempo, estar submetido ao estado negativo e sombrio, fica submetido, na sua revolução á fonte de sua fase positiva, Manú, a face de Manú está impressa sobre ele. Esse Manú é, em verdade, o espírito universal e todos os planetas com os seus habitantes são as fases da sua existência. Vemos agora que a vida da terra ou o Prâna Terrestre tem quatro centros de força.

Agindo sobre ele quando ela se resfria pela corrente negativa, a fase positiva se lhe imprime e, sob formas variadas, a vida da terra vem a luz. As experiências sobre o Prâna elucidarão isto mais claramente.

2) Manas está em relação com Manú. Os sóis giram em redor desses centros com a sua atmosfera de Prâna. Esse sistema dá origem aos Lokas ou esferas de vida das quais os planetas constituem uma classe. Esses Lokas foram enumerados por Vayâsa no seu comentário sobre o Yogashâstra (Pâda III, Sûtra 26).

O aforismo é assim concebido:

“Pela meditação acerca do sol, obtém-se o conhecimento da criação física”.

O venerando comentador assim se exprime: “Há sete Lokas (esferas de existências)

1- Bhûrloka se estende até o Meru.

2- Antarikshaloka se estende da superfície ao Dhruva, a estrela polar, e contém os planetas, os Nakshatras e as estrelas.

3- Svarloka se acha atrás: é quántuplo e consagrado a Mahendra.

4- Maharloka, consagrado a Prajâpati.

5- Yanaloka, consagrado a Brahmâ.

6- Taparloka, consagrado a Brahmâ.

7- Satyaloka, consagrado a Brahmâ.

Não é nossa intenção, por agora, explicar a significação desses Lokas. Basta-nos dizer que os planetas, as estrelas as casas lunares são todas impressões de Manú como os organismos da terra são as impressões do sol. O Prâna solar é preparado, por essa impressão, durante a noite manvantarica.

Vijnâna tem relações semelhantes com as noites e dias de Brahmâ, e Ananda com os de Parabrahman.

Ver-se-á, deste modo, que o processo inteiro da criação, em qualquer que seja o plano de vida, é provocado, muito naturalmente, pelos cinco Tatwas nas suas duplas modificações, positivas e negativas. Não há nada, no universo, que a Lei Tatwica Universal da Respiração não abranja.

A esta muito sucinta exposição da teoria da evolução tatwica, segue uma serie de tentamens, que tomam, um a um, todos os estados sutis da matéria e descrevem, com mais minudências, as operações da lei tatwica nesses planos e as manifestações também desses planos de vida na humanidade.

RELAÇÃO MUTUA ENTRE OS TATWAS E OS PRINCÍPIOS

O Akasa é o mais importante de todos os Tatwas; ele deve naturalmente preceder e seguir cada plano de vida. Sem ele, não pode realizar-se manifestação nem cessação de formas. Do Akasa é que procedem todas as formas, e no Akasa é que todas as formas subsistem.

O Akasa está cheio de formas em estado potencial; ele se interpõe entre cada grupo de dois em meio dos cinco princípios.

A evolução dos Tatwas faz sempre parte da evolução de uma certa forma definida.

Assim, os Tatwas primários se manifestam com o fim definido de dar o que nós chamamos um corpo, uma forma prática a Ishvara. Há, no seio do infinito Parabrahman, tais centros ocultos inumeráveis. Um centro toma, sob a sua influência, uma certa porção do infinito e nós achamos aí, à frente de tudo quando vem a luz, o Akasa Tatwa. A expansão desse Akasa limita a expansão do universo, e o Ishvara deve sair dela. A esse fim, surge desse Akasa o Tatwa Vayú; ele penetra o universo total e possui um certo centro, que lhe permite reunir a expansão total num todo separado dos outros universos (Brahmândas). Tem-se já mencionado e, mais tarde, se há de explicar mais claramente, que cada Tatwa possui uma fase positiva e outra fase negativa; é evidente, também, de acordo com a analogia do sol, que os sítios mais distantes do centro são sempre negativos relativamente aos mais próximos. Podemos dizer que são mais frios e verificar-se-á que cada calor não é particular unicamente ao sol, senão que todos os centros superiores têm uma maior soma de calor do que o próprio sol.

Nessa esfera brahmica de Vayú, salvo em certo espaço perto do Akasa Parabrahmico, cada átomo de Vayú sofre a reação de uma força oposta; o mais distante e, por conseguinte, o mais frio reage sobre o mais próximo, e, portanto, o mais quente. As vibrações iguais e opostas da mesma força se contrabalançam e ambas conjuntamente passam para o estado akasico. De fato, enquanto uma parte do espaço fica cheia de Vayú brahmico em virtude do fluxo constante desse Tatwa fora do Akasa Parabrahmico, o resto volta rapidamente para o Akasa. O Akasa é a mãe do Agni Tatwa Brahmanico.

O Agni Tatwa, agindo da mesma forma, faz nascer, através de outro Akasa, ao Apas e este, semelhantemente, ao Prithivi. Esse Prithivi Brahmanico contém, assim, as qualidades de todos os Tatwas precedentes, mais um quinto que lhe é peculiar.

O primeiro estágio do universo, o oceano de matéria psíquica, existe agora por completo. Essa matéria é naturalmente muito, quintessenciada; não há nela densidade alguma, em comparação com a matéria do quinto plano. Brilha nesse oceano a inteligência de Ishvara e esse oceano, com todas as coisas que se podem manifestar nele, é o universo consciente de si mesmo.

Nesse oceano psíquico, os átomos mais afastados são, como já dissemos, negativos com relação aos mais próximos. Logo, exceto certo espaço que permanece repleto de Prithivi, em consequência do suprimento constante que esse elemento recebe de cima, o resto entra a mudar-se em Akasa. Esse segundo Akasa está cheio do que se chama Manus no estado potencial; os Manus são outros tantos grupos de certas formas mentais, as ideias dos gêneros e das espécies de vida variadas que são destinadas, a aparecer mais tarde. Nós nos ocuparemos com um dentre eles. Impulsionado pela corrente evolutiva do Grande Alento, Manu sai desse Akasa da mesma forma que Brahmâ saiu do Akasa Parabrahmico. Em primeiro lugar e acima de tudo, na esfera mental está o Vayú, e, em seguida, conforme a ordem, o Tejas, o Apas e o Prithivi. Essa matéria mental obedece às mesmas leis, e, semelhantemente, começa a passar para o terceiro estado akasico, cheio de sóis inumeráveis. Eles saem da mesma forma e começam a operar sobre um plano semelhante.

Cada um de nós pode aqui explicar a si mesmo como as porções mais afastadas do sistema solar são mais frias que as mais próximas. Cada átomo de Prâna é, comparativamente, mais frio que o subsequente na direção do sol. Assim, as vibrações iguais e opostas se equilibram reciprocamente. Deixando, pois, de

parte um certo espaço perto do sol, espaço que sempre está cheio de Tatwas de Prâna constantemente emanados do sol, o resto do Prâna passa para o estado akasico.

Importa observar, aqui, que a totalidade desse Prâna é composta de pequenos *pontos* inumeráveis; de futuro, falaremos não só desses pontos como de Trutis: são esses Trutis que aparecem sobre o plano terrestre no caráter de átomos (Anu ou Paramânu). Poderíamos considerá-los como átomos solares. Esses átomos solares são de classes variadas consoante o predomínio de um ou de vários Tatwas constitutivos.

Cada ponto de Prâna é uma pintura perfeita, do oceano total; cada ponto é representado por qualquer outro ponto. Cada átomo tem, pois, por constituintes, todos os quatro Tatwas, em proporções variadas, segundo a sua posição em face de outros. As diferentes classes desses átomos solares se nos mostram, sobre o plano terrestre, como elementos variados da química.

O espectro de cada elemento terrestre revela a cor ou as cores do Tatwa ou dos Tatwas predominantes de um átomo solar, da substância. Quanto maior é o calor a que se submete uma substância, tanto mais o elemento se aproxima do seu estado solar. O calor destrói a roupagem terrestre dos átomos solares no período em que ele opera.

O espectro do sódio revela assim a presença do amarelo Prithivi, o do lítium, a presença do vermelho Agni e do amarelo Prithivi; o céσιο, a presença do vermelho Agni e da mistura verde do amarelo Prithivi e do azul vayú. O rubídio mostra o vermelho, o alaranjado, o amarelo, o verde e o azul, isto, é o Agni, Prithivi e Agni, Prithivi, Vayú e Prithivi, e Vayú. Essas classes de átomos que, no seu conjunto, constituem a ampla expansão do Prâna solar, passam para o estado akasico. Ao mesmo tempo que o sol entretém uma provisão constante desses átomos, os que passam para o estado akasico vão por outra, para o Vayú planetário. Certas porções iguais do Akasa solar separam naturalmente as outras, de acordo com a criação diferente que deve aparecer nessas porções; estas se chamam Lokas. A própria terra é um Loka chamado Bhûrloka: tomarei a terra como exemplo ulterior da lei.

Essa porção do Akasa solar que é a mãe imediata da terra, dá, em primeiro lugar, origem ao Vayú terrestre. Cada elemento fica, então, em estado de Vayú Tatwa, que, de ora em diante, podemos denominar gasoso.

O Vayú Tatwa é de corte esférico e o planeta gasoso afeta contornos semelhantes; o centro dessa esfera gasosa reúne, em redor de si, a expansão total dos gases. Logo que essa esfera vem á luz, fica submetida, entre outras influências, ás seguintes:

1- A influência superposta do calor solar.

2- A influência interna dos átomos mais afastados sobre os átomos mais próximos e vice-versa.

A primeira influência tem um duplo efeito sobre a esfera gasosa; ela fornece mais calor ao hemisfério mais próximo que ao mais afastado. Tendo contraído uma certa soma de energia solar, o ar superficial; do mais próximo hemisfério se eleva para o sol; o ar mais frio que ficava em baixo vem ocupar-lhe o lugar.

Para onde vae, porém, o ar da superfície? Ele não pode ultrapassar os limites da esfera terrestre que está rodeada de Akasa solar, através do qual vem um suprimento de Prâna solar. Ele entra, pois, a mover-se em círculo, e assim se estabelece na esfera um movimento rotatório; é a origem da rotação da terra em redor do seu eixo.

Por outro lado, como uma certa soma de energia solar é distribuída à esfera gasosa terrestre, o impulso do movimento para cima atinge o próprio centro. Ele não pode, entretanto, caminhar nessa direção, porque uma aproximação destruiria esse equilíbrio de forças que dá a terra as suas particularidades. Um Loka mais achegado ao sol que o nosso planeta, não pode possuir as mesmas condições de vida. Por essa razão, enquanto o sol atrai a si a terra, essas leis de existência, que lhe deram uma constituição pela qual, durante ciclos e ciclos, ela deve continuar a girar, a retêm na esfera que elas lhe assignaram.

Duas forças assim se manifestam: solicitada pela primeira, a terra se precipitaria no sol; contida pela segunda, ela deve permanecer no posto onde está; são as forças centrífuga e centrípeta, e da sua ação resulta a revolução anual da terra.

Em segundo lugar, a ação interna dos átomos gasosos uns sobre outros acaba por transformar a esfera, gasosa total, salvo a porção superior, para fazê-la passar para o estado akasico. Esse estado akasico dá

origem ao estado ígneo (pertencente a Agni Tatwa) da matéria terrestre. Este, da mesma forma, se transmuda em Apas, e Apas em Prithivi.

Estabelece-se o mesmo processo nas mudanças da matéria que agora nos são familiares. Um exemplo far-nos-á compreender melhor toda a lei:

Tomemos o gelo: é sólido, ou se acha no estado em que a ciência da respiração chamar-lhe-ia Prithivi; uma qualidade do Prithivi Tatwa é a coesão. Fazemos passar algum calor por esse gelo; a medida da sua passagem, o calor é indicado pelo termômetro. Quando a temperatura do gelo atinge a 0° , a mudança de estado começa: forneçamos, então, ao gelo fundente 78 calorias; a temperatura permanece a mesma (0°), as 78 calorias são absorvidas e se tornam latentes na água líquida.

Apliquemos, agora, 536 calorias a um quilograma de água fervendo. Como todos sabem geralmente, essa grande quantidade de calor torna-se latente quando a água passa para o estado gasoso.

Sigamos, agora, a marcha inversa. A água gasosa apliquemos certa quantidade de frio; quando o frio se torna suficiente para contrabalançar inteiramente o calor que, neste caso, conserva o estado gasoso, o vapor passa para o estado akasico, e daí para o estado de Tejas. Não é necessário que todo o vapor passe, num só jato, para esse estado; a mudança é contínua. Penetrando o frio gradualmente no vapor, a modificação Tejas se patenteia no Akasa e pela intervenção do Akasa para o qual ele passara durante o estado nascente. Isto indica-o o termômetro. Quando o conjunto passou para o estado ígneo e quando foram absorvidas 536 calorias, o segundo Akasa vem a lume. O estado líquido sai desse segundo Akasa na mesma temperatura (100°), tendo todo o calor passado de novo para o estado akasico e não sendo mais por consequência, indicado pelo termômetro. Quando o frio é aplicado ao líquido, o calor, de novo, começa a abandoná-lo, e quando 78 calorias foram absorvidas, tendo este calor saído do Akasa e pelo Akasa ao qual ele se aliará, todo o líquido passa para o estado ígneo. Aqui começa ele a passar, de novo, para o estado akasico; o termômetro põe-se a abaixar e desse Akasa entra a surgir o estado Prithivi da água, o gelo.

Vemos assim que o calor, impulsionado para fora pela influência do frio, passa para o estado akasico, que se torna o substrato de uma fase superior, e o calor absorvido para outro estado akasico, substrato de uma fase inferior.

É deste modo que a esfera gasosa terrestre se transforma no seu estado presente. A experiência precitada mostra diversas verdades importantes acerca da relação desses Tatwas entre si.

Em primeiro lugar, ele explica esta asserção da Ciência da Respiração que diz que cada estado tatwico possui as qualidades dos estados precedentes. Vemos assim que, sendo o estado gasoso da água afetado pelo frio, o calor latente de vaporização fica contrabalançado e passa para o estado akasico; Assim deve ser, pois que as vibrações iguais e opostas se equilibram, e daí resulta o Akasa; O estado Tejas da matéria sai deste: é neste estado que o calor latente de vaporização se torna manifesto. Não de observar que este estado não é permanente. A forma Tejas da água, como a de qualquer outra substância, não pode, aliás, existir por muito tempo, porque a maior parte da matéria terrestre se encontra nos estados inferiores e, por conseguinte, mais negativos de Apas e de Prithivi; toda a vez que, por uma causa qualquer, uma substância passa para o estado Tejas, os objetos circunvizinhos entram logo a reagir sobre ela com força tal que eles o obrigam a passar para o estado akasico seguinte. Essas coisas que agora existem no estado normal de Apas ou de Prithivi, acham inteiramente contrário às suas leis de existência o permanecerem no estado de Tejas, salvo se sofrem uma influência externa. Assim, um átomo de água gasosa, antes de passar para o estado líquido, já permaneceu sob três estados: akasico, gasoso, de Tejas; ele deve possuir, pois, sem dúvida alguma, as qualidades desses três Tatwas. Carece apenas de coesão, o que é a qualidade do Prithivi Tatwa.

Quando, esse átomo de água líquida passa para o estado de gelo, que é que vemos? Todos os estados precedentes devem mostrar-se de novo; o frio fará contrapeso ao calor latente do estado líquido, e o estado akasico sairá daí. O estado gasoso derivará seguramente do estado akasico; este estado *gasoso* (vâyava) é posto em evidência pelos giros e outros movimentos ocasionados do líquido pela simples aplicação do frio.

O movimento, no entanto, não é de muito longa duração, e quando cessa (passando para o estado akasico), sobrevém o estado de Tejas. Este estado não é tão pouco de longa duração; passa para o estado akasico; forma-se o gelo.

Ver-se-á facilmente que todos os quatro estados de matéria terrestre existem na nossa esfera. O estado gasoso (vâyava) se encontra naquilo que chamamos de atmosfera; o estado ígneo (Tejas) é a temperatura normal da vida terrestre; o estado líquido (Apas) é o oceano; o estado sólido (Prithivi) é a terra firme. Nenhum desses estados, aliás, existe completamente isolado dos outros; cada um usurpa constantemente os domínios do outro; é assim difícil achar uma porção de espaço que esteja repleta de matéria de um só estado.

Os dois Tatwas adjacentes se acham entremeados em mais alto grau do que os Tatwas separados por um estado intermediário. Assim, Prithivi ligar-se-á em mais alto grau com a água do que com Agni e Vayú, e Vayú com Agni mais do que com qualquer outro. Pelo que acabamos de dizer, pareceria, de acordo com a ciência dos Tatwas, que a chama e as outras substâncias luminosas da terra não estão no estado Tejas (ígneo) terrestre; estão no estado de matéria solar ou vizinhos desse estado.

IV PRÂN A

OS CENTROS DE PRÂN A – OS NADIS – OS CENTROS TATWICOS DE VIDA – A MUDANÇA ORDINÁRIA DA RESPIRAÇÃO

Prâna, como já se deixou dito, é esse estado de matéria tatwica que rodeia o sol e na qual se movem a terra e os outros planetas; é o estado imediatamente superior à matéria terrestre. A esfera terrestre está separada do Prâna solar por um Akasa: esse Akasa é a mãe imediata do Vayú terrestre cuja cor original é azul; eis aí a razão por que o céu nos parece azul.

Posto que, nesse ponto do céu, o Prâna se transforme em Akasa que dá nascimento ao Vayú terrestre, os raios do sol que caem sobre a terra, vindos do exterior, não são detidos na sua viagem para o interior. São refratados, mas, apesar de tudo, se movem progressivamente na esfera terrestre. Através desses raios, o oceano de Prâna, que rodeia a nossa esfera, exerce sobre ela uma influência organizadora.

O Prâna terrestre, a vida da terra, que aparece sob a forma de todos os organismos vivos do nosso planeta, não é, no seu conjunto, mais do que uma, modificação do Prâna solar.

Como a terra se move sobre o seu próprio eixo e ao redor do sol, centros duplos se desenvolvem no Prâna terrestre. Durante a rotação diurna, cada lugar, em quanto está submetido á influência direta, do sol, projeta a corrente de vida positiva do oriente para o ocidente: durante a noite, o mesmo lugar projeta a corrente negativa.

No curso anual, a corrente positiva viaja do norte para o sul, durante os seis meses de verão – o dia dos Dévas, – e a corrente negativa durante os seis meses restantes, – a noite dos Dévas.

O norte e o oriente são sempre consagrados á corrente positiva: os pontos opostos, á corrente negativa.

O sol é o senhor da corrente positiva, a lua a senhora da corrente negativa, porque o Prâna solar caminha da terra para a lua durante a noite.

O Prâna *terrestre* é assim um ser etérico, com centros duplos de trabalho. O primeiro centro é o centro septentrional; o segundo, o centro meridional; ambas as metades desses centros são os centros leste e oeste. Durante os seis meses do verão, a corrente de vida circula de norte a sul e, no correr dos meses de inverno, a corrente negativa segue o rumo inverso.

Cada mês, cada dia, cada *nimesha*, essa corrente efetua uma carreira menor e, enquanto ela continua a sua marcha, a rotação diurna lhe imprime uma direção oriental ou ocidental. Durante o dia humano a corrente caminha de leste para oeste; durante a noite, de oeste para leste. As direções da outra corrente são respectivamente opostas ás precedentes; na prática, só há, pois, duas direções, a de leste e a de oeste. A diferença entre as duas correntes norte e sul não são praticamente sensíveis na vida terrestre. Essas duas correntes produzem, no Prâna terrestre, duas modificações distintas dos éteres componentes. Os raios de cada uma dessas modificações etéricas, procedendo dos seus centros diferentes, correm uns para os outros, um deles dando a vida, a força e a forma e diversas qualidades ao outro.

Ao longo dos raios que emergem do centro norte, passam as correntes do Prâna positivo; ao longo dos que emergem do centro sul, passam as correntes do Prâna, negativo. Os canais leste e oeste dessas correntes têm, respectivamente o nome de Pingala e de Ida, dois dos Nadis celebres dos Tantristas. Será preferível discutirem-se os demais sustentáculos de Prâna, quando o tivermos localizado no corpo humano.

A influência desse Prâna terrestre desenvolve dois centros de ação na matéria densa que deve formar um corpo humano. Uma parte da matéria se junta em redor, do centro norte, e outra parte em torno do centro sul. O centro norte se desenvolve no cérebro, o centro sul no coração. A forma geral desse Prâna terrestre é uma como elipse; nele o foco do norte é o cérebro, o foco do sul, o coração. A coluna, ao longo da qual a matéria positiva se junta, corre entre esses dois focos.

A linha do meio é o sitio em que as divisões leste e oeste, direita e esquerda da coluna se reúnem. A coluna é a medula alongada. A linha central é também Sushumna, sendo as divisões, direita e esquerda, Pingala e Ida. Os raios de Prâna que divergem por um e outro lado desses Nadis não são senão ramificações e constituem juntamente com eles o sistema nervoso.

O Prâna negativo aglomera-se em derredor do centro sul. Este toma igualmente uma forma semelhante à forma do primeiro. As divisões direitas e esquerdas dessa coluna são as divisões direitas e esquerdas do coração.

Cada divisão tem dois ramos principais, subdividindo-se cada um deles em ramificações menores. Das duas aberturas de cada caminho uma é uma veia e a outra uma artéria, dando as quatro em quatro câmaras, — as quatro pétalas do loto do coração. A parte direita do coração, com todas as suas ramificações, chama-se Pingala, a esquerda Ida, a parte mediana Sushumna.

Entretanto, dá que pensar o ser somente do coração que se trata como loto, enquanto que os três nomes precedentes são postos de parte no sistema nervoso. A corrente de Prâna opera para diante e para traz, para dentro e para fora: jaz a causa disso nas mudanças momentâneas do ser de Prâna. Como o ano caminha para a frente, a cada momento uma mudança de estado se opera no Prâna terrestre, em consequência da força variável, das correntes solares e lunares. Assim, a falar verdade, cada momento é um ser novo de Prâna; como disse Buddha, *toda a vida é momentânea*. O momento que é o primeiro a lançar na matéria que desenvolverá os dois centros, é a primeira causa da vida organizada.

Se os momentos sucessivos são, nos seus efeitos tatwicos, simpáticos á primeira causa, organismo adquire força e desenvolve; do contrário, o impulso torna-se estéril.

O efeito geral desses momentos sucessivos é conservar a vida geral; mas o impulso de cada momento tende a passar além, quando sobrevêm os outros. Um sistema do movimento, para diante e para traz, fica assim estabelecido. Um momento de Prâna procedente do centro de ação caminha para as mais longínquas extremidades dos grossos vasos (vasculares e nervosos) do organismo; o momento seguinte dá-lhe, contudo, o impulso contrário. A realização do impulso para a frente e a determinação do arremesso contrário levam alguns instantes. Esse período varia conforme os diversos organismos. Quando o Prâna marcha para a frente, os pulmões inspiram; quando ele volta, efetua-se o processo de expiração.

O Prâna move-se em Pingala quando ele caminha do centro norte para leste e do centro sul para oeste; ele move-se em Ida quando se dirige para leste. Quer isto dizer que, no primeiro caso, o Prâna se move para o lado direito, através do coração e vae em seguida para o esquerdo o para traz do cérebro e do coração, para o lado esquerdo através do cérebro e depois do lado direito atrás do coração. No último caso, dá-se o contrário. Por outros termos, no primeiro caso, o Prâna se move do sistema nervoso para o lado direito, através do sistema de vasos sanguíneos, depois para o lado esquerdo e, de novo, volta ao sistema nervoso, ou do sistema sanguíneo para o lado esquerdo, através do sistema nervoso, depois para o lado direito e por detrás e volta ao sistema sanguíneo. Essas duas correntes coincidem. No primeiro caso, sucede o contrário. A parte esquerda do corpo, contendo ao mesmo tempo os nervos e os vasos sanguíneos pode ser denominada Ida, a parte direita Pingala. Os brônquios direitos e os esquerdos formam tão bem as partes respectivas de Pingala e de Ida como as outras partes das divisões direitas e esquerdas do corpo. Porém, que é Sushumna? Um dos nomes de Sushumna é Sandhi, o ponto em que se juntam Ida e Pingala. É realmente esse ponto de onde o Prâna pode mover-se de um ou de outro lado, direito ou esquerdo ou, sob diversas condições, de ambos os lados. É por esse sítio que o Prâna deve passar quando se dirige do lado direito para o esquerdo e do lado esquerdo para o lado direito. É, portanto, ao mesmo tempo, o canal espinal e o canal cardíaco. O canal espinal se estende de Brahmarandhra, o centro norte de Prâna, através, da coluna vertebral inteira (Bramadanda). O canal cardíaco se estende do centro sul, a meio caminho entre os dois lóbulos do coração. Quando o Prâna se move do canal espinal ao lado direito para o coração, o pulmão direito trabalha, entrando e saindo o alento pela narina direita. Quando ele atinge o canal sul, não se pode sentir o alento por nenhuma narina. Quando, entretanto, ele sai do canal cardíaco à esquerda, o alento começa a vir da narina esquerda e se escoia através dela, até que o Prâna atinja de novo o canal espinal; aí, de novo a pessoa cessa de sentir o alento de qualquer das narinas. O efeito dessas duas posições de Prâna é idêntico a respeito do escoamento do hálito, e, por conseguinte, os canais norte e sul são, ao mesmo tempo, designados por Sushumna. Se nos é licito assim dizer, imaginemos que um plano passa a meio caminho entre o canal espinal e o canal cardíaco: esse plano deve passar através do canal de Sushumna; mas entenda-se que, em realidade, não há um plano. Seria, talvez, mais correto dizer-se que, como os raios positivos de Pingala

e de Ida se propagam, ao mesmo tempo, por caminhos tais como os nervos, e os raios do negativo por caminhos tais como os vasos sanguíneos, os raios do Sushumna se disseminam por todo o corpo, a meio caminho entre os nervos e os vasos sanguíneos os Nadis positivos e negativos. A descrição de Sushumna é a seguinte na ciência da Respiração:

“Quando o Folego entra e sai, um momento pela narina esquerda, e outro pela narina direita, isso é também Sushumna. Quando o Prâna está nesse Nadi, ardem os fogos da morte, chama-se a isso Vishuna. Quando ele se move um momento pela narina direita e outro pela narina esquerda, chama-se a isso o estado desigual (Vishunabhâva); quando ele se move através dos dois ao mesmo tempo, a isso os sábios chamam Vishuna”.

E mais:

“(É Sushumna) no tempo da passagem do Prâna do Ida para o Pingala, ou vice-versa; e também no da mudança de um Tatwa para outro”.

Então, o Sushumna tem duas outras funções. Chama-se-lhe Veda-Veda numa das suas manifestações e Sandhycasandhi na outra. Como, entretanto, as direções direita e esquerda do Prâna cardíaco coincidem com a esquerda e a direita da corrente espinal, há escritores que se dispensam do duplo Sushumna; na opinião deles, só o canal espinal é o Sushumna: o Utaragîta e o Shaíachakra Nirúpana são as obras que defendem esse parecer. Esse método de explicação remove boa parte da dificuldade; a mais alta recomendação deste modo de ver já na sua simplicidade relativa. A corrente do lado direito do coração e a corrente do lado esquerdo da espinha dorsal podem ambas, sem dificuldade alguma, ser tomadas pelas correntes espinhais do lado esquerdo, como as duas correntes restantes podem ser tomadas pelas correntes espinhais do lado direito.

Outra consideração favorece este modo de ver: o sistema nervoso representa o sol; o sistema sanguíneo, a lua. Segue-se daí que a força real da vida se acha nos nervos. As fases positiva e negativa – solar e lunar – da matéria vital não são fases diferentes de Prâna, a matéria solar. A matéria mais remota e, por conseguinte, a mais fria, é negativa em face da mais próxima e mais quente. É a vida solar que se manifesta nas fases variadas da lua. Deixando de parte os termos técnicos, é a própria força nervosa que se manifesta, no sistema dos vasos sanguíneos, sob formas variadas. Os vasos sanguíneos não são senão os receptáculos da força nervosa. Logo, no sistema nervoso, a vida real do corpo grosseiro é realmente Ida, Pingala e Sushumna. Estes são, no caso presente, a coluna espinal e os simpáticos direito e esquerdo com todas as suas ramificações através do corpo.

O desenvolvimento dos dois centros é, assim o primeiro estágio no desenvolvimento do feto. A matéria que se junta sob a influência do centro norte é a coluna espinal; a matéria que aglomera em redor do centro sul e o coração. A rotação diurna reparte essas colunas ou canais em divisões direitas e esquerdas. Então, a influência recíproca dos dois centros um contra o outro, desenvolve em cada um desses centros uma divisão superior e uma divisão inferior. Produz isto quase que da mesma forma e sobre o mesmo princípio que os de uma garrafa de Leyde carregada de eletricidade positiva em contato de um botão negativo. Cada um desses centros é, assim, dividido em quatro partes: 1º) o lado direito positivo; 2º) o lado esquerdo positivo; 3º) o lado direito negativo; 4º) o lado esquerdo negativo. No coração, essas quatro divisões denominam-se aurículas e ventrículos direitos e esquerdos. Os Tantras chamam a essas quatro divisões as quatro pétalas do loto cardíaco e as indicam por letras variadas.

As pétalas positivas do coração formam o centro de onde procedem os vasos positivos, as artérias: as pétalas negativas são os pontos de partida dos vasos negativos, as veias. Esse Prâna negativo é fecundo mediante o auxílio de dez forças: 1º) Prâna; 2º) Apâna; 3º) Samâna; 4º) Vyâna; 5º) Udâna; 6º) Krikala; 7º) Nâga; 8º) Devadata; 9º) Dhananjava; 10º) Kûrma; essas dez forças chamam-se Vayús. O vocábulo Vayú deriva-se da raiz *va*, mover-se, e não significa nada mais do que *um poder motor*. Os Tantristas não devem ser incriminados de defini-lo como um gás. Mais tarde falarei desses Vayús como de forças ou de poderes motores de Prâna. Essas dez manifestações de Prâna são reduzidas por alguns às cinco primeiras somente, considerando que as outras não são senão modificações das primeiras, as únicas importantes entre as funções de Prâna; isto, entretanto, não é senão uma questão de divisão da pétala positiva esquerda, o Prâna se junta a um Nadi que se ramificado interior do peito, nos pulmões e de novo se reúne num Nadi que se abre na pétala negativa direita. Essa corrente inteira forma um como

círculo (Chakra). A esse Nadi chama-se na ciência moderna, a artéria e veia pulmonares. Ambos os pulmões vêm à existência pelos trabalhos alternativos dos Prânas positivo e negativo dos poderes de leste e de oeste.

Semelhantemente, da pétala positiva, lado direito, partem diversos Nadis que se encaminham, ao mesmo tempo, para cima e para baixo, em duas direções; a primeira, sob a influência do poder norte; a segunda, sob a influência do poder sul. Esses dois Nadis se abrem na pétala negativa esquerda, depois de, um caminhar circular através das porções superiores e inferiores do corpo.

Entre a pétala positiva esquerda e a pétala negativa direita, há um círculo (chakra): esse Chakra compreende a artéria pulmonar, os pulmões e a veia pulmonar. O peito cede lugar a esse Chakra, que é positivo em relação às porções inferiores do corpo, por onde correm as ramificações do Chakra inferior, que liga as pétalas positiva direita e negativa esquerda.

No Chakra, supra mencionado (na cavidade do peito), se nos depara a sede de Prâna a primeira e a mais importante das dez manifestações. Sendo a inspiração e a expiração um indício verdadeiro das mudanças de Prâna, as manifestações pulmonares receberam o mesmo nome. Com as mudanças de Prâna, temos uma mudança correlativa nas outras funções da vida. O Chakra negativo inferior contém as sedes principais de algumas outras manifestações da vida; este Apâna está localizado no intestino delgado; Samâna no umbigo e assim por diante. Udâna está localizado na garganta; Vyâna por todo o corpo. Udâna causa eructação; Kûrma provoca o abrir e o fechar dos olhos; Krikala, no estômago, causa fome. Em suma, procedente das quatro pétalas do coração, temos um tecido inteiro desses vasos sanguíneos. há duas séries desses vasos sanguíneos deitados um ao lado do outro em cada parte do corpo, em conexão com inúmeros canaizinhos, os vasos capilares.

Lemos no Prashnopanishad:

Do coração partem os Nadis. Deles há uns 101 principais (Pradhâna Nadis). Cada um destes se ramifica em 100; cada um destes últimos em, 72.000.

Assim, há 10.100 ramificações de Nadis, 727.200.000 ainda mais pequenos, que se chamam Nadisraminhos; a terminologia é imitada da árvore. A raiz está no coração; dele procedem ramos variados. Estes se distribuem em vasos ramificados e estes ainda em vasos menores; todos esses Nadis reunidos são 727.210.201.

Ora, o Sushumna é um destes; os outros são distribuídos por metade dos dois lados do corpo. Assim, lemos na Kathopanishad (6.º Valli, 16.º Mantra):

“Cento e um Nadis estão em conexão com o coração. Um destes vai para a cabeça. Extinguindo-se por ali, a gente forma-se imortal Os outros convertem-se na casa da rejeição do princípio vital fora de outros estados variados”.

Este que se dirige para a cabeça, observa o comentador, é o Sushumna; o Sushumna, então, é o Nadi cujo substrato ou reservatório de força é a espinha dorsal. Dos principais Nadis restantes, o Ida é o reservatório da força vital que opera na parte esquerda do corpo, que tem cinquenta Nadis principais. De igual maneira, a parte direita do corpo possui cinquenta Nadis principais. Estes continuam a dividir-se como precedentemente. Os Nadis da terceira ordem tornam-se tênues e, por isso, só podem ser vistos com o microscópio. As ramificações do Sushumna por todo o corpo servem, durante a vida, para transportar o Prâna da porção positiva para a porção negativa e vice-versa. No caso do sangue, são os vasos capilares modernos.

Os vedantinos, naturalmente, tomam o coração como ponto de partida dessas ramificações. Os yogis, no entanto, procedem do umbigo. Assim, no Livro da ciência da Respiração, lemos:

“Da raiz situada no umbigo, procedem 72.000 Nadis que circulam em todo o corpo. É aí que dorme a deusa Kundalini, como uma serpente. Desse centro (o umbigo), se erguem dez Nadis e dez Nadis descem, dois a dois, tortuosamente”.

O número 72.000 resulta do seu cálculo particular. Pouco importa a divisão que adotamos se compreendemos a verdade da coisa.

Ao longo desses Nadis correm as forças variadas que formam e sustentam o homem fisiológico. Esses canais se reúnem em diversas partes do corpo como centros de manifestações variadas de Prâna: é como

a água que cai de uma colina e se junta em lagos diversos, de cada um dos quais emanam rios. Esses centros são:

1) Centros do poder da mão; 2) Centros do poder do pé; 3) Centros do poder da palavra; 4) Centros do poder excretivo; 5) Centros do poder reprodutor; 6) Centros do poder digestivo e absorptivo; 7) Centros do poder respiratório; 8) Centros do poder dos cinco sentidos.

Aqueles Nadis que operam nas saídas do corpo desempenham as mais importantes funções; chamam-se lhes, por conseguinte, os dez principais Nadis de todo o sistema. São eles:

1- Ghandârî, indo para o olho esquerdo.

2- Hastijihva, indo para o olho direito.

3- Púsha, indo para o ouvido direito.

4- Yashasvinî, indo para o ouvido esquerdo.

5- Alambusha ou Alammukha (como variante de um M.S), indo para a boca. É, evidentemente, o canal alimentar.

6- Kahû, indo para os órgãos reprodutores.

7- Shankhinî, indo para os órgãos excretores.

8- Ida, conduzindo para a narina esquerda.

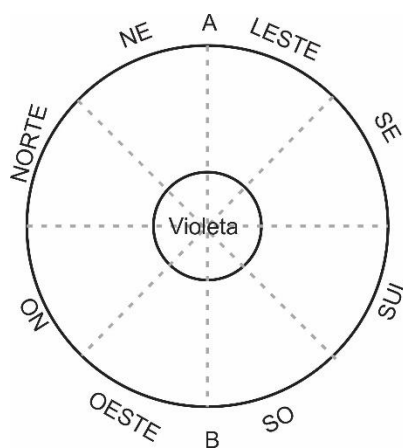
9- Pingala, conduzindo para a narina direita. Parece que esses nomes são dados a esses Nadis locais, pela mesma razão que a manifestação pulmonar de Prâna é conhecida sob o mesmo nome.

10- Sushumna, cujas fases e manifestações variáveis já deixámos explicadas.

Há, além disso, dois escoadouros do corpo que recebem o seu desenvolvimento natural na mulher: são os seios. Pode bem ser que o Nadi Damîni, de que não se fez nenhuma menção especial, se encaminhe para uma deles. Seja como for, o princípio da divisão e da classificação é claro e como que aceito atualmente.

No sistema existem também centros de poderes morais e intelectuais.

Lemos, assim, no Vishramopanishad (a figura junta explicará a tradução):



1. "Quando a inteligência fica na porção (ou pétala) oriental, que é de cor branca, ela se inclina então para a paciência, a generosidade e o respeito.

2. "Quando a inteligência permanece na porção sudeste, que é de cor vermelha, ela propende para o sono, o torpor e o mal.

3. "Quando a inteligência pára na porção sul, ela dá pendor para a cólera, a melancolia e as más tendências.

4. "Quando a inteligência permanece na porção sudoeste, que é de cor azul, dá pendor para o ciúme e a astúcia.

5. "Quando a inteligência fica na porção leste, que é de cor morena, faz propender para o riso, o amor e a alegria.

6. "Quando a inteligência pára na porção noroeste, que é de cor índigo, faz inclinar para a ansiedade, o desgosto continuo e a apatia.

7. "Quando a inteligência estaciona na porção norte, que é de cor amarela, dá propensão para o amor, a alegria e a adoração.
8. "Quando a inteligência fica na porção nordeste, que é de cor branca, ela inclina para a piedade, a caridade, a reflexão e a religião.
9. "Quando a inteligência permanece nos Sandhis (conjunções) dessas porções, então sobrevêm o mal estar e a confusão no corpo e na casa, e ela faz propender para os três caprichos.
10. "Quando a inteligência se detém na porção media, que é de cor violeta, a consciência ultrapassa as qualidades (as três qualidades de Mâya) e inclina para a inteligência".

Quando um desses centros está em ação, a inteligência fica consciente da mesma espécie de sensação e inclina para ele. Os passes mesméricos só, servem para excitar esses centros.

Esses estão localizados tanto na cabeça como no peito, na região abdominal, nos rins, etc.

São esses centros, assim como o coração mesmo, que se denominam Padmas ou Kamalas (loto), alguns destes são grandes, outros pequenos, pequeníssimos. Um loto tântrico é tipo de um organismo vegetal, uma raiz com ramos variados e, por conseguinte, com raízes das Padmas, os Nadis que se ramificam nesses centros são os seus diversos ramos.

Os plexos nervosos dos anatomistas modernos coincidem com esses centros. Do que acima temos dito, parece que eles são constituídos por vasos sanguíneos. Mas a única diferença entre os nervos e os vasos sanguíneos é a mesma que a que existe entre os Prânas positivo e negativo; os nervos formam o sistema positivo, o vaso sanguíneo o sistema negativo do corpo. Por onde quer que haja nervos, há vasos correspondentes. Ambos denominam-se indiferentemente Nadis. Uma série tem por centro o loto do coração; a outra, o loto de mil pétalas do cérebro. O sistema dos vasos sanguíneos é uma pintura exata do sistema nervoso; a sua sombra, em verdade. Como o coração, tem o cérebro as suas divisões superiores e inferiores, o cérebro e o cerebelo, e, da mesma forma, as suas divisões direitas e esquerdas. Os nervos que vão para os dois lados do corpo e que deles voltam, juntamente com os que vão para as divisões superiores e inferiores, correspondem às quatro pétalas do coração. Esse sistema possui, pois, tantos centros de energia como o outro. Esses centros coincidem em posição. São, com efeito, os mesmos; os plexos nervosos e os gânglios da anatomia moderna. Assim, segundo me parece, os Padmas tântricos não só somente os centros do poder nervoso do Prâna positivo norte, mas também, e necessariamente, os do Prâna negativo.

A tradução da Ciência da Respiração que é apresentada ao leitor tem duas secções que enumeram as ações variadas que devem ser realizadas durante o fluxo da respiração positiva e durante o da respiração negativa.

Elas não mostram nada mais do que aquilo que pode ser facilmente verificado; que certas ações são mais bem-feitas pela energia positiva e as outras pela energia negativa. A absorção das substâncias químicas e das suas transformações são atos como os outros; certas substâncias químicas são melhor assimiladas pelo Prâna negativo (*), e outros pelo Prâna positivo (**).

Certas sensações, das nossas, produzem efeitos mais duráveis sobre o Prâna negativo, e outras sobre o Prâna positivo.

O Prâna tem agora disposto a matéria grosseira do útero nos sistemas nervosos e sanguíneos. O Prâna, como já vimos, é constituído de cinco Tatwas e os Nadis não servem senão das linhas por onde as correntes tatwicas possam correr. Os centros tatwicos supra citados são centros de força tatwica; os centros tatwicos da parte direita do corpo são solares, os da parte esquerda, lunares. Essas duas series de centros, ao mesmo tempo centros solares e centros lunares, são de cinco sortes; a sua espécie é determinada pelos chamados gânglios nervosos; os gânglios semi-lunares são o reservatório do Apas Tatwa. Temos igualmente reservatórios das outras forças.

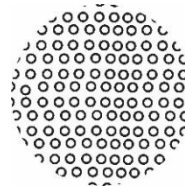
Desses reservatórios centrais, as correntes tatwicas correm seguindo as mesmas e realizando as ações variadas que lhes estão reservadas na economia fisiológica. Tudo quanto, no corpo humano, possui mais ou menos coesão é feito de Prithivi Tatwa. Mas, no corpo, os Tatwas diversos trabalham imprimindo diferentes qualidades nas diversas partes do corpo.

* O leite e as outras substâncias gordas, por exemplo.

** Tal como a alimentação quando é digerida pelo estomago

O Vayú Tatwa, entre outros, preenche as funções de engendrar a pele e alimentá-la, o positivo nos dá a pele positiva e o negativo nos dá a pele negativa. Cada uma delas conta seis camadas.

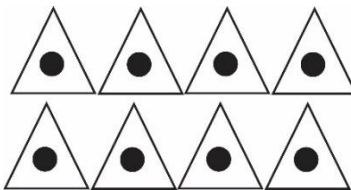
1) Vayú-Puro; 2) Vayú-Agni; 3) Vayú-Prithivi; 4) Vayú-Apas; 5) Vayú-Akasa.



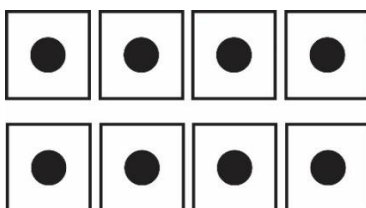
Essas cinco classes de células têm as formas seguintes:

1. Vayú-Puro. É a esfera completa do Vayú.

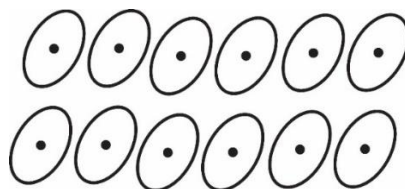
2. Vayú-Agni. O triângulo é superposto na esfera, e as células quase que apresentam o corte seguinte:



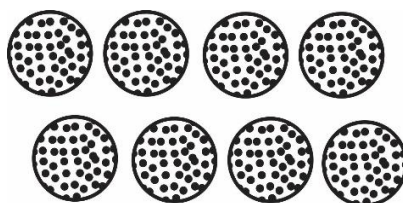
3. Vayú-Prithivi. É o resultado da superposição do Prithivi quadrangular no Vayú esférico.



4. Vayú-Apas. – Uma como elipse: a meia lua colocada na esfera.



5. Vayú-Akasa. A esfera achatada pela superposição do círculo e pontilhada.



Um exame microscópico da pele mostrará que as suas células apresentam esse aspecto.

Da mesma forma, os ossos, os músculos e a gordura têm nascimento no Prithivi, no Agni e no Apas. O Akasa aparece em posições variadas. Onde quer que haja lugar para uma substância, aí se encontra o Akasa. O sangue é uma mistura de substâncias nutritivas conservadas no estado fluídico pelo Apas Tatwa do Prâna.

Viu-se que, ao mesmo tempo que o Prâna terrestre é uma manifestação exata do Prâna solar, a manifestação humana é uma expressão exata de um e do outro. O microcosmo é uma pintura exata do macrocosmo. As quatro pétalas do loto do coração dividem-se realmente em doze Nadis (k, kh, g, gh, n, ch, chh, j, jh, n, t, th). O cérebro tem igualmente doze pares de nervos: são os doze signos do Zodíaco, ao mesmo tempo nas suas fases positivas e negativas. O sol se levanta trinta e uma vezes em cada signo. Temos, portanto, trinta e um pares de nervos. Em vez de pares, falaremos de Chakras (discos ou círculos), na linguagem do Tantras. Por onde quer que os trinta e um Chakras espinais ligados com os doze pares de nervos do cérebro passem através do corpo, temos correndo, lado a lado, os vasos

sanguíneos que procedem dos doze Nadis do coração. A única diferença entre os Chakras espinais e os Chakras cardíacos é que os primeiros estão colocados através do corpo, enquanto que os outros estão postos no sentido do seu comprimento. As cordas simpáticas consistem em linhas de centros tatwicos, os Padmas ou Kamalas. Esses centros se colocam nos trinta e um Chakras supra referidos. Assim, de cada um dos dois centros de ação o cérebro e o coração, os signos do Zodíaco em seus aspectos positivos e negativos, parte um sistema de Nadis. Os Nadis de cada centro correm em outro de tal forma que uma série se acha sempre lado a lado com outra. Os trinta e um Chakras da espinha dorsal recebem a luz dos trinta e um nascimentos de sol e lhes correspondem; e os do coração com os trinta e um ocasos de sol dos signos zodiacais. Nesses Chakras estão centros tatwicos variados; uma serie positiva, a outra negativa. Os primeiros rendem fidelidade ao cérebro com o qual estão ligados pelas cordas simpáticas, os últimos obedecem ao coração com o qual se acham em conexões variadas; ao duplo sistema chama-se Pingala do lado direito, Ida do lado esquerdo. Os gânglios dos centros Apas são semi-lunares, os dos centros Tejas, Vayú, Prithivi e Akasa são respectivamente triangulares, esféricos, quadrangulares e circulares. Os dos Tatwas compostos têm formas compostas. Cada centro tatwico possui gânglios de todos os Tatwas que o rodeiam.

Nesse sistema de Nadis, move-se o Prâna. Quando o sol passa pelo signo de Aries, no macrocosmo, o Prâna passa pelos Nadis (nervos) correspondentes do cérebro. Daí ele desce cada dia para a espinha dorsal. Ao nascer do Sol, ele desce ao primeiro Chakra espinal para o lado direito; e assim para o Pingala. Ao correr dos nervos do lado direito, ele se move, passando, ao mesmo tempo, pouco a pouco, para os vasos sanguíneos. Em cada dia, até ao meio dia, a força desse Prâna se torna, maior nos Chakras nervosos do que nos Chakras venosos. Ao meio dia, eles se tomam de força igual. À tardinha (ao pôr do sol), o Prâna tem passado com toda a sua força para os vasos sanguíneos. Daí ele se junta ao coração, centro negativo sul. Derrama-se então pelos vasos sanguíneos do lado esquerdo, passando gradualmente para os nervos. A meia-noite, está a força igualada; de manhã (Prâtahsandhyâ) o Prâna está justamente na espinha dorsal, daí entra ele a viajar ao longo do segundo Chakra (disco, círculo): é a carreira da corrente solar de Prâna. A lua dá origem ás outras correntes menores; a lua se move umas doze vezes mais rápida que o sol. Logo, enquanto o sol passa por um Chakra (isto é, durante sessenta ghâris dia e noite), a lua passa por doze Chakras impares. Por conseguinte, temos nós doze mudanças impares de Prâna durante 24 horas. Suponhamos que a lua principie também em Aries; ela começa, como o sol, no primeiro Chakra e leva 58 minutos e 4 segundos para chegar da espinha dorsal ao coração e outros tantos minutos para voltar do coração á espinha dorsal.

Ambos esses Prânas se movem, nos seus respectivos giros, ao longo dos centros tatwicos acima mencionados. Cada um deles está presente ao mesmo tempo sobre toda a mesma classe de centros tatwicos, em todos os lugares do corpo.

Ele se manifesta em primeiro lugar nos centros Vayú, depois nos centros Tejas, logo nos centros Prithivi e, por derradeiro, nos centros Apas. O Akasa vem depois de cada um e precede imediatamente o Sushumna. Quando a corrente lunar passa da espinha para o lado direito, a respiração sai da narina direita e, tanto tempo quanto a corrente de Prâna permanecer na parte posterior do corpo, os Tatwas se transformam do Vayú para Apas. Quando a corrente passa para a parte anterior da metade direita, os Tatwas voltam do Apas para o Vayú. Quando o Prâna passa para o coração, já não se sente mais o alento saindo do nariz. Quando ele passa do coração para o lado esquerdo, entra o alento a correr para fora da narina esquerda e, por tanto tempo quanto ele estiver na parte anterior do corpo, os Tatwas se mudam de Vayú para Apas. Eles se transformam de novo, como precedentemente, até que o Prâna atinja a espinha dorsal quando temos o Akasa de Sushumna. Tal é a mudança uniforme de Prâna que sofremos no estado de saúde perfeita. O impulso que foi dado ao Prâna em seu local pelas forças do sol e da lua, que dão o poder ativo e a existência ao Prâna, seu protótipo, o faz trabalhar da mesma forma para todo o sempre.

O trabalho do livre arbítrio humano e de certas outras forças mudam a natureza do Prâna local e o individualizam de tal sorte que elas o tornam distinto do Prâna universal, terrestre ou eclíptico. Com a natureza variável de Prâna, a ordem das correntes tatwicas, positivas e negativas, pode ser afetada em graus diversos. A moléstia é o resultado dessa variação. Com efeito, o escoar do alento é o mais seguro

indício das mudanças tatwicadas do corpo. O equilíbrio das correntes tatwicadas positivas e negativas tem o seu efeito na saúde, enquanto que a desorganização da sua harmonia produz a moléstia. A ciência do escoar do alento é, portanto, da mais alta importância para todo aquele que zela da sua própria saúde e da dos que o rodeiam; é, ao mesmo tempo, o mais elevado, o mais útil, o mais compreensível, o mais fácil e mais interessante ramo da yoga. Ela nos ensina a maneira de guiar o nosso querer para efetuarmos as mudanças desejadas na ordem e natureza das nossas correntes tatwicadas positivas e negativas. Isto se faz do modo seguinte: toda ação física é Prâna em certo estado; se não fosse o Prâna, não haveria ação e toda ação é o resultado das diferentes harmonias das correntes tatwicadas. Assim, o movimento de uma parte qualquer do corpo resulta da atividade dos centros Vayú nessa parte. Da mesma forma, onde quer que haja atividade nos centros Prithivi, temos um sentimento de alegria, e satisfação. As causas das sensações são semelhantes.

Reconhecemos, que, enquanto estamos deitados, mudamos de lado quando a respiração sai pela narina correspondente. Daí concluímos que, se estamos deitados de um lado ou de outro, a respiração se escoara pela narina oposta. Portanto, quando julgarmos necessário mudar pelas positivas as condições negativas do nosso corpo, temos que recorrer a esse expediente. Mais tarde empreendemos uma investigação nos efeitos fisiológicos de Prâna sobre a espiro grosseira e sobre os efeitos contrários da ação grosseira sobre o Prâna.

O Prânamaya Kosha (espiro de vida) se muda em três estados diferentes durante o dia e a noite: a vigília o sonho, o sono (Jâgrat, Svapna, Susupti). Essas três mudanças produzem mudanças correspondentes no Manomaya Kosha, (o corpo mental) e, daí provém a consciência das mudanças de vida. Com efeito, a inteligência reside atrás do Prâna. As cordas (linhas tatwicadas) daquele instrumento são mais finas que as deste; e que, no primeiro, durante o tempo, temos um número maior de vibrações do que no último. No entanto, as suas tensões se suportam reciprocamente, numa relação tal que, sob as vibrações de uma, a outra entra a vibrar por si mesma. As mudanças dão, pois, a inteligência uma aparência semelhante e produz-se a consciência, do fenômeno. Entretanto, não tratareis disto por hora. O meu objetivo atual é descrever todas essas mudanças de Prâna, naturais ou induzidas, que constituem a soma da nossa experiência do mundo e que, durante os séculos da evolução, acordaram o próprio espírito do seu estado latente. Essas mudanças, como eu já disse, dividem-se por si mesmas em três estados gerais: a vigília, o sonho e o sono.

A vigília é o estado positivo; o sono, o estado negativo de Prâna; o sonho é a conjunção dos dois (Sushumna Sandhi). Como já ficou estabelecido, a corrente solar viaja numa direção positiva durante o dia, enquanto estamos acordados. Quando se aproxima a noite, a corrente positiva se assenhoreia do corpo. Ela ganha tanta força que os órgãos sensoriais e os órgãos ativos perdem todas as relações com o mundo exterior.

A percepção e a ação cessam e o estado de vigília desaparece.

O excesso da corrente positiva distende as cordas dos diferentes centros de trabalho e, por essa razão, eles cessam de responder as mudanças etéricas ordinárias da natureza externa. Se, nesse momento, a força da corrente positiva ultrapassasse os limites ordinário, seguir-se-ia a morte, e o Prâna cessaria de ter qualquer conexão com o corpo grosseiro, veículo ordinário das mudanças tatwicadas externas. Mas, justamente no momento em que o Prâna sai do coração, a corrente negativa opera e entra a contrariar os efeitos de outro.

Quando o Prâna atinge a espiro dorsal, os efeitos da corrente positiva desaparecem e nós despertamos; se, nesse momento, a força da corrente negativa excedesse os limites ordinários, por uma causa ou por outra, seguir-se-ia a morte, mas justamente nesse momento, a corrente positiva opera a meia-noite e começa a contrariar os efeitos da outra. Um equilíbrio das correntes positivas e negativas retém, assim reunidos, o corpo e a alma; um excesso de força de uma ou da outra corrente faz desaparecer a morte. Vemos, pois, que há duas espécies de morte: a morte positiva ou espinal, e a morte negativa ou cardíaca. Naquela, os quatro princípios superiores saem do corpo através da cabeça, o Brahmarandhra, ao longo da espiro dorsal; nesta eles saem da boca através dos pulmões e da traque-arteria. Além dessas mortes, fala-se geralmente de mortes tatwicadas. Todas essas mortes assinalam os seis caminhos para os princípios superiores. Destas, no entanto, falaremos detidamente mais tarde. Neste estágio, estudemos a fundo as

mudanças de Prâna Há certas manifestações de Prâna que acha igualmente em vigor nos três estados. Como precedentemente já dissemos, essas manifestações têm sido classificadas por alguns escritores sob cinco epígrafes. Eles têm vários centros de trabalho em diferentes partes do Corpo, de onde eles asseguram o seu domínio sobre cada parte do corpo físico. Assim:

Positivo	Negativo
1. Prâna, pulmão direito.	1. Prâna, pulmão esquerdo.
2. Aprana, o aparelho que evacua os resíduos, o intestino delgado.	2. Apâna, o aparelho urinário.
3. Samâna, o estômago.	3. Samâna, o duodeno.
4. Vyâna, por todo o corpo, aparecendo em estados variados, em diferentes órgãos (lado direito).	4. Vyâna, por todo o corpo (lado esquerdo).
5. Udâna, para os centros espinhais e cardíacos (lado direito) e para a região da garganta.	5. Udâna, centros espinhais e cardíacos (lado esquerdo), etc.

1. Prâna é aquela manifestação da espira de vida que conduz o ar atmosférico do exterior para o sistema.
 2. Apana e aquela manifestação que lança de dentro para fora do sistema as coisas de que ele já não necessita.

3. Samana e aquela manifestação que introduz nutrição em cada parte do corpo.

4. Vipâna é aquela manifestação pela qual cada parte do corpo conserva a sua forma e resiste, por conseguinte ás forças de putrefacção que se afirmam num cadáver.

5. Udâna é aquela manifestação que volta as correntes de vida para os centros: o coração e o cérebro. É, pois, aquela manifestação que causa a morte local ou geral.

Se Prâna se desprende de uma parte qualquer do corpo (por uma ou outra razão), essa parte perde o seu poder de ação. É a morte local. Desse modo é que nos tornamos surdos, mudos, cegos, etc. Dessa maneira é que padece a nossa digestão e assim por diante. A morte geral é semelhante nas suas operações. Por um excesso de força de uma ou de outra das duas correntes, o Prâna fica no Sushumna e dali não se vai. A força adquirida pelo trabalho começa então a desaparecer. Quanto mais longe as partes estão dos centros o coração e o cérebro tanto mais cedo elas morrem. Assim é que o pulso deixa de ser sentido primeiramente nas extremidades e, em seguida, cada vez mais perto do coração, até que o não achamos mais em parte alguma.

Por outro lado, esse impulso para cima é que, sob condições favoráveis, causa o crescimento, a leveza e a agilidade.

Além dos órgãos do corpo já mencionados ou indicados, a manifestação de Vyâna serve para que os cinco órgãos dos sentidos e os órgãos da ação conservem a sua forma. Os órgãos do corpo grosseiro e os poderes do Prâna que se manifestam no trabalho têm ambos os mesmos nomes. Assim, temos:

Órgãos e Poderes ativos

1. Vak, os órgãos vocais e o poder da palavra.
2. Pâni, as mãos e o poder manual
3. Pâda, os pés e o poder de andar.
4. Pâyu, o anus.
5. Upasthâ, os órgãos da geração e os poderes que os congregam.

Orgãos e Poderes sensoriais

1. Chaksuh, o olho e o poder ocular.
2. Tvak, a pele e o poder tátil
3. Shrotra, o ouvido e o poder sonoro.
4. Rasanâ, a língua e o poder gustativo.
5. Gaudha, o nariz e o poder olfativo.

O facto é que os diferentes poderes são os órgãos correspondentes do princípio de vida. Será muito instrutivo o traçar as mudanças tatwicas e as influências dessas manifestações várias da vida.

Prâna, durante o período da saúde, opera em todo o sistema numa classe de centros tatwicos ao mesmo tempo. Vemos assim que, durante o curso da corrente positiva e durante o curso da corrente negativa, temos ao mesmo tempo cinco mudanças tatwicas. A cor do Prâna durante o predomínio da corrente negativa é branca pura; durante o da corrente positiva é branca avermelhada. A primeira é mais calma e suave que a derradeira.

As mutações tatwicas fornecem a cada, uma dessas cinco manifestações novas fases de cor. Ei-las aqui:

Positivo-Branco Avermelhado

1. O Vayú Tatwa, verde.
2. Agni Tatwa, vermelho.
3. Prithivi Tatwa, amarelo.
4. Apas Tatwa, branco.
5. Akasa Tatwa, negro.

Negativo-Branco Puro

1. O Vayú Tatwa, verde.
2. Agni Tatwa, vermelho.
3. Prithivi Tatwa, amarelo.
4. Apas Tatwa, branco.
5. Akasa Tatwa, negro.

Há, evidentemente, uma certa diferença entre as fases Tatwicas das cores positivas e negativas. Há, assim, dez fases gerais de cor.

A corrente positiva – o branco avermelhado – é mais quente que a negativa – o branco puro. Pode-se, pois, dizer, de modo geral, que a corrente positiva é a corrente negativa é fria. Cada uma delas sofre, pois, cinco mudanças de temperatura. O Agni é o mais quente, seguindo-se lhe o amarelo. O Akasa é estado que não aquece nem esfria. Esse estado é, pois, o mais perigoso de todos e, se for prolongado, causa a morte, o mal-estar e a fraqueza.

É evidente que, se os Tatwas refrigerantes não se põem em ação em tempo oportuno após os Tatwas aquecedores, para contrariarem o efeito acumulado por estes últimos, as funções da vida serão alteradas. A cor e a temperatura convenientes, pelas quais essas funções operam no seu vigor, serão perturbadas, e o mal-estar, a morte e a fraqueza não são nada mais do que essa perturbação em diversos graus. Semelhante é o caso se os Tatwas aquecedores não atuam em tempo oportuno depois dos Tatwas refrigerantes.

Compreender-se-á facilmente que essas mudanças de cor e de temperatura tatwica não são inopinadas. Passa, fácil e suavemente, uma para a outra e as misturas tatwicas produzem cores inumeráveis, tantas quantas, com efeito, o Prâna solar possui. Cada uma dessas cores tende a conservar o corpo em boa saúde, se ela permanece em ação tanto tempo quanto deve permanecer, mas apenas a direção muda, resulta daí a moléstia. Há, portanto, possibilidade de tantos incômodos, quantas cores há no sol.

Se a duração de uma cor qualquer for prolongada, deve haver uma ou mais de uma que lhe tenha cedido uma parcela da sua parte de duração; semelhantemente, se uma cor toma menos tempo do que deve, há uma ou mais que lhe tomam o lugar. Isto sugere-nos dois métodos no tratamento das moléstias.

Porém, antes de falarmos deles, ser-nos-á necessário penetrar por completo nos períodos ideais dos Tatwas. Voltemos agora ao Prâna; essa manifestação pulmonar do princípio de vida é a mais importante de todas porque o seu trabalho nos fornece a medida mais digna de fé do estado tatwico do corpo. Por isso é que o de Prâna foi dado de preferência a essa manifestação.

Ora, como o Prâna opera nos centros Tejas pulmonares (isto é, nos centros do éter luminoso), os pulmões recebem uma forma triangular de expansão, o ar atmosférico afluí e o processo da inspiração é completo. A cada Truti, imprime-se um impulso de regresso nas correntes de Prâna. Os pulmões

retomam, com essa corrente de retorno, o seu estado estacionário e expelle o excesso de ar: tal é o processo de expiração. O ar que é assim repellido dos pulmões reveste uma forma triangular; o vapor de água que contém esse ar nos fornece um método para testemunhar pela experiência essa verdade, em certa medida. Se tomarmos um vidro polido, brilhante e o colocarmos diante do nariz, soprando com firmeza sobre a sua superfície fria, o vapor de água do ar ficará condensado nela e veremos que superfície apresenta uma figura particular. No caso do Agne puro, a figura desenhada sobre o vidro será um triângulo. É bom que outra pessoa olhe atentamente para o espelho, porque a impressão se desvanece rapidamente e pode escapar a pessoa que sopra.

Com a corrente dos outros Tatwas, os pulmões são lançados nas suas formas respectivas e o espelho nos dá as mesmas figuras. Assim, no Apas, temos a meia lua; no Vayú, a esfera; em Prithivi, o quadrilátero. Com a composição desses Tatwas, podemos obter outras figuras, oblongas, quadradas, esféricas e assim por diante.

Pode-se assim verificar que o éter luminoso vincula os materiais tirados do ar atmosférico para os centros do éter luminoso e daí para cada parte do corpo. Assim os outros éteres transportam esses materiais para os seus centros respectivos. Não é necessário traçar os trabalhos das outras manifestações uma por uma. Pode-se dizer, entretanto, que, ainda que os cinco Tatwas operem em todas as manifestações, cada uma dessas manifestações é consagrada a um desses Tatwas. Desta arte, em Prâna, o Vayú Tatwa prevalece, em Samâna o Agni, em Apâna o Prithivi, em Vyâna o Apas, em Udâna o Akasa. Lembrarei ao leitor que a cor geral do Prâna é branca, e isto mostrará como o Apas Tatwa prevalece em Vyâna. As trevas do Akasa são as trevas da morte, etc, causadas pela manifestação de Udâna.

Durante a vida, essas dez mudanças se realizam em Prâna a intervalos de cerca de 26 minutos cada uma. Na vigília, o sono ou sonho, essas mudanças nunca cessam. Somente nos dois Sushumnas ou no Akasa é que essas mudanças se tornam potenciais por momentos, porque por eles é que essas manifestações tatwicas se mostram sobre o plano do corpo. Si esse momento se prolonga, as forças de Prâna permanecem potenciais, na morte, o Prâna fica assim no estado potencial, quando são afastadas essas causas que tendem a alongar o período de Sushumna e, por conseguinte, provocar a morte, esse Prâna individual passa do estado potencial para o estado atual positivo ou negativo, conforme o caso. Ele dá energia a matéria desenvolve na forma para a qual tendem as suas potencialidades acumuladas.

Pode-se dizer agora alguma coisa acerca do trabalho dos

Órgãos sensoriais e ativos

Todo trabalho, encarado de modo geral, é um movimento tatwico. Esse trabalho é capaz de ser levado a efeito, durante o estado de vigília; não porém, no sono ou em sonho. Esses dez órgãos têm cores gerais assim:

Órgãos sensoriais

1. Olho, Agni, vermelho.
2. Ouvido, Akasa, negro.
3. Nariz, Prithivi, amarelo.
4. Língua (gosto), Apas, branco.
5. Pele, Vayú, azul.

Órgãos ativos

1. Mão, Vayu, azul,
2. Pé, Prithivi, amarelo
3. Língua (palavra), Apas branco.
4. Anus, Akasa, negro.
5. Púbis, Agni, Vermelho.

Ainda que estes sejam os Tatwas que prevalecem geralmente nesses centros variados, todos os outros Tatwas existem neles, em posição subordinada. Assim, no olho, temos um amarelo avermelhado, um branco avermelhado, um negro avermelhado, um azul avermelhado, e, semelhantemente, em outros órgãos. Essa divisão em cinco, de cada uma dessas cores, só é geral; em realidade, há uma variedade inumerável de cores em cada uma delas.

A cada ato de cada um desses dez órgãos, o órgão em especial e todo o corpo em geral tomam uma cor diferente, a cor do movimento tatwico particular que constitui esse ato.

Todas essas mudanças de Prâna constituem a soma total da nossa experiência do mundo. Provido desse aparelho, o Prâna começa a sua peregrinação humana em companhia de uma inteligência que não é evoluída senão na medida em que ele redime o "Eu sou" do Ahankâra ou Vjinâna, o quarto princípio a partir de baixo, nessas manifestações de Prâna. O tempo imprime nele todas as cores inumeráveis do universo. As aparências visuais, tangíveis, gustativas, auditivas e olfativas em toda a sua variedade, se reúnem em Prâna da mesma forma que a nossa experiência diária nos ensina que uma corrente elétrica transporta diversas mensagens num só e mesmo instante. De igual maneira, as aparências dos órgãos ativos e as cinco funções gerais restantes do corpo se juntam nesse Prâna para se manifestarem em tempo oportuno.

Alguns exemplos tomarão isso mais claro. Em primeiro lugar, falaremos das

Relações sexuais

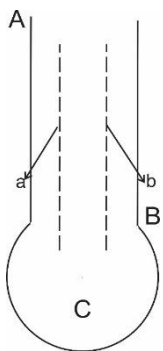
O Agni Tatwa gerador do macho é positivo; o da mulher, negativo. Àquele é mais quente, mais duro e mais agitado que este; este é mais frio, mais unido e mais calmo que aquele. Não falarei aqui senão da coloração de Prâna pela ação ou a não-ação desse poder, O Agni positivo tende a correr no negativo e vice-versa. Se não lhe é permitido fazê-lo, os impulsos repetidos desse Tatwa voltam sobre si mesmos, o centro adquire força maior e o Prâna inteiro vai-se, cada vez mais, colorindo diariamente de vermelho profundo. Os centros do Agni Tatwa tornam-se mais fortes na sua ação por todo o corpo, enquanto que os outros contraem um matiz vermelho geral. Os olhos e o estômago ficam mais fortalecidos. Se, no entanto, o homem se entrega aos seus instintos sexuais, o Prâna macho se acha colorido pelo Agni fêmea e vice-versa. Isso tende a debilitar todos os centros desse Tatwa e ministrar ao Prâna inteiro uma cor feminina. O estômago também torna-se frio, os olhos enfraquecem e o poder viril do homem desaparece. Se mais de um Agni fêmea individual toma posse do Prâna macho e vice-versa, o Tatwa antagonista geral torna-se mais profundo e mais forte, o Prâna inteiro fica viciado em maior escala; e daí resulta uma debilidade maior; a espermatorrêia, a impotência e outras tantas cores antagônicas tomam posse do Prâna. Além disso, as individualidades separadas dos Agnis machos ou fêmeas que se assenhorearam de um Prâna tenderão a repelir-se reciprocamente.

Suponhamos que um homem seja

Um andarilho

O Prithivi Tatwa dos pés adquire força; a cor amarela penetra o Prâna inteiro. Os centros Prithivi entram a trabalhar com vigor por todo o corpo; Agni recebe um reforço suave e salutar para o seu poder; o sistema inteiro propende para o equilíbrio da saúde – nem muito quente, nem muito frio – e um sentimento geral de satisfação acompanhado de vigor, de entusiasmo, um afã de gozo resulta daí. Exemplifiquemos mais uma vez as operações de

Vak (O Discurso, a Palavra)



e então terei terminado com os órgãos da ação. O poder (Shakti) da palavra (Vak, Sarasvati) é uma das mais importantes divindades do Panteão hindu. O principal elemento de Prâna que concorre para a formação desse órgão é o Apas Tatwa. A cor da deusa deve, pois, ser branca, como já se disse. As cordas vocais com a laringe adiante formam a Vinâ (instrumento da música) da deusa.

Nesta secção do aparelho vocal, AB é a tiroide, uma larga cartilagem que forma a projeção da garganta e muito mais proeminente no homem do que na mulher. Mais abaixo, jaz a cartilagem anular crinoide, C. Por detrás desta – ou para melhor dizer, por cima desta – estão esboçadas as cordas a e b.

Passando por essas cordas no ato da respiração, o ar atmosférico põe-nas em vibração e daí resulta o som. De ordinário, essas cordas se acham demasiado frouxas e, por isso, não podem dar som algum. O Apas Tatwa, a deusa da palavra, branca como o leite, preenche a importante função de esticá-las. Quando a cor rente semí-lunar do Apas Tatwa passa ao longo dos músculos dessas cordas, elas se enrugam e formam curvas que assim se tornam mais tesas.

A profundidade dessas curvas depende da força da corrente Apas. Quanto mais profundas são essas curvas, tanto mais tesas se mostram. A tiroide serve para variar a intensidade da voz assim produzida. Bastará isso para mostrar-nos que o poder motor real na produção da voz é o Apas Tatwa, ou Prâna. Há certas condições etéricas do mundo exterior, como facilmente se compreenderá, que excitam os centros do Apas Tatwa; a corrente passa ao longo das cordas vocais elas se distendem e o som se produz. Mas a excitação desses centros vem também da alma através da inteligência. No transcorrer da evolução, o emprego desse som como veículo do pensamento é o consórcio de Brahma (o Vijnánamaya Kosha, a alma) com Sarasvati, o poder da palavra, tal qual é localizado no homem.

O Apas Tatwa do aparelho vocal, não obstante ser a força motora principal na produção do som é modificado, consoante as circunstâncias, pela composição dos outros Tatwas, em graus variados. Até onde tem alcançado a investigação humana, obra de quarenta e nove dessas variações têm sido registradas com nome de Swara. Em primeiro lugar, há sete notas gerais; estas podem ser positivas e negativas (Tivra e Komala), e, além disso, cada uma delas pode ter três subdivisões. Essas notas tomam-se então componentes de oito Râgas e cada Râga tem diversas Râginis. As simples Bâginis podem ser compostas de outras e cada Râgini pode ter um grande número de arranjos de notas. As variações do som tomam-se assim quase inumeráveis. Todas variações são causadas pelas tensões variáveis das cordas vocais; a Vinâ de Sarasvati e as tensões variam pela força mutável da corrente Apas, causada pela superposição dos outros Tatwas.

Cada variação de som tem, então, uma cor própria que afeta o Prâna inteiro com a sua própria marcha. O efeito Tatwico de todos esses sons é notado nos livros de música; e moléstias variadas podem ser tratadas e tendências boas ou más podem ser impressas no Prâna pela força do som. Sarasvati é uma deusa onipotente e, para o bem ou para o mal, ela examina os Prânas, conforme os casos. Se um canto ou um é colorido pelo Agni Tatwa, o som comunica uma vermelha ao Prâna; semelhantemente, o Vayú, o Akasa e o Prithivi dão-lhe colorido azul, branco e amarelo. O canto colorido de vermelho provoca a veemência; pode causar a cólera, o sono, a digestão rubores. O som colorido de Akasa produz o medo, o esquecimento, etc. Os cantos podem dar igualmente ao nosso Prâna a cor do amor, da inimizade, da adoração, da moralidade, segundo os casos.

Demos volta a outra chave. Se as palavras que proferimos levam a cor do Agni Tatwa – cólera, amor, o nosso Prâna é colorido de vermelho e esse rubor volta sobre nós mesmos. Ela pode queimar a nossa substância, podemos parecer magros e abatidos, podemos ter outras mil moléstias. Terrível retribuição das palavras coléricas! Se as nossas palavras estiverem repassadas de amor divino e de adoração, de graça e moralidade, palavras que dão prazer e satisfação a quem quer que as ouça – as cores de Prithivi o de Apas tomam, amáveis e amados agradáveis e felizes – satisfatórios e sempre satisfeitos. A disciplina da própria palavra – o Satya de Patanjali – é assim uma das mais altas práticas da yoga.

As impressões sensoriais dão cor ao Prâna de modo semelhante. Se somos dados a muitas visões, a audição de sons agradáveis, a olfação de perfumes delicados, etc... as cores desses Tatwas serão reforçadas excessivamente e alcançarão o domínio sobre o nosso Prâna, Se nos apraz ver mulheres formosas, ouvir-lhes a voz, o céu nos preserve disso porque o menor e mais geral efeito será que os nossos Prânas hão de receber a coloração feminina.

Estes exemplos são suficientes para explicar como as cores tatwicas da natureza externa se juntam no Prâna. Todas as cores do universo já só acham aí presentes, da mesma forma que elas se encontram no sol, protótipo de Prâna. A coloração do que falei não é senão o reforço da cor particular na medida que as outras se submergem na sombra. Essa perturbação de equilíbrio é que causa, em primeiro lugar, a variedade do Prâna humano e, em segundo lugar, essas inúmeras moléstias de que a carne é herdeira. Daqui resulta evidentemente que toda a ação do homem dá ao seu Prâna uma cor separada e a cor afeta, a seu turno, o corpo grosseiro. Mas quando, em que a cor tatwica particular afeta o corpo? De ordinário,

debaixo das condições tatwicas similares do universo externo. Isto significa que, se Agni Tatwa tem adquirido força num Prâna durante uma divisão do tempo particular, a força se mostrará quando essa divisão do tempo particular voltar de novo. Mas antes de emprendermos uma solução desse problema, é necessário compreendermos as seguintes verdades:

O sol é o arqui-vivificador de cada organismo do sistema. No momento em que um organismo vem a existência, o sol muda a sua qualidade com relação, a esse organismo; ele torna-se, então, o sustentáculo da vida positiva nesse organismo. Durante essa vida, a lua começa lá, a seu modo, a influenciar o organismo; ela torna-se o sustentáculo da vida negativa. Cada um dos planetas estabelece no organismo as suas correntes próprias. Por amor a simplicidade, não temos falado ainda senão do sol e da lua, senhores respectivos das correntes positivas e das correntes negativas das metades direita e esquerda do corpo, do cérebro e coração, dos nervos e dos vasos sanguíneos. São as duas fontes mestras da vida, mas os planetas, importa lembrar, exercem uma influência modificadora sobre essas correntes. Assim, a condição tatwica real, num momento qualquer, é determinada pelos sete planetas tanto quanto pelo sol e pela lua. Cada planeta, depois de ter determinado a condição tatwica geral do momento, continua introduzindo no organismo mudanças que constituem a natividade. Essas mudanças correspondem à manifestação da cor do Prâna que se eleva nesse momento. Desta arte, suponhamos que a cor vermelha tenha entrado no Prâna quando a lua se achava no vigésimo grau do signo da Balança. Se não há influência perturbadora de qualquer outro luminar, a cor vermelha se manifestará por si mesma cada vez que a lua estiver na mesma posição; se houver influência perturbadora, a cor vermelha manifestar-se-á quando essa influência houver desaparecido. Ela pode mostrar-se no decorrer do mês ou pode ser adiada essa manifestação por algum tempo. É difícil determinar o tempo em que o efeito se há de realizar, dependendo isso, em boa parte, da força da impressão. A força da impressão pode ser dividida em dez graus, ainda que certos autores tenham ido mais longe.

1 – Momentânea. Este grau de força tem aí o seu efeito desde logo.

2 – 30° de força. Neste caso, o efeito se mostrará quando cada um dos planetas estiver no mesmo signo que no momento da impressão.

3 – 15° de força (Hora).

4 – 10° de força (Dreshkâna).

5 – 200' de força (Navânsha).

6 – 150' de força (Dvâdashânsha),

7 – 60' ou 10 de força (Trinshânsha).

8 – 1" (Kalâ).

9 – 1''' (Vipala).

10 – 1'''' (Truti).

Suponhamos que, num Prâna qualquer, em razão de uma ação, o Agni Tatwa obtém a mais forte preeminência possível, que consiste na preservação do corpo; o Tatwa começará então a produzir seu efeito aí, até que se tenha exaurido em certa medida; ele tornar-se-á latente e se mostrará quando, num instante qualquer os mesmos planetas estiverem situados nas mesmas casas. Alguns exemplos melhores explicarão esta asserção. Suponhamos que a posição seguinte dos planetas, em certo momento, indique a condição tatwica quando uma cor dada haja entrado no Prâna; seja terça-feira, a 3 de abril, num instante em que as posições dos astros sejam:

	Signo	Grau	M.	S.
Sol.....	II	22	52	55
Marte.....	5	28	1	40
Mercúrio	10	25	42	27
Saturno	3	9	33	30
Vênus.....	II	26	35	17
Lua.....	8	16	5	9
Júpiter	7	15	41	53

É nesse instante, suponhamos nós, que o ato supra referido se efetuou. O efeito presente ir-se-á com a corrente lunar de duas horas que pode passar nesse instante. Ele se tornará latente então, e permanecerá assim até à época em que esses planetas estiverem de novo na mesma posição. Essas mesmas posições podem ser, como já vimos, em número de nove ou mais.

Logo que o tempo exato passou ou que uma corrente obteve o predomínio em Prâna, o seu efeito sobre o corpo grosseiro torna-se latente. Ele se mostra de novo, de modo geral, quando as estrelas estão situadas nas mesmas casas. Uma parte da força é consumida nesse estado latente e a força torna-se latente para se mostrar com maior minuciosidade quando, num instante qualquer, as meias-casas coincidirem (e daí por diante) com as partes restantes supramencionadas. Pode-se dar um número qualquer de vezes em que não haja senão uma aproximação de coincidência e, então, o efeito tenderá a mostrar-se, ainda que, nesse instante, não seja ele senão uma tendência.

Essas observações, posto que necessariamente paupérrimas, propendem para mostrar que a impressão produzida sobre o Prâna, por um ato ainda que insignificante, leva tempo em realidade para apagar-se, quando as estrelas coincidem, em posição, em grau igual àquele em que o foi efetuado. Um conhecimento de astronomia é, assim, altamente essencial na religião védica oculta. As observações seguintes podem, no entanto, tomar um pouco mais inteligível o que acabamos de dizer.

O Pranayama Kosha, como já se tem notado tantas vezes, é uma pintura exata do Prâna terrestre. As correntes periódicas das forças sutis da natureza que estão na terra operam, no Princípio de vida, conforme as mesmas leis, da mesma forma que o Zodíaco, o Pranamaya Kosha é dividido em casas, etc. As inclinações norte e sul do eixo nos dão um coração e um cérebro. Cada um deles deitou doze ramificações que são os doze signos do Zodíaco. A rotação diurna nos dá os trinta e um Chakras de que anteriormente se falou. Esses Chakras têm todas as divisões dos signos do Zodíaco.

Da divisão em semi-casas, já tratamos; há semi-casa positiva e semi-casa negativa. Temos, por conseguinte, o terço, o nono, o duodécimo, e assim por diante, do grau, ou as suas divisões e subdivisões. Cada Chakra, ao mesmo tempo diurno e anual, é, com efeito, um círculo de 360° como os grandes círculos das esferas celestes.

Através desse Chakra está estabelecida uma sucessão de sete sortes de correntes de vida:

(1) Solar; (2) Lunar; (3) Marte, Agni; (4) Mercúrio, Prithivi; (5) Júpiter, Vayú; (6) Vênus, Apas; (7) Saturno, Akasa.

É realmente possível que, ao comprido do mesmo Chakra, possam passar todas essas correntes, ou uma qualquer, ou diversas dentre elas num só e mesmo instante. O leitor que se lembre das correntes elétricas. É evidente que o estado real de Prâna é determinado pela posição dessas diversas correntes localizadas.

Se uma ou mais dessas correntes tatwicis é reforçada por um dos nossos atos sob uma posição qualquer das correntes, é somente quando tivermos num mesmo grau a mesma posição das correntes que o efeito tatwico fará em plena força a sua aparição.

Pode haver também aparências de leve poder a instantes variados; mas a força inteira não será jamais esgotada, desde que não tenhamos a mesma posição dessas correntes na menor divisão de um grau. Isto leva período sobre períodos de tempo e é absolutamente possível que o efeito desapareça na vida presente. Daí vem a necessidade da Reencarnação sobre a terra.

Os efeitos tatwicos acumulados do trabalho dá uma vida dão a cada vida um matiz geral que lhe é peculiar. Esse matiz apaga-se gradualmente e as cores que o compõem passam ou diminuem de intensidade uma a uma.

Quando cada uma dessas cores componentes está pouco a pouco, suficientemente apagada, a cor geral de uma vida desaparece. O corpo grosseiro que fora engendrado por essa cor particular cessa de corresponder ao Prâna, agora colorido geralmente de modo diferente. O Prâna não sai de Sushumna; daí resulta

A Morte

Como já dissemos, as duas formas ordinárias da morte são: a morte positiva pelo cérebro e a morte negativa pelo coração; é a morte pelo Sushumna.

Nesta, os Tatwas são todos potenciais. A morte pode também efetuar-se através dos outros Nadis; neste caso, deve haver sempre predomínio de um ou de outro das Tatwas. O Prâna, depois da morte, vae para diferentes regiões, consoante os caminhos pelos quais sai do corpo. Assim:

1. O Sushumna negativo o conduz á alma.
2. O Sushumna positivo o leva ao sol.
3. O Agni dos outros Nadis o transporta á montanha conhecida pelo nome de Raurava (o fogo).
4. O Apas dos outros Nadis o conduzem para a montanha conhecida pelo nome de Ambarisha, e assim por diante; o Akasa, o Vayú e o Prithivi levam-no para Audhatâmisra, Kalasutra e Mahâkâla respectivamente (veja-se Yoga Sûtra, Pada II, Aphorismo 26, Comentários).

O caminho negativo é o que é geralmente tomado por Prâna. Esse caminho vai ter a lua (o Chandraloka) porque a lua é a senhora do sistema negativo, das correntes negativas e do Sushumna negativo – o coração que é, por conseguinte, uma continuação do Prâna lunar. O Prâna que tem a cor geral negativa não pode mover-se senão ao longo desse caminho e é transferido naturalmente para os reservatórios, centros do Prâna negativo. Os homens, nos quais a corrente lunar de duas horas passa mais ou menos regularmente, tomam por esse caminho.

O Prâna que perdeu a intensidade da sua cor terrestre presta energia a matéria lunar de acordo com sua própria força e assim estabelece aí, para si mesmo, uma espécie de vida passiva; a inteligência está aqui em estado de sono. As impressões tatwicas das forças reunidas passam por diante delia da mesma forma que nos nossos sonhos terrestres. A única diferença é que, nesse estado, não há força superposta da indigestão para tornar as impressões tatwicas tão fortes e inopinadas que se tornam terríveis.

Esse estado de sonho caracteriza-se por uma calma e extrema. Posto que a nossa inteligência possua em si experiências interessantes deste mundo, posto que tenhamos pensado, ou ouvido, ou visto, ou gozado, o sentido da satisfação e da alegria, a jovialidade dos Tatwas Apas e Prithivi, o sentido lânguido do amor do Agni, o olvido agradável do Akasa; todos aparecem, um após outro, numa calma perfeita.

As impressões dolorosas não se mostram, porque a dor nasce quando uma impressão mesma constrange a inteligência que não se acha em harmonia com aqueles que a rodeiam. Nesse estado é que a inteligência vive no Chandraloka, como se compreenderá melhor, quando falarmos das causas tatwicas dos sonhos. Escoam-se séculos nesse Loka, durante os quais a inteligência, consoante as mesmas leis gerais que existem para Prâna, gasta as impressões de uma vida precedente. As cores tatwicas intensas que a atividade incessante de Prâna aí chamava á existência enfraquecem-se gradualmente até que, por fim, a inteligência vem ajustar-se de modo permanente com o Prâna. Ambos perderam agora o matiz de uma vida precedente.

De Prâna pode dizer-se que tem uma aparência nova; da inteligência, que ela tem uma nova consciência. Quando ambos estão nesse estado, ambos são fraquíssimos, os efeitos tatwicos acumulados de Prâna começam a mostrar-se com a volta das mesmas posições dos astros. Estes nos atraem do Prâna lunar para o Prâna terrestre. A inteligência, nesse estádio, não tem individualidade digna de ser tomada em consideração de tal sorte que é puxada por Prâna para onde a sua afinidade a chama. Assim ela se junta a esses raios solares que trazem uma cor semelhante, a todas essas potencialidades que se mostram possíveis no homem futuro, ainda inteiramente latente. Com os raios do sol conforme as leis ordinárias da vegetação, passa-se para uma semente que traz cores semelhantes. Cada mente tem uma individualidade separada com que conta para a sua existência particular e pode haver, em mais de uma semente, humanas potencialidades, que lhe dão uma individualidade própria.

De maneira semelhante, as individualidades humanas voltam dos cinco estados que são conhecidos pelo nome de infernos; são os estados da existência póstuma fixada por aqueles que, em grau excessivo e violento, gozaram das impressões variadas de cada um dos Tatwas. Como a intensidade tatwica que perturba o equilíbrio e, por consequência, causa a dor, se gasta com o tempo, o Prâna individual passa-se para a esfera lunar e sofre, portanto, os mesmos estados supra descritos.

Ao longo da senda positiva, através do Brahmarandhra, caminham esses Prânas que ultrapassam os efeitos gerais do tempo e, por conseguinte, não voltam sobre a terra debaixo das leis ordinárias. É o tempo que reconduz os Prânas da lua, e a condição tatwica entra em jogo na volta das posições idênticas dos astros; mas, sendo o sol o guarda do próprio tempo e o mais poderoso fator na determinação da sua condição tatwica, seria impossível para o tempo solar o afetar o Prâna. Logo, somente viajam para o sol esses Prânas, nos quais não há quase nenhuma preponderância de uma cor tatwica qualquer: é o estado do Prâna dos únicos Yogis.

Pela prática constante dos oito ramos do Yoga, esse Prâna purifica-se de quaisquer cores que mui fortemente o personificam, e é evidente que, sobre tal Prâna, o tempo não pode ter efeito em circunstâncias ordinárias; elas passam para o sol. Esses Prânas não têm cores distintas personificantes; todas as cores que vão para o sol têm quase o mesmo matiz geral; mas as suas inteligências são diferentes. Elas podem distinguir-se umas das outras conforme o ramo de ciência que cultivarem, ou conforme os métodos particulares e variados de aperfeiçoamento mental que seguirem na terra. Nesse estado, a inteligência não depende das impressões de Prâna, como na lua. A prática constante do Yoga fez delia um trabalhador livre, que não depende senão da alma e que modela o Prâna pelos seus próprios contornos e lhe comunica as suas próprias cores. É uma espécie de Moksha.

Ainda que o sol seja o mais poderoso senhor da vida, e que a condição tatwica do Prâna não tenha mais efeito agora sobre o Prâna que passou pelo sol, ele é, não obstante, afetado pelas correntes planetárias e há momentos em que esse efeito é fortíssimo, de tal maneira que as condições terrestres nas quais as inteligências existiram anteriormente estão ainda presentes nelas. Um desejo de praticar o mesmo gênero de bem que elas praticaram, no mundo, na sua existência anterior se assenhoreia delas e, impulsionadas por esse desejo, voltam algumas sobre a terra.

Shankarâchârya notou, nos seus comentários sobre o Brahmasûtra, que Apantârtamâh, um dos Rishis védicos, apareceu assim sobre a terra como Krishna Dvipûyana pelos fins do Dvâ, para o começo do Kali Yoga.

Como é de desejar que o estudioso saiba tanto quanto possível acerca de Prâna, vamos apresentar mais abaixo algumas citações sobre o mesmo assumpto, tiradas das do Prashnopanishad. Elas imprimirão um interesse adicional ao assumpto e o apresentarão sob um aspecto mais compreensível e muito mais atraente.

Aquele que conhece o nascimento, a chegada, os lugares de manifestação, a regra e a aparência microcós mica de Prâna, se torna imortal por esse saber.

O conhecimento prático das leis da vida e uma subordinação da natureza inferior ás ordens de tais leis, deve naturalmente acabar pela passagem da alma para fora do lado sombrio da vida, para a luz original do sol. Isso significa a imortalidade, que é a passagem para fora do poder da morte terrestre.

Mas vejamos o que os Upanishads têm que dizer acerca do que se deve saber sobre o Prâna.

O Nascimento do Prâna

O Prâna nasce de Atmâ; nasce no Atmâ, como a sombra no corpo.

O corpo humano ou qualquer outro organismo vindo, como sucede, entre o sol e a porção de espaço situada do outro lado, lança uma sombra no oceano de Prâna. Semelhantemente, vê-se o Prâna como uma sombra na alma macrocós mica (Ishvara), porque a inteligência macrocós mica (Manu) intervém. Em suma, o Prâna é a sombra de Manu, causada pela luz do Logos, o centro macrocós mico. Os sóis devem o seu nascimento nessa sombra a impressão que ela recebe das ideias mentais macrocós micas. Esses sóis – os centros de Prâna tornam-se, por sua vez, os pontos de partida de desenvolvimento ulterior. Projetando a sua sombra pela intervenção dos sóis, os Manus dão, nessas sombras, origem aos planetas, etc. Com lançarem as suas sombras, os soes, pela intervenção dos planetas, dão nascimento ás luas. Esses diferentes centros começam, então, a agir sobre os planetas e o sol desce neles sob a forma de organismos variados, entre os quais está o homem.

A Aparência Macrocósmica

No macrocosmo, esse Prâna se acha como um oceano de vida com o sol por centro. Ele assume duas fases de existência: o Prâna, matéria de vida solar positiva; o Rayí, matéria de vida humana negativa. Aquela é a fase norte e leste; esta é a fase sul e oeste. A todo o momento da vida terrestre, temos assim os centros norte e sul de Prâna; os centros de onde partem as fases sul e norte da matéria de vida. As metades leste e oeste aí também se acham.

A cada instante – isto é, em cada Truti – há milhões de Trutis – organismos perfeitos – no espaço. Isto exige uma explicação: as unidades de tempo e de espaço são as mesmas – um Truti. Tomemos um Truti de tempo. É bem conhecido que, a cada instante, os Rayis tatwicos de Prâna seguem para todas as direções, de um ponto qualquer para outro.

Claro é, portanto, que cada Truti de espaço é uma pintura exata do aparelho inteiro de Prâna, com todos os centros, lados e relações positivas e negativas. Para bem dizer em poucas palavras, cada Truti de espaço é um organismo perfeito. No oceano de Prâna, que rodeia o sol, há inumeráveis desses Trutis.

Por serem eles essencialmente semelhantes, é fácil de compreender que as condições seguintes terão uma diferença na cor, aparência e forma desses Trutis.

1. Distância ao centro solar.

2. Inclinação sobre o eixo solar.

Tomemos a terra por exemplo. Esta zona de vida solar, considerando, ao mesmo tempo, a distância e a inclinação segundo as quais a terra se move, dá origem a vida da terra. Essa zona de vida terrestre chama-se eclíptica. Ora, cada Truti de espaço, nesta eclíptica, é um organismo individual separado. Quando a terra se move no seu giro anual, isto é, quando se muda o Truti de tempo, esses Trutis permanentes de espaço mudam as fases da sua vida; mas sua permanência não é jamais alterada; eles retêm toda a sua individualidade.

Todas as influências planetárias, pois, atingem sempre esses Trutis, onde quer que os planetas possam achar-se, na sua viagem. A distância e a inclinação, mudando-se, causam sempre, bem entendido, mudança de fase de vida.

Esse Truti de espaço, enquanto mantém a sua conexão com todos os planetas, envia os seus raios tatwicos, no mesmo instante, da sua posição permanente na eclíptica, a qualquer outro quarteirão do espaço. Eles chegam assim á terra.

É uma condição da vida terrestre que as correntes de vida positivas e. negativas – o Prâna e o Rayi – se equilibram. Quando, por conseguinte, nesse Truti eclíptico, as duas fases da matéria vital forem igualmente fortes, os raios tatwicos que vem desse Truti para terra prestam aí energia a matéria grosseira. O momento em que, pelas influências tatwicas dos planetas ou por outra causa qualquer, se destrói o equilíbrio, é o momento da morte terrestre. Quer isto dizer, simplesmente, que os raios tatwicos do Truti que caem sobre a terra cessam de dar energia á matéria grosseira, caindo ao mesmo tempo, apesar de tudo, e posto que o Truti seja inalterado na sua morada eclíptica permanente. Nesse estado póstumo, o Truti humano animará a matéria grosseira nesse quarteirão de espaço, cujas leis de predomínio relativo, negativo ou positivo coincidem com esse estado. Assim, quando a matéria de vida negativa, o Rayi, está inteiramente forte, a energia do Truti se transfere da terra para a lua. Semelhantemente, ele pode passar-se para outras esferas.

Quando o equilíbrio terrestre fica de novo restabelecido, quando essa vida póstuma está vivida, a energia se transfere de novo para a terra.

Tal é a aparência macrocósmica de Prâna, com as pinturas de todos os organismos da terra.

A chegada

Como é que Prânamaya Kosha – esse Truti do macrocosmo – vem para esse corpo? “Por ações em cujas raízes se encontra a inteligência”, diz brevemente o Upanishad. Tem-se explicado como cada ação muda a natureza do Pranayama Kosha e explicar-se-á, na resenha acerca da “Galeria de Quadros Cósmicos”, como essas mudanças se representam no reverso cósmico do nosso princípio de vida. É evidente que,

por essas ações, se traduz a mudança em a natureza relativa geral do Prâna, do Rayi de que se falou na presente parte deste esboço. É inteiramente necessário dizer que a inteligência — o livre arbítrio humano — se nos depara nas raízes dessas ações que perturbam o equilíbrio tatwico do princípio de vida. Logo, “o Prâna vem para esse corpo pelas ações em cuja raiz se topa a inteligência”.

As situações das manifestações

“Assim como o Soberano supremo diz aos seus súbditos: “Dirige tal ou tal aldeia”, assim também opera o Prâna. Ele coloca em lugares diversos as suas manifestações diferentes. No Pâyu (anus) e no Upasthâ se acha o Apâna (que dejeta os excrementos e a urina). No olho e na orelha se acham as manifestações conhecidas pelos nomes de vista e de ouvido (Chakshuh e Shrotra). Saindo da boca e do nariz, o próprio Prâna fica sendo o que é. Entre os lugares de Prâna e de Apâna (pelos lados do umbigo) existe o Samâna. É ele que conduz (por todo o corpo) o alimento (e a bebida) que é lançada no fogo. Daí essas sete luzes. (Por meio de Prâna, a luz do saber é lançada sobre a cor, a forma, o som, etc.).

“No coração está realmente Atmâ (o Prânamaya Kosha), e nele, realmente, as outras espiras. há aqui 101 Nadis; cada Nadi contendo 100 espiras. Em cada um destes ramos se acham 72.000 outros Nadis. Nestes se move Vyâna.

“Por um (o Sushumna) que sobe, o Udâna conduz-nos a mundos gloriosos por meio da bondade, e a mundos maus por meio do mal; por ambos, ao mundo dos homens.

“O sol é, realmente, o Prâna macrocômico; eleva e, por conseguinte, auxilia a vista. O poder que está na terra entretém o poder de Apana: o Akasa (a matéria etérica) que está entre o sol e a terra, auxilia a Samâna.

“A matéria de vida etérica (independente da sua existência entre o céu e a terra) que enche o espaço macrocômico, é Vyâna. .

“O Tejas — o éter luminoso — é Udâna; aquele cujo fogo natural jaz apagado (aproximação da morte).

“Então, o homem caminha para o segundo nascimento; os órgãos e os sentidos entram na inteligência: a inteligência do homem vem para Prâna (as manifestações cessam agora). O Prâna está combinado com Tejas; indo com a alma, ele a conduz às esferas que estão em vista”.

As manifestações diferentes de Prâna no corpo e nos lugares onde elas se produzem têm sido examinadas. Mas neste extrato, aparecem certas outras explicações interessantes. Tem-se dito que Atmâ esse Prânamaya Kosha, com as outras espiras, está realmente localizado no coração. O coração, já vimos, representa o lado negativo da vida — o Rayi Quando o Prâna positivo, que é propriamente localizado no cérebro se prime no Rayi — o coração e os Nadis que disso decorrem, as formas de vida com as ações do homem vem á existência. É, pois, rigorosamente falando, a reflexão no coração que opera no mundo, sendo essa reflexão a própria senhora dos órgãos sensoriais e os órgãos ativos, ao mesmo tempo, abandonam a vida o a conexão com o mundo cessa. A existência do cérebro, que não tem conexão imediata com o mundo, exceto através do coração, mantem-se agora na sua pureza, sem reserva, em suma, a alma vai para Suryloka (o sol).

O Prâna Externo

O ponto interessante, em seguida, é a descrição das funções do Prâna externo que reside na raiz do Prâna individualizado e o auxilia no seu trabalho. Tem-se dito que o sol é o Prâna. É isto assas evidente e tem sido mencionado por mais de uma vez anteriormente. A função mais importante da vida, a inspiração e a expiração, a função que, segundo a Ciência da Respiração, é a única lei da existência do universo em todos os planos de vida, e levada a existência e conservada em atividade pelo próprio sol. É o alento solar que constituo a sua existência, e este, refletindo-se no homem, dá origem ao alento humano.

O sol, então, aparece em outra fase. Ele se ergue e, agindo assim, auxilia os olhos na ação natural deles. De igual modo, o poder que está na terra sustenta a manifestação de Apâna do Prâna. É o poder que atrai cada coisa para a terra, lá diz o comentador. Em linguagem moderna, é a gravidez.

Pode-se dizer alguma coisa ainda acerca da manifestação Udâna, de Prâna. Como cada um sabe, há uma fase do Prâna microcômico que conduz tudo de um ponto para outro, os nomes, as formas, os sons, as visões. Isso é conhecido de outro modo como sendo o Agni universal ou o Tejas do texto. A manifestação localizada desta fase de Prâna chama-se Udâna, ou aquilo que conduz o princípio de vida de um ponto para o outro. O destino particular é determinado pelas ações passadas e esse Agni universal conduz o Prâna com a alma para diferentes mundos. Esse Prâna é, pois, um ser poderoso e se as suas manifestações localizadas operassem em uníssono e com temperança, realizando o seu dever próprio, sem usurpar o tempo nem o lugar dos outros, haveria pouco mal no mundo.

Mas cada uma dessas manifestações reivindica para si o seu único poder sobre a alma humana desgarrada. Cada uma delas reclama para si a vida inteira do homem, como se fosse o seu próprio domínio particular. "O Akasa, o Vayú, o Agni, o Prithivi, o Apas, a palavra, a vista e o ouvido, cada qual diz claramente que ele é o único monarca do corpo humano".

O Prâna principal, o mesmo de que aqueles são as manifestações, lhes diz: "Não vos esqueçais; sou eu que sustento o corpo humano, dividindo-o em cinco".

Se as cinco manifestações de Prâna com todas as suas subdivisões menores se revoltam contra ele, se cada uma entra a reivindicar para si a sua própria soberania e cessa de trabalhar para o maior proveito do senhor supremo, que é a vida real, a miséria aparece para fatigar a alma humana.

"Mas as manifestações de Prâna, cegas pela ignorância", não desejariam "avançar" segundo as admoestações do seu senhor.

"Ele deixa o corpo e quando o deixa, todos os outros Prânas menores o deixam também; eles aí permanecem quando ele fica.

"Então os seus olhos estão abertos.

"Assim como as abelhas seguem a sua rainha em cada vereda, assim também, nomeadamente a palavra, a inteligência, o olho, o ouvido, o seguem com devoção e assim o celebram.

"Ele é Agni, a causa do calor, é o sol (o dispensador da luz); é a nuvem, é o Indras, é o Vayú, o Prithivi, o Rayi e o Déva, o Sat e o Asat (*) e é o imortal.

"Como os raios no meio de uma roda cada coisa é mantida no Prâna – os hinos do Rig. do Yajur e do Sama, o sacrifício, os Kshtriyas e os Brâhmanes, etc.

"Tu és o progenitor: tu te moves no útero, tu nasces na forma do pai ou da mãe; a ti, o Prâna que habitas no corpo com as tuas manifestações, essas criaturas ofertam prendas.

"Tu és o condutor das oferendas aos Devas, tu és o condutor das oblações aos maiores, tu és a ação e o poder dos sentidos e das outras manifestações da vida.

"Tu és, ó Prâna, o grande senhor do poder, o Rudra destruidor e o defensor; tu te moves no céu como o sol, tu és o defensor das luzes do céu.

"Quando tu fazes chover, essas criaturas se enchem de alegria, porque esperam ter abundância de alimento.

"Tu és Prâna, puro por natureza; tu és o consumidor de todas as oblações, como o fogo Ekarshit (dos Atharvas); tu és o conservador de toda a existência; nós te oferecemos o alimento; tu és nosso pai como nosso juiz (ou o dispensador de vida do juiz).

"Torna sã essa aparência de ti que está alojada na palavra, no olho, no ouvido e que está estendida para a inteligência; não fujas dela.

"Tudo o que existe nos três céus, tudo isso está sob o poder de Prâna. Protege-nos como uma mãe protege o seu recém-nascido; dá-nos a riqueza e a inteligência.

Com essas palavras, termino a minha descrição de Prâna, o segundo princípio do universo e do corpo humano. Os epítetos consagrados a esse ser poderoso no seguinte extrato serão de uma compreensão fácil á luz do que precedentemente foi dito. É tempo agora de esboçarmos o trabalho da lei tatwica universal do Alento, sobre o plano seguinte, mais elevado da vida – a inteligência (Manomaya Kosha).

(*) Rayi e Asat são a fase negativa da matéria vital; Deva e Sat, é a fase positiva

A INTELIGÊNCIA

Introdução

Nenhuma teoria da vida do universo é, ao mesmo tempo, tão simples e tão grandiosa como a teoria da respiração (Svara). É o momento universal, que aparece em Maya, em virtude do substrato invisível do cosmos, o Parabrahman dos Vedântinos. A melhor expressão para Svara, em português, é a “corrente de vida”. A Ciência Hindu da Respiração investiga e formula as leis, ou antes, a lei universal, segundo a qual essa corrente de vida, esse poder motor da inteligência universal, passando ao longo do fio do pensamento, como Emerson exprime de maneira tão bela, governa a evolução e a involução e todos os fenômenos da vida humana, fisiológica, mental e espiritual no comprimento e na largura totais desse universo, não há fenômeno, grande ou pequeno, que não ache a sua explicação mais natural e conveniente na teoria dos cinco modos de manifestação desse movimento universal – os cinco Tatwas elementares. Nos ensaios precedentes, procuramos explicar, de modo geral, como todo o fenômeno fisiológico é governado pelos cinco Tatwas. O objeto do presente ensaio é passar em revista, brevemente, os fenômenos variados que se reportam ao terceiro corpo superior do homem o Manomaya Kosha, a inteligência e de notar de que modo simétrico e universal os tatwas efetuam a formação e a obra desse princípio.

Conhecimento

Em linguagem geral, o conhecimento é que distingue a inteligência da vida fisiológica (Prâna); ver-se-á porém, refletindo-se um pouco, que diversos graus de conhecimento podem muito bem ser tomados um pelo outro como característicos distintivos dos cinco estados da matéria a que, no homem, denominamos os cinco princípios. Porque é que o conhecimento não é senão uma espécie de movimento tatwico do alento, elevado a consciência de si mesmo pela presença, em maior ou menor grau, do alimento de Ahankâra (egoísmo)? É este, sem dúvida, o ponto de vista de onde o filósofo vedântino observa o conhecimento, quando ele fala da inteligência como poder motor da causa primeira do universo. O vocábulo Svara não é senão um sinônimo de inteligência, a manifestação do Uno descendo em Prakrite.

“Vejo alguma coisa”, significa, conforme a concepção que temos do conhecimento, que o meu Manomaya Kosha foi posto em estado de vibração visual.

“Ouço” Quer dizer que o meu Manomaya Kosha foi em estado de vibração auditiva.

Sinto, quero dar a entender que a minha inteligência se acha em estado de vibração tátil.

E assim por diante, relativamente aos outros sentidos.

“Amo”, desejo exprimir que a minha inteligência se acha em estado de vibração amorosa (uma das formas da atração).

O primeiro estado – o de Anandamaya – é o estado do mais elevado conhecimento. Não há, portanto, senão um centro, o substrato da infinidade inteira de Parabrahm, e as vibrações etéricas do seu alento são uma através de toda a extensão do infinito; o universo inteiro, com as suas potencialidades e atividades, é uma parte desse conhecimento. É o mais culminante estado de felicidade. Ele não tem aqui consciência de si, porque o Eu não possui senão uma existência relativa e deve haver um Ti ou um Si antes que possa haver um Mim.

O Ego toma forma quando, no segundo plano da existência, mais de um centro menor vem á existência: por essa razão é que o nome de Ahankâra foi dado a esse estado de matéria. Os impulsos etéricos desses centros estão confinados no seu domínio particular do espaço, e eles diferem em cada centro. Eles podem, entretanto, afetar-se mutuamente, da mesma forma.

Que os impulsos etéricos individualizados de um homem afetam os dos outros homens. O movimento tatwico de um centro de Brahmâ levam-no ao longo das mesmas linhas universais que o outro. Dois movimentos diferentes se encontram assim num centro, o impulso da mais forte chama-se Mim; da mais fraca, Ti ou Si, conforme o caso.

Então vem Manas, Virât é o centro, e Manu a atmosfera desse estado. Os centros estão fora do alcance da vista da humanidade ordinária, mas trabalham sob leis semelhantes às que dirigem o resto do Cosmos. Os sóis giram em redor dos Virâts da mesma forma que os planetas se movem em torno do sol.

As funções da inteligência

A composição do Manu é semelhante à do Prâna. Manu é composto de um grau mais subtil dos cinco Tatwas e essa subtileza crescente dota os Tatwas de funções diferentes.

Já foram expostas as cinco funções de Prâna; vêm, em seguida, as cinco funções de Manas tais quais são dadas por Patanjali e aceitas por Vyasa:

- 1) Meios de conhecimento (Pramâna);
- 2) Falso conhecimento (Viparyaya);
- 3) Imaginação complexa (Vijaipa);
- 4) Sono (Nidra);
- 5) Memória (Smriti).

Todas as manifestações da inteligência caem sob uma ou outra destas cinco dominantes. Assim, Pramâna compreende:

- a) Percepção (Pratyaksha);
- b) Inferência (Anumâna);
- c) Autoridade (Agama).
- d) Viparyaya compreende

- a) ignorância (Avidya, Tamas);
- b) Egoísmo (Asmitâ, Moha),
- c) Retenção (Râga, Muhâmoha);
- d) Repulsão (Tamisra Dvesha);
- e) Instinto de conservação (Abhinivesha, Andhatâmisra).

As três divisões restantes não têm subdivisões definidas. Vamos agora mostrar que todas as manifestações de pensamento são formas do movimento tatwico sobre o plano mental.

1. Meios de conhecimento (Pramâna)

O vocábulo Pramâna (meios de conhecimento) é derivado das duas raízes, o atributo *ma* e o derivativo *ana*, com o prefixo *pra*. A ideia original da raiz *ma* é "ir", "mover-se", por conseguinte, "medir".

O prefixo *pra* dá á raiz a ideia de plenitude, ligado, como se acha, á raiz *prí*, "encher". Aquilo que se move exatamente em cima ou em baixo, na mesma altura que outra coisa, é o Pramâna dessa coisa. Tornando-se o Pramâna de outra coisa, a primeira coisa recebe certas qualidades que antes não possuía. Isso é sempre efetuado por uma mudança de estado que provoca certa espécie de movimento, porque é sempre o movimento que causa a mudança de estado. É isso, com efeito, a significação exata do vocábulo Pramâna, aplicado a uma manifestação particular da inteligência.

Pramâna é um movimento tatwico particular do corpo mental: ele tem por efeito por o corpo mental em estado semelhante ao de qualquer outra coisa. A inteligência pode sofrer tantas mudanças os Tatwas externos são capazes de lhe imprimir, e essas mudanças foram classificadas por Patanjali sob três rubricas gerais.

a) Precepção (Pratyaksha)

É esse movimento de estado que as operações dos cinco órgãos dos sentidos produzem na inteligência. O vocábulo precedente compõe-se de prati, volta e aksha, poder sensorial, órgão dos sentidos. Daí vem essa vibração tatwica simpática que produz, na inteligência, um órgão dos sentidos em contato com o seu objeto. Essas mudanças podem ser classificadas em cinco artigos gerais conforma o número dos sentidos. O olho gera as vibrações de Tejas; a língua, a pele, o ouvido e o nariz, respectivamente, engendram as vibrações Apas, Vayú, Akasa e Prithivi. O Agni puro causa a percepção do vermelho. Tejas-Prithivi a do amarelo, o Tejas-Apas a do branco, o Tejas-Vayú a do azul e assim por diante. Outras cores se produzem na inteligência pelas vibrações mescladas de mil modos diferentes. O Apas dá a brandura, o Vayú a dureza, o Agni a rigidez. Vemos, através dos olhos, não só a cor, senão a forma. Os leitores hão de estar lembrados que uma forma particular é assignada a cada vibração tatwica, e que todas as formas da matéria grosseiras respondem às vibrações tatwicas correspondentes; assim a forma pode ser percebida através de cada sentido. Os olhos podem ver a forma, a língua pode saboreá-la, a pele pode tocá-la e assim por diante. Isto parecerá, sem dúvida, uma nova asserção, mas hão de lembrar-se de que a propriedade não se acha limitada á sua expressão exterior ou ato. O ouvido ouviria a forma se o emprego mais geral do olho e da pele, nesse desígnio, não o tivesse estrangido quase á inação. A forma única e diferenciada peio menos nos cinco modos e cada modo chama a mesma coisa por um nome diferente. Demonstra-se isso convenientemente pela fisiologia dos cinco órgãos dos sentidos.

As vibrações do puro Apas causam um sabor adstringente; as do Apas-Prithivi, um sabor suave; as do Apas-Agni um sabor quente; as do Apas-Vayú, um sabor ácido, e assim por diante, as outras variações inumeráveis de gosto são provocadas por vibrações intermediarias em graus variados.

Semelhante é o caso das mudanças vocais e dos outros modos de vibração. É claro que o nosso conhecimento perceptivo não é outra coisa mais do que um verdadeiro movimento tatwico do corpo mental, provocação pelas comunicações simpáticas das vibrações de Prâna, da mesma forma que um instrumento de cordas esticadas até certo grau entra a vibrar espontaneamente, quando se provoca uma vibração em outro instrumento semelhante.

b) INFERENCIA (Anumána)

O vocábulo Anumâna tem as mesmas raízes que a palavra Pramâna; a única diferença está no prefixo. Temos, aqui, anu, "depois" em lugar de pra. A inferência (Anumâna) é pois, o movimento-segundo. Quando a inteligência é capaz de suportar duas vibrações ao mesmo tempo, então se uma dessas vibrações é engendrada e percebida, a segunda vibração deve também manifestar-se. Assim, suponhamos que um indivíduo me belisca, as vibrações complexas produzidas pela ação do homem que me belisca, são registradas na minha inteligência, reconheço o fenômeno. Quase simultaneamente, com essas vibrações, outra série de vibrações se produz em mim; a isso chamo dor. Ora, há aqui duas espécies de movimentos tatwicos, vindas uma após a outra. Se, com certo movimento, experimento uma dor semelhante, a imagem de um homem que me beliscou será chamada de novo a minha consciência. Esse movimento-segundo é "inferência". A indução e a dedução constituem ambas modificações desse movimento sucessivo. Por exemplo, o sol, ao nascer, aparece sempre em certa direção: a concepção dessa direção, na minha inteligência, toma-se para sempre associada ao erguer do sol. Cada vez que penso no fato ao erguer do sol, a concepção dessa direção se apresenta por si mesma. Digo, portanto, que o sol se levanta regularmente naquela direção. A inferência não é, pois, outra coisa mais do que um movimento, tatwico que vem depois de outro a que se refere.

c) AUTORIDADE (Agama)

A terceira modificação daquilo a que chamamos "meios de conhecimento" é a autoridade (Agama). Que vem a ser isso? Leio na minha geografia e ouço dos lábios do meu professor que a Inglaterra é rodeada

pelo oceano. Ora, quem foi que ligou essas palavras, na minha inteligência, à pintura da Inglaterra, do oceano e das reações recíprocas deles? Certo que não é a percepção, e por conseguinte, não é a inferência, que deve trabalhar, pela natureza, através do conhecimento sensorial. Que é, então? Deve ser uma terceira modificação.

O facto de possuírem as palavras o poder de evocar certa pintura em os nossos intelectos é de profundíssimo interesse. Todos os filósofos hindus têm isso como a terceira modificação, da inteligência, mas essa circunstância não está reconhecida pela filosofia europeia moderna.

Não há, entretanto, nenhuma dúvida de que a cor correspondente a essa modificação mental difira da que corresponde a percepção ou, à inferência. A cor pertence às modificações perceptivas da inteligência e é sempre simples por natureza. Certa fase da vibração Tejas deve sempre prevalecer na modificação visual e, semelhantemente, as vibrações dos outros Tatwas correspondem às nossas diversas outras modificações sensoriais. Cada uma dessas manifestações tem a sua própria cor distinta. O vermelho aparece tão bem na vibração visual como na vibração auditiva ou em qualquer outra vibração, mas o vermelho da vibração visual será brilhante e, puro; o do órgão do gosto será matizado de amarelo; o do órgão do tato, de azul; o do éter sonoro, um como negro. Não há, pois, a menor aparência de que a vibração vocal coincida com a vibração perceptiva pura. As vibrações vocais são duplas por sua natureza e, em todo o caso, só podem coincidir com as vibrações inferenciais; e, aí, da mesma forma elas podem coincidir com as vibrações auditivas. Uma ligeira consideração nos mostrara, aliás, que há alguma diferença entre as vibrações vocais e as vibrações inferenciais. Na inferência, certa modificação do som ou nosso espírito é seguida de certa pintura visual, e essas duas vibrações a um tempo conservam, em nosso intelecto, uma posição igualmente importante. Colocámos juntas ambas as percepções, comparamo-las e dissemos, então, que uma acompanha a outra. Na modificação verbal não há comparação nem consciência simultânea, nem conjunto de ambas as concepções.

Uma causa a outra, sem dúvida alguma, porém não ficamos absolutamente conscientes do facto. Na inferência, a presença simultânea da causa e do efeito, durante algum tempo, determina uma modificação na cor do efeito. O conhecimento axiomático não é inferencial no presente, ainda que ele o tivesse sido outrora no passado; no presente ele tornou-se natural a inteligência.

2 – Falso conhecimento (Viparyaya)

É a segunda modificação mental. Este termo deriva-se também de uma raiz que significa movimento *i ou ay*, “ir”, “mover”. O prefixo *pari* está ligado a raiz *pra*, e dá a mesma ideia a raiz. Paryaya tem o mesmo sentido radical que Pramâna. O vocábulo Viparyaya significa, pois, um movimento afastado do movimento que coincide com o objeto. As vibrações de Pramâna coincidem, em a natureza, com as vibrações do objeto da percepção; dá-se a mesma coisa com as vibrações de Viparyaya. Certas condições adquiridas pela inteligência imprimem sobre as percepções uma nova cor que lhes é própria, e as distinguem assim das percepções de Pramâna. há cinco modificações dessa manifestação.

a) IGNORANCIA (Avidyâ)

É o campo geral da manifestação de todas as modificações de Viparyaya (falso conhecimento). A palavra vem da raiz *vid*, “saber, do prefixo *a*, e do sufixo *ya*. A significação original da raiz é “ser”, “existir”. O sentido original de Vidya é, pois, “o estado de uma coisa tal qual é”, ou, expresso em termos do plano mental, por uma só palavra, “saber”. Por mais tempo que, no rosto de um ser humano, não contemplo nada mais do que uma cara, a minha vibração mental já não se diz Vidya, senão Avidya. Avidya (ignorância) não é, pois uma concepção negativa, é tão positiva como a própria Vidya. É grande erro supor que as palavras que têm prefixos privativos impliquem sempre abstrações e nunca realidades. Isto, no entanto, é uma digressão: o estado da Avidya é aquele em que a vibração mental fica perturbada pela do Akasa e pela dos outros Tatwas, que produzem assim falsas aparências. A aparência geral de Avidya é o Akasa – trevas, e é por isso que Tamas é sinônimo dessa palavra.

A preeminência geral das trevas é causada por algum defeito nos espíritos individuais, porque, como nos mostra a nossa experiência diária, um objeto dado não excita a mesma série de vibrações em todas as inteligências.

Qual é então, o defeito mental? A pessoa deve achá-lo com a natureza da energia potencial acumulada pela inteligência; essa acumulação da energia potencial é um problema da mais profunda importância em filosofia, e um daqueles em que a doutrina da transmigração das almas acha a sua explicação mais inteligível. Essa lei de Vāsana assim chamada pode enunciar-se pela forma seguinte.

Se colocarmos uma coisa em certa espécie particular de movimento tatwico – interno ou externo – ela adquire a possibilidade, na segunda vez, de ser colocada facilmente na mesma espécie de movimento e de resistir conseqüentemente a outra espécie. Se essa coisa for submetida ao mesmo movimento por algum tempo, o movimento torna-se um atributo necessário da coisa. Esse movimento torna-se, então, por assim dizer “uma segunda natureza”.

Desta arte, se um homem acostuma o seu corpo a uma forma particular de exercício, certos músculos do seu corpo são fáceis de pôr em movimento. Qualquer outra forma de exercício que reclame o emprego de outros músculos há de ser reconhecida como fatigante em razão da resistência suscitada pelo hábito muscular. Sucede a mesma coisa com a inteligência.

Se tenho a convicção, profundamente arraigada, como alguns a em presentemente, de que a terra é plana e de que o sol gira em roda dela, podem ser necessários séculos e mais séculos para alterar a minha crença. Milhares de exemplos de tais fenômenos poderiam ser citados. Importa, entretanto, estabelecer aqui que a possibilidade de voltar facilmente a um estado mental e de resistir a outro é que entendemos por energia acumulada: chama-se ela Vāsana ou Sanskâra em sânscrito.

O vocábulo Vāsana vem da raiz vas, “morar”. Significa a parada ou a fixação de alguma forma de momento vibratório na inteligência. É por Vāsana que certas verdades se tornam naturais ao intelecto, e não somente certas verdades, mas todas as tendências naturais, morais, físicas e espirituais. A única diferença entre os diversos Vāsanas jaz na sua estabilidade, respectiva. Esses Vāsanas, que estão impressos na inteligência como resultado da marcha evolutiva ordinária da natureza, nunca mudam.

As produções das ações humanas independentes são de duas sortes: se a ação se resume em tendências que paralisam o curso progressivo evolutivo da natureza, o efeito da ação se esgota no tempo pela força repulsiva da subcorrente da evolução; se, entretanto, coincidem ambas em direção, a força aumenta. A derradeira espécie de ações chamamos virtuosa; a primeira, viciosa.

É esse Vāsana, esse predomínio da corrente oposta, que provoca o falso conhecimento. Suponhamos que, no homem, a corrente negativa tenha a força a; se ele tem presente em si uma corrente do mesmo grau de força, ambas procuram ligar-se uma à outra; será provocada, então, uma atração. Se não é permitido ligarem-se essas correntes, elas aumentam de força e reagem sobre o próprio corpo á custa dele; se lhes é permitido o ligarem-se, elas se esgotam, essa exaustão causa um alívio á inteligência, a corrente evolutiva progressiva afirma-se com maior força; daí resulta, assim, um sentimento de satisfação, enquanto tiver força suficiente. Essa perturbação tatwica da inteligência dará a sua cor a todas as percepções e concepções. Elas não aparecerão na sua verdadeira luz, mas como causa de satisfação. As vezes chamamos-lhe flor, outras vezes lua. Tais são as manifestações de Avidya. Como diz muito bem Patanjali, Avidya consiste na percepção do éter, do puro, do aprazível e do espiritual, e do não eterno, o impuro, o doloroso e o não-espiritual.

Tal é a gênese de Avidya que, como já temos observado é uma realidade substancial, e não uma simples concepção negativa. Esse fenômeno mental causa as quatro modificações seguintes:

b) EGOÍSMO (Asmitâ)

Asmitâ (egoísmo) é a convicção de que a vida real (Purusha Swara) é una com as suas modificações variadas mentais e fisiológicas, que o mais alto “Si” é uno com o mais baixo, que a soma das nossas percepções e conceitos é o real Ego e que não há mais nada além dele. No presente ciclo de evolução e nos precedentes, o intelecto tem sido ocupado principalmente por essas percepções e conceitos. O poder real da vida jamais foi visto a fazer uma aparição separada, de onde o sentimento de que o Ego deve ser

o mesmo que os fenômenos mentais. É obvio que Avidya, como já definimos acima, reside na raiz dessa manifestação.

c) RETENÇÃO (Râga)

O sentimento errôneo de satisfação acima referido sob o nome de Avidya é a causa dessa condição. Quando um objeto qualquer produz, em a nossa inteligência, de maneira repetida, esse sentimento de satisfação, a nossa inteligência adquire o habito de cair a miúdo no estado de vibração tatwica. O sentimento de satisfação e a pintura do objeto que parecia causar a satisfação tendem a aparecer juntos e é um ardente desejo do objeto, um desejo de não deixá-lo escapar-nos, isto é, Râga, prazer.

Aqui podemos penetrar mais fundo em a natureza desse sentimento de satisfação e do seu oposto, o prazer e a dor. As palavras sânscritas para esses dois estados são, respectivamente, Sukha e Duhkha. Ambas vêm da raiz Khan, “escavar”; os prefixos *us* e *duh* estabelecem a diferença. O primeiro prefixo encerra a ideia de “fácil” e ele tira essa ideia de fluxo fácil da respiração, inteiramente livre. A ideia radical de Sukha é, pois, a escavação inteiramente livre, escavação em que o solo só oferece pouca resistência. Em a natureza dessas vibrações, o ato deve coincidir com as condições dominantes, então, das vibrações mentais. Antes que nenhuma percepção ou conceito tivesse tomado nascimento na inteligência, não havia desejo nem prazer. A gênese do desejo e, ao mesmo tempo, daquilo a que se chama prazer – seja o sentimento de satisfação causado pelas impressões produzidas pelos objetos externos começa com certas percepções e conceitos que tomam raiz na inteligência. Esse arraigamento não é, em realidade, senão um obscurecimento do progresso mental evolutivo. Quando o contato com o objeto externo afasta, por um instante, a alma fica consciente de um sentimento de satisfação, que Avidya liga ao objeto externo, assim como já mostrei. Isso dá origem ao desejo.

d) A Repulsão (Dvesha)

Semelhante é a gênese da dor e do desejo de repulsão (Dvesha). A ideia radical de Duhkha (dor) é a ação de cavar onde boa soma de resistência é experimentada. Transferido á inteligência, ele significa uma ação que encontra resistência da parte da inteligência. O intelecto já não dá facilmente lugar a essas vibrações com todas as suas forças, ele procura repeli-las.

Surge, então um sentimento de privação. É como se qualquer coisa de sua natureza fosse arrebatada e um fenômeno estranho introduzido. Essa consciência de privação ou de necessidade é a dor, e o poder repulsivo que essas vibrações estranhas excitam no intelecto é conhecido sob o nome de Dvesha (desejo de repelir). A palavra Dvesha vem da raiz *dvesh*, que é um composto de *du* e de *ish*; o próprio *ish* aparece como uma raiz composta deles. O *s* final está ligado á raiz *su*, “soprar” “ser, no seu estado natural”; a raiz *i* quer dizer “ir” e a raiz *ish* significa, por conseguinte, “ir para o seu estado natural”. Transferido á inteligência, o vocábulo torna-se um sinônimo de Râga. A raiz *du*, era Dvesna, preenche a mesma função que *duh*, em Duhkha. Dvesha vem, pois, a significar “um desejo ardente de repulsão”. A cólera, o ciúme, o ódio, etc., são todas modificações de Dvesha, como o amor, a afeição e a amizade são as de Râga. É fácil, pelo que já foi dito, seguir a gênese do princípio “de instinto da conservação”. Devemos agora procurar assignar a essas ações os seus Tatwas predominantes

A cor geral de Avidya é, como foi dito, a do Akasa negro. Quando, entretanto, Avidya se manifesta como a cólera, o Agni Tatwa prevalece. Se isso é acompanhado de um movimento do corpo, Vayú é indicado. A obstinação aparece como Prithivi, e a docilidade como Apas; entretanto, a condição de temor e de tremor encontra a sua expressão no Akasa.

O Akasa Tatwa prevalece também no amor. Prithivi o faz fiel; Vayú, variável; Agni, agitado; Apas, tépido; Akasa, cego e desarrazoado.

O Akasa tende a produzir um vácuo nas próprias veias, de onde a sua preeminência no medo. Prithivi prega o homem tímido no seu lugar, Vayú empresta-lhe gestos descoroçoados, Apas abre-lhe os ouvidos á lisonja e Agni aquece-lhe o sangue para a vingança.

3 — Imaginação complexa (Vikalpa)

Volvamos a Vikalpa. Esse conhecimento, embora seja capaz de tomar corpo nas palavras, não tem realidade no plano físico. Os sons da natureza em conexão com o espetáculo deliam nos deram nomes para as percepções. Com as adições ou subtrações das percepções, temos tido também adição e subtração dos sons que lhes estão ligados. Os sons constituem as nossas palavras.

Em Vikalpa, duas percepções ou mais se acham vinculadas e tal maneira que dão origem a uma concepção que não tem realidade correspondente sobre o plano físico. É o resultado necessário da lei universal de Vāsana. Quando a inteligência está acostumada à percepção de diversos fenômenos, ela fica com tendências para reaparecer; e quando dois ou mais desses fenômenos coincidem, temos na inteligência uma pintura da terceira coisa. Esse, o que quer que seja, pode existir ou não no plano físico. Se não existe, o fenômeno é Vikalpa, se, pelo contrário, existe, se chama Samândhi.

4 — Sono (Nidra)

É isso também um fenômeno de Manomaya Kosha (intelecto). Os filósofos hindus falam de três estados relacionados com ele: a Vigília, o Sonho e o Sono.

a) VIGÍLIA

É aquele estado ordinário em que o princípio de vida opera, em relação com a inteligência. A inteligência, então, mercê da ação dos sentidos, recebe as impressões dos objetos externos. As outras faculdades da inteligência são puramente mentais e podem operar tanto durante a vigília como durante o sonho. A única diferença é que, nos sonhos, a inteligência não sofre as mudanças perceptivas. Como se dá isso? Essas mudanças de estado são sempre passivas e a alma não tem a livre opção quando lhes está sujeita. Eles vão e voltam como resultado necessário do trabalho de Swara nas cinco modificações. Como já se deixou explicado no capítulo sobre Prâna, os diversos órgãos sensoriais cessam de corresponder às mudanças tatwicas externas quando a corrente positiva adquire, no corpo, uma força mais do que extraordinária. A força positiva nos parece sob a forma de calor; a negativa sob a forma de frio. Poderemos, pois, ulteriormente chamar a essas forças o quente e o frio.

b) SONHO

O Upanishad diz que, no sono sem sonho, a alma dorme nos vasos sanguíneos (Nadis), o pericárdio (Puritat) e a cavidade do coração. Porventura o system dos vasos sanguíneos, — centro negativo de Prâna, — tem alguma coisa que ver com o sonho também? O estado de sonho, segundo o sábio hindu, é um estado intermediário entre a vigília e o sono, mas é razoável supor que deve haver alguma coisa no seu system que explique, ao mesmo tempo, os dois fenômenos. Que vem a ser essa coisa? A tal respeito emitem-se opiniões diversas, como si se cogitasse de coisas diferentes, em se tratando do Pita, do Agni e do Sol. Não é necessário, porém, dizer que essas palavras encerram a intenção de designar uma só e mesma coisa: o efeito produzido no corpo pelo alento solar em geral e Pelo Agni Tatwa em particular. A palavra Pita pode induzir alguém em erro e, por conseguinte, importa deixar assentado que esse vocábulo nem sempre significa adormecer”. Há um Pita que a fisiologia sânscrita localiza especialmente no coração: a esse se lhe chama Sâdhaka Pita. Não é nada mais nem menos do que é temperatura cardíaca, e deste é que temos de nos ocupar em se tratando do sono ou do sonho.

Segundo o filósofo hindu, é a temperatura cardíaca que causa os três estados em graus diversos. Isto, e nada mais, é a significação do texto védico que diz que a alma dorme no pericárdio. Todas as funções da vida estão asseguradas convenientemente, sempre temos um equilíbrio perfeito das correntes positivas e negativas — o calor e o frio. A média das temperaturas solar e lunar é a temperatura na qual o Prâna

mantém a sua conexão com o corpo grosseiro. A média é depois de uma hora de exposição de um dia e de noite inteira. Nesse período, a temperatura está sujeita a duas variações gerais: uma é o limite do positivo, a outra o do negativo. Quando o positivo atinge o seu limite diurno, as ações dos órgãos dos sentidos não ficam por mais tempo em sincronismo com a modificação dos Tatwas externos.

É matéria de experiência diária que os órgãos sensoriais correspondem, em certos limites, com vibrações tatwicas externas. Se o limite é excedido de um lado ou do outro, os órgãos tornam-se insensíveis a essas vibrações. Há, pois, certo grau de temperatura, no qual os órgãos sensoriais podem ordinariamente trabalhar, mas quando esse limite é ultrapassado de um lado a outro, os órgãos tornam-se incapazes de receber impressão alguma de fora; durante o dia a corrente de vida positiva reúne a força do coração. A disposição física ordinária torna-se naturalmente alterada por essa reunião de força e, como resultado, os sentidos dormem. Não recebem impressão de fora. Isto é suficiente para produzir o estado de sonho. Como as cordas do corpo (Sthula Sharira) ainda se acham pouco tensas, a alma já não vê mais a inteligência afetada pelas impressões externas. A inteligência está, entretanto, acostumada a percepções e concepções variadas e, pela simples força do hábito, ela passa-se para estados variados. A respiração, tal qual se diferencia nos cinco estados tatwicos diversos torna-se a causa das impressões variadas que se suscitam. A alma, como já se disse, não preenche função alguma na evocação dessas visões: é pelo trabalho de uma lei de vida necessária que a inteligência sofre as mudanças variadas dos estados de vigília e de sono. A alma não tem nada com a evocação das fantasmagorias de um sonho; se assim não fosse, seria impossível explicar os sonhos horríveis.

Em realidade, se a alma fica inteiramente livre no sonho, porque chama ela, às vezes, à existência as aparições horrendas que, com terrível choque, parece fazerem afluir todo o sangue ao coração? Alma alguma agiria jamais assim se ela pudesse fazê-lo.

O facto é que as impressões de um sonho mudam com os Tatwas. Assim como um Tatwa desliza facilmente com outros, assim também um pensamento dá lugar a outro. O Akasa causa o medo, a vergonha, o desejo, a cólera; o Vayú nos conduz a diferentes lugares,

O Tejas nos mostra o ouro e a prata; o Prithivi pode trazer-nos a alegria, os sorrisos, as caricias, e assim por diante. E então podemos ter vibrações tatwicas compostas.

Podemos ver os homens e as mulheres, a dança e as batalhas, os conselhos e as assembleias populares; podemos passear em nossos jardins, cheirar flores mais seletas, ver os mais amenos sítios; podemos apertar as mãos dos nossos amigos; podemos falar ou viajar por países longínquos. Todas as impressões são causadas pelo estado do corpo mental determinado, seja por: (1) Um desarranjo físico; (2) das mudanças tatwicas ordinárias ou (3) qualquer outra mudança natural de estado.

Assim como há causas diferentes, há também três espécies de sonhos. A primeira causa é o desarranjo físico: quando as correntes naturais de Prâna são perturbadas, de tal maneira que daí resulta a moléstia ou estão prestes a ser perturbadas, a inteligência ordinariamente sofre essas mudanças tatwicas.

As cordas simpáticas da inteligência são excitadas e nós sonhamos com o cortejo desagradável de que a moléstia pode andar acompanhada para nós em a nossa atmosfera física. Tais sonhos estão próximos dos furores do delírio por sua natureza; a única diferença existe na força e na violência. Quando estamos doentes, podemos sonhar semelhantemente com a saúde e com aquilo que a rodeia.

A segunda sorte de sonho é causada pelas mudanças tatwicas ordinárias. Quando as condições passadas, presentes e futuras do nosso meio são uniformes por sua natureza, quando não há mudança e quando não temos mudança em previsão, o curso dos sonhos é dos mais calmos e uniformes na sua marcha suavizada. Assim como os Tatwas fisiológicos atmosféricos e saudáveis deslizam um sobre o outro suavemente, assim também as impressões do nosso intelecto se insinuam nessa classe de sonhos. De ordinário, não conseguimos mesmo lembrar-nos desses sonhos, porque não há neles nenhuma excitação especial para os conservar em nossa memória.

A terceira casta de mudanças é semelhante à primeira, a única diferença cifra-se na natureza dos efeitos. A isso chamamos nós os efeitos da moléstia ou da saúde, conforme o caso; aqui podemos agrupar os resultados sob os nomes gerais de prosperidade ou de calamidade.

O processo desta espécie de excitação mental é, entretanto, o mesmo em ambos os casos. As correntes de vida fecundadas por todas as espécies de bem e de mal, são suficientes, ainda que potenciais e tendentes

unicamente para o efetivo, para pôr em vibração as cordas simpáticas do intelecto. Quanto mais pura é a inteligência, quanto mais livre se acha do pó do mundo, tanto mais sensível é a tendência mais leve e longínqua de Prâna para o qual se muda. Tornamo-nos, por conseguinte, conscientes, em sonho, dos eventos que se preparam; isto explica a natureza dos sonhos proféticos. Pesar, no entanto, a força desses sonhos, achar com exatidão o que cada sonho significa, é empresa das mais difíceis e, devo dizer, inteiramente impossível nas circunstâncias ordinárias.

Podemos cometer dez mil faltas a cada passo e carecemos apenas de um perfeito Yogi para a compreensão correta dos nossos próprios sonhos, sem falarmos dos sonhos dos outros. Expliquemos e esclareçamos as dificuldades que nos assoberbam na compreensão dos nossos sonhos. Um homem do meu bairro, mas desconhecido meu, está nas ultimas; fecundadas pela mente, as correntes tatwicas do seu corpo perturbam os Tatwas atmosféricos e são espalhados por todo o mundo através da sua instrumentalidade, em graus diversos de força. Elas atingem-me também e, quando durmo, excitam as cordas simpáticas da inteligência. Como não há agora nenhum, lugar especial no meu intelecto para aquele homem, a minha impressão será apenas geral. Um ser humano, bonito ou feio, magro ou gordo, macho ou fêmea, doente ou não, e tendo outras qualidades semelhantes, virá á minha inteligência, deitado em seu leito de morte. Porém, que homem é esse? O poder da imaginação complexa, a menos que não esteja subjugado pelo exercício mais rigoroso de Yoga, achará aí a sua diversão e é coisa das mais certas que um homem que, na minha inteligência, já esteve em relação com todas essas qualidades tatwicas, fará a sua aparição na minha consciência. É evidente que me acharei no errado caminho. Esse indivíduo está morto ou moribundo, podemos ficar certos disso, mas onde e quem é ele, é impossível aos homens ordinários descobri-lo. E não só a manifestação do Vikalpa nos encaminha para a má vereda, senão que todas as manifestações da inteligência fazem outro tanto. O estado de Samâdhi, que não é outra coisa mais senão a colocação de si mesmo em estado da mais perfeita amenidade para com o meio tatwico, é, pois, impossível, a menos que as outras manifestações não haja recebido um refreamento perfeito. "O estado de Yoga", diz Patanjali "consiste em ter subjugadas as manifestações da inteligência". Resumamos.

c) SONO PROFUNDO (Sushupti)

O estado de sonho é mantido, durante todo o tempo em que a temperatura cardíaca não seja bastante forte para afetar o corpo mental; mas, com o aumento da força positiva, este deve ser afetado também. O Manas e o Prâna são constituídos dos mesmos materiais e sujeitos ás mesmas leis; quanto mais sutis são esses materiais, tanto mais consideráveis devem ser as forças que produzem as modificações semelhantes.

Todos os corpos estão em acorde uns com os outros e as mudanças de um afetam o outro. As vibrações por segundo do corpo superior são, entretanto mais numerosas que as do inferior e isso causa a sua sutileza. Os princípios mais elevados são sempre afetados pelos princípios imediatamente inferiores; assim, os Tatwas externos afetarão Prâna diretamente, mas o intelecto só pode ser afetado através do Prâna e indiretamente. A temperatura cardíaca não é senão uma indicação do grau de calor de Prâna; quando um calor suficiente está acumulado no coração, tendo adquirido força suficiente, o Prâna afeta o corpo mental. Aquele também põe-se, então, em desacordo com, a alma. Além disso, as vibrações mentais estão em repouso, porque a inteligência não pode trabalhar senão a certa temperatura além da qual deve repousar; nesse estado, já não temos sonhos. A única manifestação da inteligência é a do repouso; é o estado do sono sem sonhos.

Passo, agora, a quinta e derradeira manifestação mental.

5 – Retenção, Memória (Smriti)

Como observou o professor Max. Müller, a ideia original da raiz *smiti* (de onde Smriti), é abrandar, fundir”.

O processo do abrandamento ou da fusão consiste na fusão da coisa que toma uma consistência cada vez mais próxima da consistência tatwica da força de fusão. Toda a mudança de estado é equivalente á

aquisição do estado do Tatwa que causa a mudança, por parte da coisa que muda. De onde a ideia secundária da raiz "amar". O amor é aquele estado do intelecto pelo qual ele se resolve no estado do objeto do amor. Essa mudança é análoga à mudança química que nos dá uma fotografia sobre uma placa sensível. Assim como nesse fenômeno, os materiais da placa sensível se fundem no estado de luz refletida, assim também a placa sensível da inteligência no estado das suas percepções. Quanto mais profunda é a impressão sobre a inteligência, tanto maior é a força dos raios impressionantes e maior a simpatia entre o intelecto e o objeto percebido. Essa simpatia é criada pela energia potencial acumulada, e os próprios raios perceptivos operam com força maior quando o intelecto se acha em estado simpático.

Cada percepção toma raiz na inteligência, como tivemos ocasião de explicar. Nada mais é do que uma mudança de estado tatwico da inteligência e o que foi deixado atrás não é senão a faculdade de tornar a cair no mesmo estado com mais facilidade. O intelecto volta a cair no mesmo estado quando se encontra sob a influência do mesmo ambiente tatwico: a presença das mesmas coisas torna a evocar o mesmo estado mental.

Os ambientes tatwicos podem ser de duas formas: astrais e locais. A influência astral é o efeito sobre o Prâna individual da condição atual do Prâna terrestre. Se esse efeito aparece sob a forma do Agni Tatwa, aquelas das nossas concepções que têm conexão predominante com esse Tatwa farão a sua aparição no intelecto. Certos destes são desejos de saúde, de progeneração, etc. Se temos o Vayú Tatwa, um desejo de viagem pode apossar-se da nossa inteligência e assim por diante. Uma análise tatwica minuciosa de todas as nossas concepções é do maior interesse; basta, no entanto, dizer aqui que a condição tatwica de Prâna chama, muitas vezes, a inteligência objetos que estiveram em condições semelhantes precisamente com os objetos de percepção.

Esse poder é que, como já ficou demonstrado, constituem os sonhos de uma classe. No estado de vigília, essa fase da memória opera frequentemente como reminiscência.

Os ambientes locais são constituídos por aqueles objetos que a inteligência acostumou a perceber em conjunto com o objeto imediato da memória; é o poder de associação. E esses dois fenômenos constituem, ao mesmo tempo, a memória propriamente dita (Smriti).

Nesse ponto, o objeto vem primeiramente à inteligência e, depois, ao ato e às circunstâncias da Percepção. Outra espécie muito importante da memória é a que se chama Buddhi, memória literária. É o poder pelo qual chamamos ao intelecto o que temos aprendido dos factos científicos. O processo de acumulação desses factos no intelecto é o mesmo, mas a volta à consciência difere neste, em que o ato vem em primeiro lugar ao intelecto e em seguida ao objeto. Todos os cinco Tatwas e os fenômenos mentais precedentes podem provocar o fenômeno da memória, a memória literária tem muito que fazer com o Yoga; isto é, com o exercício da livre vontade no sentido de dirigir as energias da inteligência nos canais desejados. Enquanto essas impressões, que tomam raízes na inteligência conforme o meio natural, a escravizam sem vontade do mundo exterior, Buddhi pode conduzi-la para a salvação e a liberdade. Mas por ventura esses ambientes tatwicos trarão sempre os fenômenos relatados à consciência? Não, isto depende da sua força correlativa. É bem sabido que, quando as vibrações por segundo de Akasa (o som) ultrapassam certos limites de um ou de outro lado, elas não afetam o tímpano; o caso dos outros Tatwas é semelhante. Exemplo: só certo número de vibrações por segundo do Tejas Tatwa afeta o olho, e sucede a mesma coisa, *mutatis mutandis*, com os outros sentidos; o mesmo se dá com a inteligência. Somente quando são iguais as tensões tatwicas mentais e externas, entra a inteligência a vibrar ao pôr-se em contato com o mundo externo. Da mesma sorte que os estados variados dos órgãos externos tomam mais ou menos sensíveis à sensação ordinária, da mesma sorte que diversos homens podem não ouvir os mesmos sons, não contemplar os mesmos espetáculos, assim também os Tatwas mentais não podem ser afetados pelas impressões de força diferente. A tese que se propõe é esta: como se produz a variação dessa força tatwica mental? Pelo exercício e pela falta de exercício. Se, consoante o que fazemos com o corpo, acostumamos a inteligência a qualquer percepção ou concepção particular, ela volta-se facilmente para essa percepção ou concepção. Se, no entanto, abrimos mão do exercício, a inteligência torna-se embaraçada e cessa gradativamente de corresponder a essas percepções e concepções: é o fenômeno do esquecimento. Si um estudante, cujo exercício literário está prestes a fazer desabrochar-lhe os germens da inteligência que está aparelhada para adquirir bastante força afim de ver nas causas e nos efeitos das

coisas, abandonar o seu exercício, a sua inteligência perderá essa bela percepção. Quanto mais embaraçada se toma ela, tanto menos a relação causai a afetar e tanto menos saberá, até que, por fim, perde todo o seu poder.

Sendo impossível, na corrente ordinária da natureza, a influência incessante e a atividade de uma única espécie, cada impressão tende a ir-se logo que se produziu. O seu grau de estabilidade depende da duração do exercício.

Mas, ainda que a atividade de uma só espécie seja impraticável, a atividade de uma espécie qualquer está sempre presente no intelecto. A cada ação, a cor da inteligência muda, e uma cor pode deitar nela uma raiz tão profunda que aí permaneça séculos e século, para não dizer nada dos minutos, horas, dias e anos. Assim como o tempo leva séculos para destruir as impressões do plano físico, assim como o estigma de uma incisão na pele não pode desaparecer, mesmo em duas décadas, assim também são necessários séculos e séculos para destruir as impressões da inteligência. Centenas e milhares de anos podem assim ser dispendidos, em Devachan, para consumir essas impressões antagonistas que a inteligência contraiu na vida terrestre. Por impressões antagonistas quero dar a entender essas impressões que não são compatíveis com o estado de Moksha e que têm em derredor de si um matiz de vida terrestre. A cada instante, a inteligência muda de cor, ainda que seja por aumento ou por diminuição de vibração. Essas mudanças são temporárias; há, porém, ao mesmo, tempo, uma mudança permanente que persevera na cor da inteligência. A cada ato insignificante da nossa experiência do mundo, o fluxo evolutivo do progresso cobra força e passa para a variedade. A cor muda constantemente; mas a mesma cor geral fica mantida, nas circunstâncias ordinárias, durante uma vida terrestre.

Nas circunstâncias extraordinárias, podem deparar-se nos homens que possuem duas memórias; em emergências tais como as da aproximação da morte, as forças acumuladas de uma vida inteira se combinam numa cor diferente daquilo que era antes. Nada pode repor a inteligência no mesmo estado. Essa cor geral do intelecto diferindo da dos outros intelectos e retendo ainda o seu caráter geral por uma vida inteira, nos dá a consciência da identidade pessoal. Em todo ato que foi realizado, que é ou que será, a alma vê a mesma cor geral, e daí vê o sentimento de identidade pessoal. Na morte, a cor geral muda e, ainda que possuamos o mesmo intelecto, temos uma diferente. Por isso, nenhuma sequência do sentimento da identidade pessoal é possível na morte.

Eis aí uma breve exposição do Manomaya Kosha, o corpo mental no estado ordinário. A influência do mais alto princípio (o Vijnâmaya Kosha), pelo exercido do Yoga, provoca na inteligência outras manifestações numerosas. As manifestações se mostram na inteligência e no Prâna, da mesma forma que vemos as manifestações mentais influenciar e regularizar as outras.

O universo, como já vimos, tem cinco planos de existências (que também podem ser divididos em sete). As formas da terra, que são pequenas pinturas do universo, têm também os mesmos cinco planos. Em alguns desses organismos, os mais altos planos da existência se acham absolutamente latentes. No homem, no século presente, o Vijnâmaya Kosha e os princípios inferiores fazem a sua aparição.

Já apresentamos um apanhado da natureza do Prâna no macrocosmo e vimos também que cada ponto desse oceano de vida quase que representa um organismo individual separado.

Sucedem a mesma coisa com a inteligência macrocômica. Cada Truti desse centro abraça, da mesma forma, o conjunto da inteligência macrocômica. De cada ponto, os raios tatwico do oceano mental vão para cada ponto, e assim cada ponto é uma pintura pequena inteligência universal. Tal é a inteligência individual. O intelecto universal é o original de todos os centros de Prâna, assim como o Prâna solar é o original das espécies da vida terrestre. O intelecto individual, também, é semelhantemente o original de todas as manifestações individuais do Prânamaya Kosha. Similantemente a alma, sobre o mais alto plano, e o intelecto individual, são a pintura perfeita de tudo o que vem cá em baixo.

Sobre os quatro planos superiores da vida, há quatro estados diferentes de consciência: a vigília, o sonho, o sono e o Turiyu.

Depois dessas observações, o extrato seguinte do Prashnopanishad será inteligível e instrutivo:

"Ora, Sauryâyana Gârgya pergunta-lhe: Senhor, neste corpo, quem dorme e quem fica acordado? Qual desses dois seres luminosos vê os sonhos? Quem goza desse repouso? Em quem, no estado potencial não manifesto, todas essas (manifestações) repousam?"

“Ele respondeu-lhe: “Ó Gârgya, assim como os raios do sol poente se enfeixam no estojo e depois se vão de novo, assim como ele se levanta ainda e sempre, assim também tudo isso se junta no estojo luminoso do espirito além. Por essa razão, pois, o homem não ouve, não vê, não sente, não saboreia, não apalpa... não pega, não coabita, não restitui, não anda. Dizem que ele dorme. Só os fogos de Prâna permanecem despertos. O Apâna é o fogo Gârhapatyâ: o Vyâna é o fogo do braço direito, o Prâna é o fogo Ahvaniya que é feito de Garhapatyâ. Aquele que conduz por toda a parte, igualmente, as oblações de alimento e de ar, é o Pamâna. A inteligência (Manas) é o sacrificador (Vajamâna). O Udâna é o fruto do sacrifício: ele conduz o sacrifício, cada dia, a Brahma. Aqui esse ser luminoso (a inteligência) goza de grandes coisas nos sonhos. Qualquer coisa que haja sido vista, ele a vê de novo como se ela fosse real; ainda que tenha ouvido, ele a ouve como se isso fosse verdadeiro; ainda que haja experimentado, em diferentes regiões, em diferentes direções, ele experimenta de novo – o visível e o invisível, o ouvido e o não ouvido, o pensado e o não pensado. Ele vê tudo, aparecendo como o “Si” de todas as manifestações.

“Quando ele é dominado pelo Tejas, nesse estado, esse ser luminoso não vê sonhos; então aparece no corpo aquele repouso (o sono sem sonhos).

“Naquele estado, meu caro discípulo, tudo (o que é enumerado mais adiante) permanece no Atmâ ulterior, como aves que recorrem a uma arvore como habitação – o Prithivi composto (*) e o Prithivi não composto; o Apas composto e o não composto; o Tejas composto e o não composto; o Vayú composto e o não composto; o Akasa composto e o não composto; a vista e o visível, o ouvido e o audível, o odor e o que pode ser cheirado, o gosto e o que é susceptível de ser provado, o tacto e o tangível, a palavra e o que é capaz de ser proferido, as mãos e o que pode ser pegado, o órgão gerador e o gozo, e aquilo sobre o que se pode andar, a faculdade, os órgãos excretores e os excrementos, os pés e o objeto da dúvida, a faculdade e o objeto da certeza, a faculdade e o objeto do egoísmo, a faculdade e o objeto da memória, a luz e o que pode ser alumiado, o Prâna e o que ele acumula.

“A alma é o Vijnâna Atmâ, o vidente, o tocador, o ouvidor, o cheirado, o saboreador, o duvidador, o afirmador, o agente. Essa alma (o Vijnâna Atmâ) permanece no Atmâ (o Ananda) ulterior, imutável.

“Há também quatro Atmâs – a vida, a inteligência, a alma e o espirito. A força última que se acha na raiz do poder macrocômico das manifestações da alma, da inteligência e do princípio de vida é o espirito”. O principal interesse dessa citação reside na representação, de maneira autorizada, das vistas que forem emitidas antes. O esboço seguinte toca em algumas verdades importantes e explica uma das mais importantes funções do poder macrocômico e da inteligência, isto é, o registro das ações humanas.

(*) Por composto, entendo eu cada Tatwa que aparece depois da divisão em cinco do primeiro ensino; o não composto significa um Tatwa antes da divisão em cinco.

A GALERIA DE QUADROS CÓSMICOS

O nosso Guru na filosofia dos Tatwas incita-nos a lançarmos os olhos para o espaço livre do céu, quando o horizonte está perfeitamente claro, e a fixarmos a nossa atenção com a maior força possível.

Dizem-nos que, depois de uma prática suficiente, veremos uma variedade de quadros – as paisagens mais encantadoras, os mais sumptuosos palácios do mundo, e homens, mulheres e crianças sob todos os aspectos variados da vida. Como é possível semelhante coisa? Que aprendemos nós, por meio desta lição prática, na ciência da atenção?

Pensamos ter descrito, nos esboços, com a suficiente clareza, o oceano de Prâna, com o sol como centro, e haver apresentado uma ideia suficientemente sugestiva da natureza das atmosferas macrocósmicas mentais e psíquicas.

É da natureza essencial dessas atmosferas que cada ponto forma nelas um centro de ação e de reação para o oceano inteiro. A atmosfera terrestre se estende a algumas milhas e a linha limítrofe dessa esfera deve, compreende-os facilmente, dar-lhe a aparência de uma laranja como sucede com a terra.

Acontece o mesmo com o Prâna solar e as atmosferas superiores. Começando pelo Prâna terrestre que tem os limites medidos da nossa atmosfera, cada átomo minúsculo da nossa terra, o do mais perfeito, como do mais imperfeito organismo, forma um centro de ação e de reação para as correntes tatwicadas do Prâna terrestre. O Prâna tem a facilidade de ser posto na forma de cada organismo, ou, para empregarmos outra expressão, os raios de Prâna, desde que eles caem sobre todo o organismo, são reenviados por esse organismo segundo as leis bem conhecidas da reflexão. Esses raios, como também é conhecidíssimo, transportam em si a pintura dos objetos sobre os quais eles caíram. Levando-os em si, eles chegam aos do Prâna terrestre supra indicado. Será fácil de conceber que, na esfera imaginária que rodeia o nosso Prâna terrestre, temos agora uma pintura magnífica do nosso organismo central. Nenhum organismo lhe escapa, até os mais pequenos pontos, os mais perfeitos da vida organizada como os mais imperfeitos estão pintados nessa esfera imaginária. É uma galeria magnífica de quadros e o que se viu, ouviu, tocou, saboreou ou cheirou na superfície da terra possui lá uma gloriosa e magnífica pintura. Nos limites desse Prâna terrestre, os raios tatwicados que formam as pinturas exercem dupla função.

Em primeiro lugar, eles põem em movimento semelhante as cordas tatwicadas simpáticas do Prâna solar. Isto é, essas pinturas se acham agora consignadas no Prâna solar, do qual, por uma carreira conveniente, elas atingem, passo a passo, a própria inteligência universal.

Em segundo lugar, esses raios reagem sobre si mesmos e, voltando da esfera limitativa, são de novo refletidos para o centro.

São essas pinturas que o espírito atento vê, na sua contemplação do meio-dia, no espaço livre, e são essas pinturas, vistas desse modo misterioso, que nos ministram o alimento mais sutil para a imaginação e o intelecto, e que nos fornecem visões longínquas da natureza e do trabalho das leis que regem a vida do macrocosmo e do microcosmo.

Porque essas pinturas nos dizem que as menores das nossas ações, sobre qualquer que seja o plano da nossa existência, ações que podem ser bastante insignificantes e, por isso, passam despercebidas, ainda mesmo para nós, são destinadas a receber um registro durável como efeito do passado e causa do futuro. Essas pinturas, de novo, nos falam da existência dos cinco Tatwas universais. Essas pinturas é que nos conduzem ao descobrimento da constituição múltipla do homem e do universo, e desses poderes da inteligência que a ciência oficial ainda não reconheceu hoje.

De que essas verdades acharam abrigo nos Upanishads, podemos convencer-nos pela citação seguinte do Ishopanishad (Mantra 4):

“O Atmâ não se move; é único; é mais leve que a inteligência; os sentidos não o atingem e é o mais avançado em movimento. Vai além dos outros em movimento rápido, enquanto ele próprio está em descanso; o Registrador conserva nele as ações .

Na citação precedente, é o vocábulo Mâtarishvâ que traduzimos pelo termo "Registrador. De ordinário, a palavra é traduzida pós "ar", e, que eu saiba, nunca foi tomada no sentido de "Registrador. A minha opinião, entretanto, poderá ser explicada mais longe, com vantagem.

O vocábulo é um composto de duas palavras: mâtari e svah. O termo mâtari é o caso locativo de mâttri, que significa ordinariamente "mãe" e que se tornou como exprimindo o espaço, o substrato da distância, da raiz mâ, medir. O segundo termo do composto significa "o assoprador", vindo da raiz svah, assoprar. O composto significa, portanto, "aquele que assopra no espaço". Explicando esta palavra, o comentador Shankarâchârya prossegue:

"O vocábulo Mâtarishvâ, que foi derivado da maneira precedente, significa o Vayú (o motor) que traz, consigo todas as manifestações de Prâna, que é a própria ação. Esse Prâna é o substrato de todos os grupos de causas e de efeitos, e nele todas as causas e os efeitos são mantidos como as contas de um rosário e daí o nome de Sûtra (o fio) que lhe é dado, como tendo em si mesmo o conjunto do mundo".

Vai dito mais longe que as "ações" que esse Mâtarishvâ tem em si próprio, na citação precedente assim como as ações de aquecer, acender, queimar etc forças macrocósmicas reputadas como sendo Agni etc. Ora, semelhante coisa não pode, de maneira alguma, ser o ar atmosférico. É evidentemente essa fase de Prâna que leva os pintores de todas as ações e de todos os movimentos de cada ponto do espaço para cada outro ponto, e para os limites do Sûrya-mandala. Esta fase de Prâna não é, nem mais nem menos, que o Registrador. Ele encerra em si mesmo, para sempre, todas as causas e todos os efeitos, os antecedentes e os consequentes desse mundo que é o nosso. É a própria ação. Significa isto que toda ação é uma mudança de sitio de Prâna.

Diz-se na citação precedente que esse Registrador vive no Atmâ. Pois que existe o Atmâ, esse poder aperfeiçoa sempre a sua função. O Prâna tira a sua própria vida do Atmâ, e achamos, por conseguinte, uma semelhança entre as qualidades de ambos. Ficou dito de Atmâ, no extrato supra, que ele não se move, e mais que ele se move mais rápido que a inteligência. Isto, á primeira vista, parece serem qualidades contraditórias e são tais qualidades que fazem do Deus dos lugares comuns dos teólogos o ser absurdo que ele sempre parece ser. Apliquemos, entretanto, essas qualidades ao Prâna e, compreendidas sobre este plano, também serão perfeitamente compreendidas no plano mais elevado, o Atmâ. Tem-se dito, mais de uma vez, que, de cada ponto do oceano de Prâna, os raios tatwicos correm em todas as direções, para cada ponto do Sûrya-mandala; por isso, o oceano de Prâna está em movimento eterno. Nessas condições, pode um ponto desse oceano mudar jamais de lugar? Seguramente não. Assim enquanto cada ponto conserva seu lugar, cada ponto vai-se mostrar, ao mesmo tempo, em qualquer outro ponto.

É da mesma forma simples que o Atmâ, que penetra tudo, está em movimento eterno, não obstante sempre em repouso.

Acontece a mesma coisa com todos os planos de vida; todas as nossas ações, todos os nossos pensamentos, todas as nossas operações sofrem um registro eterno no livro de Mâtarishvâ.

Devemos observar agora essas pinturas com um pouco mais de minuciosidade. A ciência da fotografia nos ensina que, sob certas condições, as pinturas visuais podem ser apanhadas sobre o plano da película sensível. Mas como podem contar, ler cartas a uma distância de trinta milhas ou mais? Tais fenômenos são, para nós, fatos de experiências pessoais. Muito recentemente, achando-me distraído, ou numa espécie de devaneio, pelas quatro horas da madrugada, li um cartão postal escrito por um amigo a outro amigo, a propósito da minha pessoa, naquela mesma noite, a uma distância de cerca de trinta milhas. Alguma coisa mais, creio eu, cumpre ser notada aqui.

Cerca da metade do cartão ocupa-se de mim; o resto refere-se a outras matérias que podem ter simplesmente para mim um interesse passageiro. Ora, o resto do cartão não se me apresentou diante dos olhos da inteligência mui claramente, e senti que, com todos os meus esforços, eu não podia fixar o meu olhar sobre aquelas linhas um tempo suficiente para compreendê-las, mas era irresistivelmente atraído para o parágrafo que falava de mim, e que pude ler mui claramente. Quatro dias depois disso, o destinatário ao cartão me o mostrou; era exatamente o mesmo que eu tinha visto anteriormente, sentença por sentença (se bem me lembro). Menciono este fenômeno particularmente, como apresentando claramente definidas as qualidades requeridas para à produção desses fenômenos. Tiramos de uma análise as conclusões seguintes:

— O redator do cartão sentia, ao escrevê-lo, que eu o havia de ler, e especialmente o parágrafo que me dizia respeito.

— Eu estava ansiosíssimo por conhecer as notícias que o cartão continha a meu respeito.

— Do estado de espírito, supramencionado, no qual o meu amigo escreveu o cartão, qual foi o resultado? A pintura dos pensamentos no cartão, ao mesmo tempo no plano físico e no plano mental, voou em todas as direções ao longo dos raios tatwicos do Prâna macrocósmico e da inteligência. Fez-se imediatamente uma pintura sobre as esferas macrocóslicas e, daí, curvou os seus raios para o lugar do destino do cartão postal. Sem dúvida, todas as inteligências da terra receberam, no mesmo instante, um choque dessa corrente de pensamento, mas só a minha se tornou sensível ao cartão e a notícia que ele continha: foi, pois, só na minha inteligência que se fez uma impressão. Os raios eram refratados na minha inteligência e o resultado acima descrito se produziu.

Segue-se desta demonstração que, para receber os raios pictóricos do Prâna, devemos ter uma inteligência em estado de simpatia e não de antipatia, isto é, um pensamento livre de toda a ação ou de todo o sentimento intenso, na época da sua aparição, e que é o receptáculo conveniente para as representações pictóricas do cosmos e também para um conhecimento correto do passado e do futuro. Se nos anima um desejo intenso de saber qualquer coisa, tanto melhor para nós. Deste modo é que o ocultista lê os anais do passado no livro da natureza e este caminho é que o principiante deve trilhar nesta ciência, conforme a direção do seu Guru.

Voltemos às nossas explicações. Deve-se compreender que todas as coisas, seja qual for o aspecto sob o qual elas estiveram ou estão em o nosso planeta, têm um registro legível do livro da natureza, e os raios tatwicos de Prâna e da inteligência nos trazem constantemente os contornos dessas pinturas. É em grande parte a este que devemos a conservação do passado, ainda que, relativamente á visão ordinária, muitos dos monumentos grandiosos hajam desaparecido para sempre da superfície do nosso planeta. Esses raios retro-ativos estão sempre inclinados para o centro que lhes deu nascimento. No caso dos ambientes minerais dos fenômenos terrestres, esses centros são conservados intactos durante séculos após séculos, e é inteiramente possível para todo o ser sensitivo, em momento dado, voltar esses raios para si mesmos, pondo-se em contato com os restos materiais dos fenômenos históricos. Uma pedra desenterrada de Pompeia representa, em parte, o grande acontecimento que destruiu a cidade, e os raios dessa pintura estão naturalmente inclinados para esse bloco de pedra. Se a senhora Denton aplica a pedra á sua frente, urna condição simpática e receptiva é a primeira qualidade requerida para a transferência da pintura inteira a memória. Esse estado simpático prático da memória pode ser natural num individuo ou pode ser adquirido; mas, pelo que concerne ao termo "natural", deve-se pensar que aquilo que, por hábito, chamamos poderes naturais é realmente adquirido, porém em precedentes reencarnações. Shiva disse. "Há os em quem os Tatwas se revelam quando o pensamento está purificado pelo habito, quer pela velocidade adquirida de outros nascimentos, quer pela benevolência do Guru".

Parece que dois pedaços de granito, a todos os respeitos idênticos exteriormente podem ter cores tatwicas inteiramente diferentes, porque a cor de uma coisa depende, em grandíssima medida, do seu meio tatwico. É essa cor oculta que constitui a alma real das coisas, ainda que o leitor possa saber agora que o vocábulo sânscrito Prâna é mais bem apropriado.

Não é um mito o dizer que o Yogui praticante possa, por simples esforço da sua vontade, atrair a pintura de uma parte qualquer do mundo, passado ou presente, para diante dos olhos do seu espírito — e não somente as pinturas visuais como a nossa explicação poderia dar a entender. A conservação e formação das pinturas visuais não é senão o trabalho do éter luminoso — o Tejas Tatwa. Os outros Tatwas preenchem também as suas funções.

O Akasa, ou éter sonoro, conserva todos os sons que nunca foram ou que não são ouvidos sobre a terra e, semelhantemente, os três éteres conservam os registros das sensações restantes. Vemos, pois, que, combinando todas essas pinturas, um Yogi em contemplação pode ter, diante dos olhos do seu espírito, um homem qualquer, seja qual for a distância em que se a e pode ouvir-lhe a voz. Glyndon, na Itália, vendo e ou vindo a conversação de Viola e Zanoni, na sua morada longínqua, não é simplesmente um sonho de poeta, se não uma realidade científica. A única coisa para isso necessária é ter um desejo simpático. Os fenômenos da telegrafia mental, da psicometria, da clarividência, da clariaudiência, são

todas fases desta ação tatwica. Compreendido isto, tudo é muito simples. Pode ser útil apresentar neste lugar, algumas reflexões que mostrem de que maneira essas representações pictóricas do presente de um homem vão formar-lhe o futuro.

Vamos, primeiramente, procurar mostrar quanto é completo o registro. Devemos, antes de mais nada, recordar ao leitor o que acima ficou dito da cor de cada coisa: é isto o que confere a individualidade, ainda a uma pedra.

Esse conjunto pictórico não é senão a contra parte cósmica do Prânamaya Kosha individual ou espira de vida. É possível que o leitor que não compreendeu a fundo o modo pelo qual se acumula a energia tatwica no Prânamaya individual possa entender com mais facilidade o fenômeno na sua contra parte cósmica. Com efeito, os fenômenos microcósmicos e macrocósmicos são ambos anéis da mesma cadeia, e todos conduzirão à compreensão completa no conjunto. Suponhamos que um homem esteja sobre uma montanha, tendo descortinado ante os seus olhos o mais belo horizonte. Enquanto ele se mantém ali, a contemplar aquela opulência de beleza, a sua pintura, em tal posição, se faz desde logo na eclíptica. Não somente se pinta a sua aparência externa, senão também a cor da sua vida recebe a representação mais completa. Se naquele momento prevalece nele o Agni Tatwa, se a luz da satisfação lhe refulge nas faces, se é calmo, concentrado e prazenteiro o olhar dos seus olhos, se ele se acha de tal maneira absorto na contemplação, que se esquece de todas as outras coisas, os Tatwas separados ou em composição farão o seu dever, e toda a satisfação, toda a calma, todo o prazer, atenção ou desatenção serão representados, até o matiz mais delicado possível, na esfera da eclíptica. Se anda ou corre, se desce ou sobe, os raios tatwicos de Prâna, com a maior lealdade, pintam as cores geratrizes e engendradas da mesma esfera memorial.

Um homem estaca, com uma arma na mão, o olhar da crueldade nos olhos, o fogo da desumanidade nas veias, enquanto a sua vítima, homem ou animal, sem auxílio, se debate diante dele. Todo o fenômeno fica registrado instantaneamente. O assassino mantém-se ali e também a sua vítima, nas suas cores mais verdadeiras: há aí a câmara solitária ou o canavial, o telheiro desasseado ou o fétido matadouro, todos ali se encontram tão segura e certamente como se acham no olho do algoz ou da própria vítima.

Mudemos de novo a cena. Temos diante de nós um mentiroso. Ele diz uma mentira e, por conseguinte, prejudica o seu semelhante. Mas é pronunciada uma palavra e o Akasa lança-se ao trabalho com toda atividade possível.

Temos a representação mais sincera, o mentiroso está ali pela reflexão que o pensamento da pessoa insultada lança no Prâna individual; o homem insultado está ali também; as palavras estão lá, em toda a energia da falsidade contemplada. E se for completa essa falsidade, contemplada nela achamos também a mudança para o mal que a sua mentira produziu para a vítima. Com efeito, nada há dos seus aderentes, antecedentes e consequentes, causas e efeitos que não esteja representado ali.

Muda-se a cena e chegamos a um ladrão. Seja a noite a mais escura possível, o ladrão tão circunspecto quanto avisado, a nossa pintura lá está, com todas as suas cores bem definidas, ainda que não tão proeminentes talvez. O tempo, a casa, a parede com um rombo, os moradores; no dia seguinte, adormecidos e atacados, os haveres roubados; os proprietários aflitos, com todos os antecedentes e consequentes, são pintados. E isto não acontece só com o assassino, o ladrão e o mentiroso, senão que com o adúltero, o falsário, o acelerado, que julga o seu crime escondido aos olhos do mundo. As suas ações, como todas as ações que têm sido cometidas, são registradas na galeria de quadros da Natureza, com vida, clareza e exatidão. Podem multiplicar-se os exemplos, porque os fenômenos da nossa vida social são variados e complicados; mas isso é inútil. O que foi dito é suficiente para explicar o princípio, e a aplicação é útil e não muito difícil. Mas cumpre-nos agora retirar as nossas pinturas da galeria.

Vimos que o tempo e o espaço, e todos os fatores possíveis de um fenômeno, aí recebem uma representação precisa, e já o disse, esses raios tatwicos estão ligados no tempo que os viu deixar o seu registro sobre o plano da nossa região pictórica. Quando, no decurso dos séculos, o mesmo tempo lança de novo a sua sombra sobre a terra, os raios pictóricos, acumulados desde longa data, dão energia à matéria produtora do homem, e a moldam de acordo com a sua energia própria que começa, agora, a tornar-se cativa. Hão de conceder-nos de boamente que o sol dá vida à terra e aos homens, como aos vegetais e aos minerais. A vida solar toma a forma humana no seio da mãe e isso não é senão uma infusão de alguma serie de

nossos raios pictóricos na vida simpática que já se mostra sobre o nosso planeta. Esses raios produzem, assim, por si mesmos, um corpo humano no seio da mãe e, então, tendo o corpo maternal agora um pouco diferente, eles empreendem a sua jornada terrestre. Enquanto o tempo avança, a representação pictórica muda de posições tatwicas, o corpo grosseiro faz outro tanto.

Nos casos de renascimento do homem que vemos em contemplação sobre as montanhas, a atitude calma, atenta e satisfeita da inteligência que ele cultivou então, tem a sua influência sobre o organismo presente; o homem rejubila-se ainda mais das belezas da natureza e, assim, está satisfeito e feliz.

Tomemos, agora, o caso de um assassino cruel. Ele é cruel por natureza, estando ainda emocionado pelo assassinio e pela destruição, e não poderia ser arredado das suas horríveis praticas, a menos que a pintura da vida declinante e da vítima não seja agora parte e parcela de sua constituição; a dor, o terror e o sentimento de desespero e o abandono estão aí em toda a sua força. Ocasionalmente, é como se o sangue da vida deixasse as suas veias. Não há causa aparente e, no entanto, ele sofre a dor; está sujeito a acessos inexplicáveis de terror, desespero e abandono. A sua vida é miserável, lenta, mas seguramente, ele decai. Desçamos a cortina sobre esta cena. O ladrão encarnado aparece agora no proscênio. Os amigos o deixam, um a um, ou então se acha afastado deles. A pintura da casa solitária deve reivindicar o seu poder sobre ele: está destinado a uma casa solitária. A pintura de alguém que vem à casa por aquele lado ermo, que lhe rouba os haveres e que o estrangula talvez, faz a sua aparição com maior força: o homem é condenado á cobardia eterna. Ele atrairá a si mesmo, irresistivelmente, os homens que lhe hão de causar o mesmo dano e violentos padecimentos que ele causou a outros, muito tempo antes. Essa mesma posição de dano penoso tem a sua influência sobre ele na vereda ordinária e, sob a mesma influência, ele cria os que o rodeiam.

Consideremos também o caso de adultério. No peregrinar pela terra, é atraído para tantos indivíduos do outro sexo quantos ele amou deslealmente outrora. Ama um deles e o seu amor pode achar uma correspondência favorável, mas logo uma segunda, uma terceira, uma quarta pintura fazem a sua aparição e são naturalmente antagonistas da primeira e a repelem. Os vínculos do amor são inteiramente rotos, de maneira inexplicável, e a dor cruciante que se lhe causa pode ser muito bem imaginada. Todo o ciúme e todos os arrufos complicados dos amantes poderiam ser facilmente referidos a tais causas.

E aqueles que pecaram vendendo o seu amor pelo ouro, muito tempo antes, hão de amar agora e, em troca, serão desprezados pela sua pobreza. Que pode haver aí de mais miserável que o ver recusar-se-lhe o luxo do amor por causa da pobreza?

Esses exemplos bastam, creio eu, para explicar a lei segundo a qual as pinturas cósmicas governam às nossas vidas futuras. Os efeitos tatwicos de alguns outros pecados que são capazes de serem cometidos nas circunstâncias inumeráveis e variadas da vida, podem ser facilmente traçados através das representações pictóricas do cosmos.

Não é difícil de compreender que a pintura de cada organismo individual de Prâna, ainda que sempre mutável com as posturas variáveis do objeto, permanece a mesma em substância. Cada objeto exista na sua forma de Prâna até que, no correr da evolução o próprio Prâna se perde na mais elevada atmosfera do Manas.

Cada gênero e cada espécie de organismo vivo na superfície da terra, é pintado em Prâna, o são essas pinturas que, no mais elevado plano de existência, correspondem, na minha opinião, ás ideias do Platão. Uma pergunta interessantíssima se nos apresenta então. Todas essas pinturas são de existência eterna, ou veem unicamente a existência depois que as formações se produziram sobre o plano terrestre? Ex nihilo nihil fit é doutrina bem conhecida em filosofia, e eu sustento, com Vyâsa, que as representações (a que eu chamo agora de pinturas) de todos os objetos, nas suas capacidades genéricas, específicas e individuais, tem sempre existido na inteligência universal. Swara, ou o que se pode chamar o Sopro de Deus, o Sopro de Vida, não é, nem mais nem menos, como já se explicou, do que a inteligência abstrata ou, se tal expressão é mais compreensível, o movimento inteligente.

Diz o nosso livro:

“No Swara estão pintados e representados os Vedas e os Shâstras; no Swara, os mais elevados Gaudharvas, e no Swara, todos os três mundos; o Swara é o próprio Atmâ”.

Não é necessário entrar mais profundamente numa discussão desse problema; a sugestão é suficiente. Pode-se dizer, entretanto, que toda formação em progresso na superfície do nosso planeta é a apropriação, para cada coisa, da forma dessas ideias, sob a influência das ideias solares. O processo é precisamente semelhante ao processo da terra húmida tomando as impressões de tudo o que pesa sobre ela. A ideia de cada coisa é a sua alma.

As almas humanas (Prânamaya Koshas) existem nessa esfera, da mesma forma como as almas das outras coisas, e são afetadas, nessa morada que é a delas, pela experiência terrestre, da maneira acima mencionada.

No correr dos séculos, essas ideias fazem a sua aparição no plano físico, de continuo, conforme as leis precedentemente dadas.

Tenho dito também que essas pinturas têm a sua contra parte nas atmosferas mentais e superiores. Poder-se-ia dizer agora que, da mesma forma que essas pinturas solares voltam, há épocas também nas quais as pinturas mentais voltam. As mortes ordinariamente conhecidas por nós são as mortes terrestres, isto é, as que consistem na retirada da influência das pinturas solares para longe da terra, durante algum tempo.

Quando esse tempo está expirado, a duração dependendo das cores da pintura, estas enviam a sua influência sobre a terra, e temos o renascimento terrestre. Podemos morrer um certo número de mortes terrestres, sem que a nossa vida solar fique extinta.

Mas os homens do presente Manvantara podem morrer de morte solar em certas circunstâncias; eles escapam, então, da influência do sol e não renascem senão sob o reino do segundo Manu. Os homens que morrem agora de morte solar permanecerão em estado de beatitude em todo o Manvantara presente. O seu renascimento também pode ser referido a mais de um Manvantara. Todas essas pinturas ficam no seio de Manu durante o Pralaya Manvantarico. Da mesma forma, os homens podem sofrer mortes superiores, e passar o seu tempo em estado de felicidade mais elevada e durável.

O corpo mental pode ser quebrado, da mesma forma que o corpo grosseiro, o corpo terrestre e o corpo solar; então, a alma abençoada permanece na felicidade até a aurora do segundo dia de Brahma. Superior ainda e mais longo é o estado que segue a morte Brahmica: o espírito está então em repouso para Kalpa e o Mahâpralaya restantes que se seguem.

Depois disso, compreender-se-á facilmente a significação da doutrina hindu, segundo a qual, durante a noite de Brahma, como, em verdade, durante todas as noites menores, a alma humana e, com efeito, o conjunto do universo ficam ocultos no seio de Brahma como a árvore na semente. .

AS MANIFESTAÇÕES DA FORÇA PSÍQUICA

A força psíquica é a forma de matéria conhecida sob o nome de Vijnâna em conexão ativa com os objetos mentais e vitais. Na citação precedente do Ishopanishad, foi dito que os Devas as manifestações macrocósmicas e microcósmicas de Prâna não atingem o Atmâ, visto que ele se move mais rápido do que a própria inteligência. Os Tatwas de Prâna se movem com certa facilidade. A inteligência possui maior velocidade e a matéria psíquica outra maior ainda. Em presença do plano superior, o plano inferior parece sempre em repouso, e está sempre submetido à influência dele. A criação é uma manifestação da força psíquica sobre os planos inferiores da existência. O primeiro processo é naturalmente a aparição das esferas macrocósmicas variadas com os centros diversos. Em cada uma dessas esferas no Prâna, no Manas e no Vijnâna os raios tatwicos universais, sobre os seus planos próprios, dão nascimento às individualidades inumeráveis.

Cada Truti sobre o plano de Prâna e um corpo vital (Prânamaya Kosha); os raios que dão a existência a cada um desses Trutis vêm de cada um deles e de todos os outros Trutis que estão situados no espaço assignado a cada qual dos cinco Tatwas e às suas inumeráveis combinações e que representam, por conseguinte, todas as manifestações tatwicas possíveis da vida.

Sobre o plano de Manas, cada Truti mental representa inteligência individual; cada inteligência individual recebe o nascimento de raios tatwicos mentais de outras partes. Esses raios vêm de todos os outros Trutis situados sob o domínio de cada um dos cinco Tatwas e das suas combinações inumeráveis, que apresentam, pois, todas as fases tatwicas possíveis da vida psíquica.

A primeira classe de Trutis, sobre os planos variados da existência, é a dos conhecidos Deuses e Deusas; a última classe, a dos corpos que se manifestam na vida da terra.

Cada Truti psíquico é um reservatório pequeno de cada fase tatwica de vida que se pode manifestar sobre os planos inferiores da existência. E assim, enviando os seus raios para baixo, da mesma forma que o sol, esses Trutis só manifestam nos Trutis dos planos inferiores. Conforme a fase predominante da cor tatwica nessas três series de Trutis, o Vijnâna (Truti psíquico) escolhe o seu intelecto, que, por sua vez, elege o seu corpo, cuja espira de vida cria, enfim, a sua morada sobre a terra.

A primeira função do Truti individual, Vijnâna, é sustentar a vida do Truti mental, da mesma forma que o Vijnâna macrocósmico sustenta a vida da inteligência macrocósmica; assim o Truti mental sustenta a vida do Truti individual do Prâna.

Nesse estado, as almas não são conscientes senão da sua subjetividade em relação com a inteligência e com o Prâna. Elas sabem que sustentam os Trutis inferiores, conhecem a si próprias e conhecem todos os outros Trutis psíquicos, têm ciência do conjunto do macrocosmo de Ishvara, porque os raios tatwicos refletem cada ponto na sua consciência individual. São omniscientes; são perfeitamente ditosas, porque se acham exatamente em equilíbrio.

Quando o Prânamaya Kosha entra na habitação terrestre, a alma é, pela primeira vez, assaltada pelo finito; isto significa uma diminuição ou antes a criação de uma consciência nova amesquinhada. No decurso de séculos e séculos, a alma não toma nota dessas sensações finitas, mas, quando as impressões vão adquirindo forças cada vez mais, elas são enganadas por uma crença de identidade com as impressões finitas; da absoluta subjetividade, a consciência é transferida para a passividade relativa. Cria-se um novo mundo de aparências: tal é a sua queda. Como essas sensações, percepções, etc. nascem e como afetam a alma, já discutimos. Como a alma desperta desse olvido e o que ela faz então para libertar-se, ver-se-á mais longe.

Há de reconhecer-se, nesse estado, que a alma vive duas vidas: a vida cativa e a vida passiva. Na capacidade cativa, ela vai governando e sustentando a vida substancial dos Trutis inferiores: na capacidade passiva, ela se esquece a si própria e se engana de identidade com a mudança dos Trutis inferiores impressos sobre ela pelos Tatwas externos. A consciência transfere-se para os centros finitos.

Todo o combate da alma, no seu despertar, consiste no esforço que ela faz para acabar com a sua qualidade passiva e para reconquistar a sua pureza primitiva. Esse combate é o Yoga, e os poderes que o Yoga provoca na inteligência e no Prâna não são nada mais do que manifestações da força psíquica, calculada para destruir o poder do mundo exterior sobre a alma. Essa mudança constante de fase em as novas espiras finitas, irreais, de existência, constitui a marcha ascendente da corrente de vida, desde o começo da consciência relativa até o estado absoluto original.

Não há dificuldade na compreensão do porquê dessas manifestações. Elas estão no reservatório psíquico, mostram-se simplesmente quando os Trutis inferiores tomam o polimento simpático e a inclinação tatwica. Assim, o aspecto luminoso não se mostra de si mesmo senão quando certos objetos tomam o polimento e a forma de um prisma.

Em geral, a força psíquica não se manifesta de modo extraordinário nem no Prâna nem na inteligência. A humanidade progride como um conjunto e, sejam quais forem as manifestações dessa força que se efetuam, elas se realizam no conjunto das raças. As inteligências finitas são, pois, vagarosas em reconhecê-lo.

Mas todos os indivíduos de uma raça não têm a lesma força de fase tatwica. Alguns deles mostram mais simpatia para a força psíquica numa ou em diversas das suas fases tatwicas componentes: tais organismos têm o nome de médium. Nesses, a fase tatwica particular da força psíquica com a qual estão em simpatia maior do que o resto dos seus semelhantes, faz a sua aparição extraordinária. Essa diferença de simpatia individual é causada por uma diferença de grau na compleição dos diversos indivíduos ou pela prática do Yoga.

De tal maneira, essa força psíquica pode-se manifestar sob a forma de todas as possibilidades inumeráveis da combinação tatwica. Logo, pelo que é concernente á teoria, essas manifestações podem cobrir o domínio inteiro das combinações tatwicas no macrocosmo visível e no invisível também, o qual nos é, aliás, ignorado. Essas manifestações podem contradizer todas as nossas presentes noções de tempo e espaço, de causa e efeito, de força e matéria. Inteligentemente, utilizada, essa força poderia muito bem preencher as funções da verruma da Raça Futura. O estudo seguinte esboçará algumas dessas manifestações sobre o plano da inteligência.

Y O G A — A ALMA

Descrevi mais ou menos perfeitamente dois princípios da constituição humana — Prâna e Manas. Ficou dito também algo acerca da natureza e das relações da alma. Omitimos o corpo grosseiro por não ter necessidade de menção especial.

As cinco manifestações de cada um dos dois princípios — o Prâna e o Manas — cumpre menciona-lo, podem ser felizes ou desgraçadas. Essas manifestações afortunadas são as que se harmonizam com a nossa verdadeira cultura, as que nos auxiliam em o nosso mais elevado desenvolvimento espiritual, o summum bonum da humanidade. Aquelas que nos conservam encadeados á esfera dos nascimentos e das mortes periódicas podem ser chamadas infortunadas. Sobre cada um dos dois planos de vida — Prâna e Manas — há a possibilidade de dupla existência. Podemos ter, de facto, nas condições presentes do universo, um Prâna infeliz, uma inteligência feliz e uma inteligência desditosa. Considerando essas duas como quatro, o número dos princípios da constituição humana pode ser elevado de cinco a sete. As inteligências infelizes de um plano se aliam com as desgraças do outro, as felizes com as felizes e temos, na constituição humana, um arranjo de princípios que se aproximam do seguinte:

- 1 — O corpo grosseiro (Sthûla Sharira).
- 2 — Prâna infeliz.
- 3 — Inteligência desditosa.
- 4 — Prâna feliz.
- 5 — Inteligência ditosa.
- 6 — A alma (Vijnâna).
- 7 — O espirito (Ananda).

A base fundamental, na divisão em cinco, é o Upâdhi, o estado particular e distinto de matéria (Prakriti) em cada caso, na divisão sétuplo, é a natureza de Karma em relação com o seu efeito sobre a evolução humana. As duas series desses poderes — a ditosa e a infortunada — trabalham no mesmo tempo sobre o mesmo plano, e, ainda que as manifestações felizes tendem, no seu longo percurso, para o estado de Moksha, esse estado não é alcançado antes que os poderes superiores — os Siddhis — nos sejam induzidos, na inteligência, pela prática do Yoga. O Yoga é um poder da alma.

Cumpre, pois, dizer alguma coisa dá alma e do Yoga, antes que os mais elevados poderes da inteligência possam ser claramente descritos. O Yoga é a ciência da cultura humana no sentido mais elevado das palavras, o seu fim é a purificação e o refreamento da inteligência.

Mercê desse exercício, a inteligência está cheia de altas aspirações e adquire poderes divinos, enquanto que as potências desgraçadas morrem. O segundo e o terceiro princípios desse ensaio são queimados, consumidos pelo fogo do saber divino, e o estado a que se chama salvação da vida é atingido. Logo, o quarto princípio, também, se torna neutro, e a alma passa para um estado de Moksha Manvantarica. Mais alto ainda pode-se elevar a alma, conforme a força do seu exercício. Quando a inteligência também se acha em repouso, como no sono profundo (Sushupti), durante a vida, a omnisciência de Vijnâna é alcançada. Há um estado mais, sublimado ainda — o estado de Ananda. Tais são os, resultados de Yoga; devo descrever, agora, a sua natureza e o meio de adquiri-lo.

Pelo que diz respeito á natureza do Yoga, podemos dizer que a espécie humana transpôs o seu presente estado de desenvolvimento pelo exercício desse grande poder. A própria Natureza é um grande Yogijsa humanidade tem sido e é ainda purificada na perfeição pelo exercício da sua vontade sem sono. O homem só tem necessidade de imitar a grande mestra para abreviar, para o seu eu individual, o caminho da perfeição. Como é que podemos, pois, tornar-nos a nós mesmos aptos para essa grande imitação? Quais são os degraus da grande escala da perfeição? Essas coisas foram descobertas para nós pelos grandes sábios da antiguidade e o livrinho de Patanjali não é senão uma transcrição sucinta e sugestiva de tantas

das nossas experiências são registradas nossas futuras potencialidades, tais quais são registradas no livro da natureza. Este livrinho emprega prego o termo Yoga em duplo sentido: o primeiro é um estado da inteligência, chamado de outra maneira Samâdhi; o segundo é uma serie de atos e observações que traz esse estado á inteligência. A definição dada pelo sábio é negativa, e só é aplicável sobre o plano da inteligência, A fonte do poder positivo reside no mais elevado princípio, a alma. O Yoga, já o dissemos, é o refreamento das cinco manifestações da inteligência. Na definição, admite-se a existência de um poder que pode paralisar as manifestações; esse poder nos parece de outra maneira, familiar, sob o nome de livre arbítrio. Ainda que, pelas manifestações do egoísmo (Asmitâ) sobre o plano mental, a alma seja iludida, considerando-se como escrava do segundo e do terceiro princípios, isso não se dá assim e lago que em cena medida, se afrouxe a corda do egoísmo, vem o despertar.

É o primeiro passo na iniciação pela natureza mesma da raça do homem: é força da necessidade. O labor lado a lado, com um ou outro do segundo e terceiro, e do quarto e do quinto princípios, desperta a apreensão do Asmitâ mental natural sobre a alma. "Eu sou estas ou destas manifestações", diz o egoísmo; semelhante estado de coisa não pode, entretanto durar muito. Essas manifestações são duplas por sua natureza; uma é justamente o inverso da outra. Qual delas é uma com o Ego – a feliz ou a infeliz? Mal é formulada esta pergunta e já se produz o despertar. Impossível é satisfazer qualquer dessas perguntas pela afirmativa, e a alma acaba naturalmente por descobrir que ela é uma coisa separada da inteligência, e, ainda que tenha sido a sua escrava, ela poderia ser (o que é naturalmente) senhora da inteligência. Até a presente época, a alma tem sido embalada, aqui e acolá, pela obediência ás vibrações tatwicadas da inteligência. A sua cega simpatia as manifestações mentais põem-na em unísono com a inteligência e, por conseguinte, a faz divagar. Ao despertar supramencionado, a corda de simpatia está frouxa. Quanto mais forte é a natureza, tanto maior é o desvio da unisonidade. Ao invés da alma ser embalada pelas vibrações mentais, tempo é de que a inteligência vibre em obediência ás vibrações da alma. A ascensão do Senhor é a liberdade do querer e essa obediência do espírito ás vibrações da alma é o Yoga. As manifestações evocadas na inteligência pelos Tatwas externos devem oferecer agora uma saída ao mais vigoroso movimento que vem da alma. Logo as cores mentais mudam de natureza e a inteligência vem a confundir-se com a alma. Por outros termos, o princípio mental individual fica neutralizado e a alma é livre na sua consciência.

Tracemos agora, passo a passo para Samâdhi, as aquisições da inteligência.

Samadhi ou o estado mental obtido pela prática do Yoga, é de duas sortes. Todo o tempo em que a inteligência não se acha perfeitamente absorvida na alma, ao estado chama-se Samprajnâta: nesse estado é que o descobrimento das novas verdades segue o labor em cada parte, da natureza. O segundo é o estado de absorção mental perfeita: chama-se-lhe Asamprajnâta. Neste, não há saber nem descobrimento de coisas desconhecidas: é um estado de omnisciência intuitiva.

Duas questões são naturalmente sugeridas ao estado do despertar. "Se eu sou essas manifestações, qual delas sou? Julgo não ser nenhuma delas. Que sou tão? Que são elas? A segunda questão é resolvida no Samprajnâta Samadhi; a primeira, na outra. Antes de entrarmos mais longe em a natureza de Samadhi, digamos uma palavra sobre o hábito e a apatia, Estes dois estados são mencionados por Patanjali como os dois meios do reter as manifestações mentais, e é importantíssimo compreendê-los claramente. A manifestação de apatia ó reflexão, na inteligência, da cor da alma quando ela se torna instruída da sua natureza livre e de que se acha, por conseguinte, desgostada do império das paixões: é uma consequência necessária do despertar. O hábito é a repetição desse estado, de maneira que o confirma na inteligência. A confirmação da inteligência nesse estado significa um estado de inatividade mental ordinária. Por isso entendo que as cinco manifestações ordinárias estão em repouso no tempo em que isto se realiza. Sendo assim, a inteligência, por esse tempo, está isenta de receber influencias. Aqui, pela primeira vez, vemos a influência da alma sob a forma de curiosidade (Vitarka). Que é isto? Que é aquilo? Como é isto? Como é aquilo? É a forma sob a qual a curiosidade se mostra por si mesma á inteligência. A curiosidade é um desejo de conhecer. e uma pergunta é a expressão de tal desejo Porém, como o homem se familiariza com as perguntas? A forma mental da curiosidade e da pergunta será compreendida facilmente, prestando-se um pouco de atenção ás observações feitas sobre a gênese do desejo. O processo do nascimento da curiosidade filosófica é semelhante ao do nascimento do desejo. No primeiro caso, o

impulso vem da alma, diretamente: no último caso, ele vem do exterior, através do Prâna. O lugar do prazer em um é substituído pelo reflexo na inteligência do saber da alma que o Eu e a inteligência são melhores que a servidão do Não-Eu. A força da curiosidade filosófica depende da força desse reflexo, e como esse reflexo é um tanto fraco, no começo (como, no estado presente do desenvolvimento espiritual da humanidade, se encontra isso geralmente) o açambarcamento da curiosidade filosófica sobre a inteligência não sofre quase comparação alguma com o açambarcamento do desejo.

A curiosidade filosófica é, então, o primeiro passo da ascensão para o Yoga. Nós colocamos diante da nossa inteligência, para começar, cada manifestação possível da natureza e procuramos adaptar-nos, em cada uma das suas fases, a cada referida manifestação. Isto, como vamos ver, é Dhâranâ: é, em linguagem clara, aplicar-nos á investigação de todos os ramos da ciência natural, um por um.

É o resultado natural da curiosidade. Por esse esforço para descobrir as relações já existentes ou possíveis, atuais ou potenciais, no meio dos fenômenos da natureza, outro poder é introduzido na inteligência; esse poder, Patanjali chama-lhe Vichâra, a meditação. A ideia radical da palavra é a de ir ao centro das relações variadas das partes que constituem o assumpto todo das nossas contemplações. É somente uma empresa mais profunda, sobre a inteligência, da curiosidade supra mencionada.

O primeiro estado desse Samâdhi é o que se chama Ananda, a felicidade. Em tanto tempo quanto houver curiosidade ou meditação, a inteligência toma somente a consistência da alma; isto significa que as vibrações da alma estão ainda a caminho para a inteligência; elas não conseguiram o inteiro bom êxito. Quando, entretanto, o terceiro estado é atingido, a inteligência está suficientemente polida para receber a imagem cheia e clara da sexta esfera; essa imagem se apresenta na inteligência como sendo a felicidade. Quem quer que se consagrou ao estudo da natureza, esteve, por algum tempo, ainda que breve, nesse estado cobiçado. É difficilimo torná-lo inteligível pela descrição, mas estamos certos de que a maioria dos nossos leitores não lhe são estranhos.

Mas de onde vem essa felicidade? Que é? Chamei-lhe um reflexo da alma. Mas, antes de mais nada, que é a alma? Pelo que tenho escrito até o presente, os meus leitores hão de conjecturar, sem dúvida, que entendo por alma uma pintura do corpo grosseiro, do Prâna, da inteligência, no que se relaciona com a sua constituição unicamente.

Mencionei que, no macrocosmo, o sol é o centro e o Prâna a atmosfera do segundo princípio, e que a eclíptica assinala a forma desse princípio. Mencionei também que o princípio humano individual não é senão uma pintura desse macrocosmo inteiro. Mencionei ainda mais que, no macrocosmo, Virât é o centro e Manu a atmosfera do segundo princípio. Essa atmosfera consta de cinco Tatwas universais, da mesma forma que o Prâna, sendo a única diferença que os Tatwas mentais sofrem maior número de vibrações por segundo que os Tatwas de Prâna. Disse eu também que a inteligência individual é uma pintura exata da inteligência macrocômica (diferindo o aspecto naturalmente com o ambiente do tempo, como no caso do Prâna).

Cabe-me agora dizer a mesma coisa a respeito da alma. No macrocosmo, há Brahmâ como centro, e Vijnâna, como a atmosfera desse princípio. Assim como a terra se move em Prâna, assim como o sol respira em Manu, assim como Manu (ou Virât) sopra em Vijnâna, assim a alma respira na mais elevada atmosfera da Ananda. Brahmâ é o centro da vida espiritual, como o sol é o centro de Prâna e Virât o centro da vida mental. Esses centros são semelhantes ao sol em luminosidade, mas os sentidos ordinários não podem percebê-los, porque o número das vibrações tatwicicas por segundo fica além do seu alcance. A alma do universo (o Vijnânâmayâ Kosha), com Brahmâ por centro é o nosso ideal psíquico.

As correntes tatwicicas dessa esfera se entendem sobre aquilo a que chamamos um Brahmânda. Elas o fazem por intermédio da matéria grosseira de maneira semelhante à dos raios tatwicicos de Prâna que nos são familiares. Tal centro, com esse universo, forma o universo consciente de si mesmo. No seio dessa atmosfera existem todos os centros inferiores.

Sob a influência da matéria grosseira, o macrocosmo mental registra as pinturas exteriores, isto é, adquire o poder de manifestar-se segundo os cinco caminhos que descrevemos no ligeiro estudo sobre a inteligência. Sob o Brahmâ, entretanto, o macrocosmo mental (Manu) atinge os mais elevados poderes em questão. Essa dupla influência transforma, depois de certo tempo, a natureza do próprio Manu: o universo, tem um novo intelecto depois de cada Manvantara. Essa mudança se faz sempre pela melhor:

a inteligência vai sempre espiritualizando-se; o ultimo Manu é o mais espiritualizado. Tempo virá em que a presente inteligência ficará inteiramente absorvida na alma. Dá-se a mesma coisa com o microcosmo do homem. Assim Brahmâ é omnisciente por natureza; é consciente de um si, os tipos de toda a coisa que era ou que é corrente, não são senão outras tantas composições variadas dos seus tatwas. Cada fase do universo com seus antecedentes ou consequentes, jaz nele. Ele mesmo é a sua própria consciência. Uma inteligência é absorvida nela, no espaço de quatorze Manvantaras. O movimento dos Tatwas mentais é tanto mais acelerado quanto mais espirituais eles se tomam. Na época em que esse movimento se efetua, no universo, as vibrações dos Tatwas de Prâna são acelerados também, sob a influência de Manu, até que o próprio Prâna se tenha voltado ao Manu do período seguinte. E, por outro lado, enquanto isso se realiza, a matéria grosseira se desenvolve semelhantemente em Prâna. Tal é o processo da involução, mas, por agora, ponhamo-la de parte aqui e resumamos o assunto vertente.

A alma humana é uma pintura exata desse princípio macrocósmico. Ela é omnisciente como o seu protótipo e possui a mesma constituição, mas a omnisciência da alma humana está ainda latente, por causa do seu esquecimento. O sexto princípio (absoluto) tem-se desenvolvido apenas um pouco. A humanidade, em geral não tem senão uma noção obscuríssima da infinidade, da divindade e de outros assumptos tais. Isso significa que os raios do infinito, nesse estádio do nosso progresso, não fazem senão evocar o nosso sexto princípio na vida ativa. Quando, no correr do tempo, os raios do infinito reunirem uma energia suficiente, a nossa alma surgirá na sua verdadeira luz. Poderíamos acelerar esse processo por Vairâgya (apatia), que, como vimos, dá força ao Yoga.

Os meios de reforçar o Yoga merecem uma consideração particular. Certos deles servem para afastar essas influências e essas forças que são contrárias ao progresso; outras, tais como a contemplação do princípio divino, aceleram o processo do desenvolvimento da alma humana e a absorção consequente da inteligência na alma. Por agora importa-nos simplesmente desenvolver a natureza do bem-aventurado Samâdhi, de quem falamos como sendo causado pelo reflexo da alma na inteligência.

Esse reflexo significa simplesmente: a elevação do estado da alma pela inteligência. A inteligência passa do seu estado ordinário próprio para o estado da energia superior da alma. As vibrações tatwicas mais aceleradas abrem lugar para si, na matéria, de um número inferior de vibrações tatwicas por segundo. Essa elevação da inteligência, essa saída fora de si mesma, a língua portuguesa a reconhece sob o nome de altivez, e isso é a significação da palavra Ananda como que qualificando o terceiro estado do Samprajnâta Samâdhi.

O Anandamaya Kocha tira o seu nome de ser ele o estado da mais elevada altivez. Cada momento de Ananda é um grau para a absorção da inteligência e, pela meditação científica constante, a inteligência muda de natureza, passando para sempre para um estado superior de estabilidade. Aquele estado, que não aparece em Ananda senão no momento do triunfo, torna-se agora uma parte da inteligência. Essa confirmação da mais elevada energia é conhecida sob o nome de Asmitâ, que pode ser traduzido, (como é, geralmente) pelo termo egoísmo, mas deve ser compreendido como a identificação da consciência com o "si".

O objeto em vista, no presente estudo, é assignar os estádios ao longo do caminho da matéria mental, quando ela própria caminha para a sua absorção final na alma. Nas ultimas fases, levei a inteligência ao estado de Samprajnâta Samâdhi. É nesse estado que a inteligência possui o poder de descobrir verdades novas e de ver combinações novas das coisas existentes. Quando ela transpôs esse estado, nos longos ciclos de séculos escoados, o homem conquistou um saber positivo para o seu presente estado de desenvolvimento, e a posse dessa soma de saber tem sido o meio (da maneira que se indicou) pelo qual as nossas inteligências se têm elevado ao nosso grau atual de perfeição, quando aprendemos a dizer que esses grandes poderes são natos na inteligência humana. Como já mostrei, não se tornaram inatos na inteligência senão depois de uma longa submissão dessa inteligência a influência da alma.

Pelo exercício constante desse Samadhi, a inteligência aprende a inclinar-se para as influências cósmicas que são, pela sua própria natureza, antagonistas dos maus poderes da nossa constituição que detêm o nosso progresso, os quais tendem naturalmente a morrer. O fim último desse caminho é aquele estado da inteligência em que as suas manifestações se tornam inteiramente potenciais. A alma, se lhe apraz,

pode impulsioná-los para a frente pelo seu poder inerente no domínio, do atual; elas, porém, perdem todo o poder de arrastar a alma atrás de si.

Quando esse estado é transposto ou quando está prestes a ser alcançado, certos poderes entram a se mostrar, na inteligência, que, no presente ciclo, não é comum de maneira alguma. A esse estado chama-se tecnicamente Paraivairâgya, ou antes, a mais elevada apatia.

A palavra Vairâgya traduz-se, de ordinário, pela portuguesa apatia, e é considerada com desfavor pelos pensadores modernos. Penso que isso é devido a uma concepção má do sentido da palavra. Compreende-se, segundo parece, que misantropia e o único início talvez, a mais alta perfeição desse estado mental. Nada pode estar mais arredado da intenção desses sábios que estabelecem Vairâgya como o mais alto meio de aquisição da felicidade. Vairâgya ou a apatia é definida por Vyâsa, no seu comentário sobre os Aforismos de Yoga, como "o estado final do saber perfeito". Nesse estado é que a inteligência, vindo a conhecer a natureza real das coisas, já não ficará iludida pelos falsos prazeres, nelas manifestações de Avidya. Quando se confirma essa inclinação para o alto, quando esse hábito de pairar para o divino se torna uma segunda natureza, dá-se ao estado mental acabado o nome de Paravairâgya.

Atinge-se a esse estado de diversas maneiras e o caminho fica assinalado por vários estádios claramente definidos. Um caminho para lá chegar é a prática de Samprajnâta Samâdhi: pela constante prática desse Samâdhi, para o qual ela corre por si mesma quando uma vez gozou da felicidade do quarto estádio desse estado, a inteligência se habitua a uma fé permanente na eficácia da sua perseguição. Essa fé não é nada mais que um estado de lucidez mental no qual as verdades ainda desconhecidas da natureza começam a projetar sua sombra para a frente. A inteligência entra a sentir a verdade em todos os lugares e, solicitada pelo gosto da felicidade (Ananda), ela procede com zelo cada vez maior ao trabalho para o progresso da sua evolução.

Essa fé, posso nota-lo, é chamada Shraddhâ por Patanjali, e ao zelo conseqüente de que já falei ele denomina Virya.

Confirmado no seu zelo e continuando a trabalhar, a manifestação da memória se efetua naturalmente (*): é esse um estado de elevada evolução. Cada verdade chega a estar presente diante do olho da inteligência, ao mais leve pensamento, e os quatro estádios de Samadhi fazem a aparição cada vez mais, até que a inteligência se torne, quase, um espelho da Natureza.

Isto corresponde ao estado de Paravairâgya que seria atingido, da segunda maneira, pela contemplação do alto protótipo da alma. É a alma macrocômica, o Ishvara de Patanjali, que permanece para sempre nessa alma de pureza primitiva, é esse Ishvara de que falamos como do universo consciente por si mesmo. Esse Ishvara, segundo penso, não é senão um centro macrocômico, semelhante em natureza ao sol, ainda que mais elevado que ele em função. Assim como o sol, com o seu oceano de Prâna, é o protótipo do nosso princípio de vida – Prânamaya Kosha – assim também Ishvara é o grande protótipo das nossas almas. Que é o sexto princípio, senão uma fase da existência desse grande ser, prolongada como uma fase separada, nos princípios inferiores, destinada, entretanto, a fundir-se, de novo, na sua própria, verdadeira essência?

Assim como mostrei que os princípios de vida vivem no sol, depois da nossa morte terrestre, para voltarem muitas vezes á vida atual, assim também e semelhantemente a alma vive em Ishvara. Podemos, se nos apraz, considerar essa entidade como sendo o grupo de todas as almas resgatadas, mas devemos, ao mesmo tempo, lembrar-nos de que as almas não salvas são também os seus reflexos não desenvolvidos, destinados, pelo tempo adiante, a atingir o seu estado original. É, portanto, necessário supor a existência independente de Ishvara e em Ishvara, a das outras almas.

Esse centro psíquico macrocômico, esse ideal do sexto princípio do homem, é o grande reservatório de toda a força atual do universo.

É o verdadeiro tipo da perfeição da alma humana. Os incidentes da existência mental e física que, ainda que perfeitos, em si mesmos, são simples imperfeições, não acham lugar nesse centro. Nesse estado, não há miséria (as cinco misérias da nossa compreensão conforme Patanjali vão enumeradas acima), porque a miséria não pode elevar-se senão no processo retrogrado do primeiro despertar da inteligência, não sendo causado senão pela sensação e pela inaptidão do sexto princípio humano em atrair a inteligência a si mesmo e fora do domínio dos sentidos, para fazer delas, de alguma sorte, o que

originalmente é o seu protótipo, o septo do mando e não o que a sensação lhe fez, instrumento da escravidão.

Por essa contemplação do sexto princípio do universo, estabelece-se naturalmente uma simpatia entre ele e a alma humana. Essa simpatia não é necessária senão para permitir á lei tatwica universal a trabalhar com maior resultado. A alma humana começa a ser limpa do pó do mundo; por sua vez, ela afeta a inteligência de igual maneira, e, por isso, o Yogi se torna consciente dessa influência pela distensão dos embaraços forjados por Prakriti, e por um reforço mento diário, horário das aspirações celestes.

A alma humana começa, então, a tomar-se um centro de poder para o seu pequeno universo particular, da mesma forma que Ishvara é o centro do poder do universo dele. O microcosmo torna-se uma pequena pintura perfeita do macrocosmo. Quando é atingida a perfeição, todos os Tatwas mentais e fisiológicos do macrocosmo e, em certa medida, os do mundo ambiente se tornam escravos da alma. Pouco importa onde quer que ela possa inclinar-se, os Tatwas andam-lhe no encaicho. O homem pode querer e o Vayú Tatwa atmosférico, com a força que lhe apraz ou de que é capaz de concentrar, porá em movimento seja o que for para realizar a sua vontade.

Ele pode querer e, no mesmo instante, o Apas Tatwa mitigará a sua sedo e curará a sua febre, ou com efeito, destruirá a seu talante os germens das moléstias, seja ela qual for. Ele pode querer e, enfim, sobre qualquer plano dos planos inferiores, cada Tatwa cumprirá o seu dever para com ele. Todos esses elevados poderes não esperam para aparecer de repente, mas se mostram gradual e naturalmente, segundo as aptidões especiais, sob formas especiais.

Mas uma descrição desses poderes não faz parte do meu presente trabalho. O meu desígnio é mostrar de que maneira, conforme á lei universal da natureza, a alma humana, pela contemplação do sexto princípio macrocósmico, torna-se para a inteligência o meio de atingir o estado chamado Paravairâgya. As leis do trabalho desses elevados poderes constituirão o assumpto de um estudo qualquer futuro.

Além daquelas duas, o autor dos Aforismos de Yoga enumera outras cinco maneiras pelas quais as inteligências daqueles que mercê do poder de um karma precedente, são já levados para o divino, se mostram trabalhando para conquistar o estado em questão.

A primeira maneira consiste em habituar a inteligência ás manifestações do prazer, da simpatia, da altivez, da comiseração, para com os sanguinários, miseráveis e viciosos. Todo homem bom nos dirá que a manifestação de alegria em presença do bem-estar de outrem é virtude elevada. Então, que mal há no ciúme? Penso que nenhuma ciência, além da filosofia dos Tatwas, explica com rigor suficiente a razão de tais questões.

Vimos que, em estado de alegria, bem-estar, prazer, satisfação, etc., o Tatwa Prithivi ou o Apas prevalece no Prâna e na inteligência. É evidente que, se pusermos as nossas inteligências no mesmo estado, induzimos um ou o outro dos Tatwas nos nossos princípios vitais e mentais.

Qual será o resultado disso? Estabelecer-se-á uma corrente de purificação. Os dois princípios começarão, ao mesmo tempo, a ser limpos de todo o vestígio de defeito que o excesso de um dos Tatwas restantes possa ter dado á nossa constituição.

São afastadas todas as causas fisiológicas ou mentais que introduzem a desatenção na inteligência.

As perturbações do corpo vão-se, porque elas resultam da perturbação do equilíbrio dos Tatwas fisiológicos e o bem-estar, o prazer e a alegria lhes são estranhos. Um induz o outro. Como o equilíbrio dos Tatwas traz o bem-estar e a alegria da vida, o sentido do bem-estar que dá colorido ao nosso Prâna e a nossa inteligência, quando nos pomos em estado de simpatia com o bem-estar, restabelece o equilíbrio dos nossos Tatwas.

E quando o equilíbrio dos Tatwas se acha restabelecido, que é o que resta? A falta de gosto ao trabalho, a dúvida, a preguiça e outros sentimentos dessa espécie não podem perdurar por mais tempo, e o único resultado é a restituição á inteligência da calma perfeita. Como diz Vyâsa, no seu comentário: a Lei Básica faz a sua aparição na inteligência. Tal é, de maneira semelhante, o resultado das manifestações das outras qualidades. Mas, para que semelhante estado se produza, faz-se necessária uma longa e poderosa aplicação.

(*) Enviamos o leitor para a nossa análise da memória

O método seguinte é Prânamaya, a expiração e a inspiração profundas; ele conduz também ao mesmo fim e da mesma forma. As respirações profundas trazem, de certo modo, o mesmo efeito que a corrida e os outros exercícios violentos. O calor produzido consome certos elementos de moléstia que é de desejar verem-se queimados. Mas a pratica, nos seus efeitos, difere, para melhor, do exercício violento, no qual o Sushumna começa a entrar em jogo e isso não é bom para a saúde fisiológica; Prânayâma, no entanto, se for convenientemente empreendido, é proveitoso, tanto no ponto de vista fisiológico, como no ponto de vista mental.

O primeiro efeito produzido no Prânayâma é o predomínio geral do Prithivi Tatwa. Não é necessário lembrar ao leitor que o Apas Tatwa conduz a respiração ao ínfimo e que o Prithivi vem em seguida. Em o nosso estudo sobre o respirar mais profundamente do que de ordinário, o Prithivi Tatwa não pode deixar de ser introduzido, e o predomínio geral desse Tatwa, com o áureo matiz que se segue de um círculo de luz em torno da nossa cabeça, não pode falhar de causar a fixidez da intenção e da força da atenção. O Apas Tatwa aparece em seguida. É a cor argentina da inocência ciência que circunda a cabeça de um santo e assinala a aquisição do estado de Paravairâgya.

A maneira seguinte consiste na aquisição da dupla lucidez – sensorial e cardíaca. A lucidez sensorial é o poder dos sentidos em perceber as mudanças de Prâna. A atenção precedentemente exercida, conforme aptidões especiais, fica centralizada em diversos dos cinco sentidos. Se está centralizada nos olhos, podem-se ver as cores fisiológicas e atmosféricas de Prâna. Posso afirma-lo por experiência própria; posso ver as cores variadas das estações; posso ver a chuva vir uma hora, duas horas e, às vezes, até dois dias antes da caída. As folhas verdes brilhantes que o branco banha de frescura e de pureza aparecem por todas as partes em redor de mim, no salão, no céu, na mesa á minha frente, na parede fronteira. Quando sucede isso, estou certo de que a chuva está no ar, está prestes a cair. Se o verde está riscado de vermelho, ela pode levar algum tempo para vir, mas prepara-se com toda a certeza.

Essas observações bastam com relação á cor. Pode-se fazer que o poder se manifeste por uma atenção sustentada a olhar para um ponto no espaço ou para outra qualquer coisa, como a lua, uma estrela, uma joia e assim por diante. Os quatro sentidos restantes atingem também os poderes semelhantes e os sons, os sabores, os aromas, os contatos que a humanidade ordinária não pode perceber, começam a ser percebidos pelo Yogi.

A lucidez cardíaca é o poder da inteligência de sentir e também o poder dos sentidos de perceber os pensamentos. Num esboço precedente, apresentei um plano especificando o lugar e dando as cores das espécies variadas de manifestações mentais. Essas cores são vistas por quem quer que tenha ou que adquira o poder, e elas constituem o livro mais seguro em que se leem os pensamentos de um homem. Continuando a pratica, hão de reconhecer-se as sombras mais tênues.

Assim podem-se sentir esses pensamentos; as modificações do pensamento movendo-se ao longo dos fios tatwicos universas afetam cada homem. Cada uma delas comunica ao Prânamaya Kosha um impulso distinto e, por conseguinte, um impulso distinto ás vibrações do cérebro e ás palpitações mais perceptíveis do coração. Um homem que estuda essas palpitações do coração e tem a sua atenção concentrada no coração (enquanto ela está naturalmente aberta a toda a influência), aprende a sentir cada impressão nesse lugar. O efeito das modificações mentais de outrem sobre o coração é um fato que, posta de parte qualquer qualidade, pode ser verificado pela experiência mais comum.

Essa lucidez sensorial ou cardíaca, segundo o caso, uma vez atingida, destrói o ceticismo e conduz, enfim, ao estado de Paravairâgya.

No sitio seguinte, diz Patanjali, pode-se contar com o conhecimento que se obtém pelos sonhos e pelo sono.

As cinco correntes etéricas das sensações estão concentradas no cérebro e, desses cinco centros de força, o movimento se transmite ao princípio. Esses focos variados servem de elos de conexão entre os princípios mental e vital. As correntes visuais produzem, na m inteligência a faculdade de se tornar consciente da cor. Por outros termos, elas produzem olhos na inteligência. Semelhantemente, a inteligência desenvolve a faculdade de receber as impressões das quatro sensações restantes. Adquire-se essa faculdade depois de uma exposição de muitos séculos: passam ciclos sobre ciclos e a inteligência

ainda não está capaz de receber essas vibrações tatwicas. A vaga da vida começa a sua viagem organizada sobre a terra com as formas vegetais.

Desde esse momento, as correntes tatwicas externas começam a afetar o organismo vegetal, e é o começo daquilo a que podemos chamar de sensação. As modificações dos Tatwas externos, através da vida vegetal individualizada, ferem as cordas da inteligência latente; ela, porém, não corresponde ainda, não se acha em simpatia. Cada vez mais alta, através das formas vegetais, a vaga de vida viaja; cada vez maior é a força com a qual ela fere as cordas mentais, e de melhor a melhor torna-se a faculdade desse princípio responder aos chamados tatwicos da vida. Quando atingimos o reino animal, os focos tatwicos externos se tomam, enfim, visíveis; são os órgãos dos sentidos, tendo cada um deles a faculdade de concentrar em si mesmo os seus raios tatwicos particulares. Nas formas inferiores da vida animal, eles são visíveis e é um indício de que o princípio mental está então em estado comparativamente elevado de perfeição: começou um pouco a responder ao apelo tatwico externo. Pode-se notar aqui que se trata da inteligência relativa superposta, e não do Truti mental original absoluto, de que falei num esboço precedente. É a elevação dessa estrutura evolutiva acabada sobre todos os planos de vida que levou um filósofo alemão a esta conclusão de que Deus é um devenir. Isto é verdade naturalmente, mas é só verdade do universo finito das formas e dos nomes, e não do absoluto para o qual ele se move.

Resumamos. Cada vez mais longa é agora a exposição dessa vida animal dos Tatwas externos; cada vez maior, cada dia, a força destes, nos seus centros variados; cada vez mais elevada a formação desses centros cada vez mais forte o apelo externo para a inteligência; e cada vez mais perfeita a resposta mental. Tempo vem em que, no correr dessa evolução, os cinco sentidos mentais estão perfeitamente desenvolvidos, e estão assinalados pelo desenvolvimento dos sentidos externos. A ação dos cinco sentidos mentais chamamos-lhe o fenômeno da percepção. Sobre a manifestação dessa percepção está ereta a poderosa fábrica dessas manifestações mentais que procurei discutir no estudo acerca da inteligência. A maneira pela qual essa evolução se realiza está ali esboçada também.

Os Tatwas externos da matéria grosseira criam centros grosseiros em corpo grosseiro para onde possam enviar as suas correntes. A alma faz a mesma coisa. As correntes tatwicas da alma externa – Ishvara – criam centros semelhantes de ação, em relação com a inteligência. Mas as vibrações tatwicas da alma são mais sutis que as do princípio de vida: a matéria mental gasta mais tempo para correr, ao apelo de Ishvara do que para responder ao de Prâna. É só no próprio momento em que a vaga de vida alcança a humanidade que as vibrações da alma começam a mostrar-se na inteligência. Os focos das correntes psíquicas estão localizados naquilo a que se chama o Vijnânamaya Kosha – o corpo psíquico. Na época em que começa a vida humana, os focos psíquicos se acham no mesmo estado de perfeição em que se encontram os focos animais – os sentidos na época em que a vaga de vida começa a sua viagem nas espécies animais. Esses focos psíquicos adquirem força, raça após raça, até que atinjamos o ponto chamado por nós o despertar da alma. Esse processo termina pela confirmação do estado de Paravairâgya. Desse estado, não restam senão alguns passos para se chegar ao poder a que se chama ulterior ou de percepção psíquica. A nossa antiga percepção, podemos chamar-lhe concepção animal; e, assim como sobre a base da percepção animal edificamos a poderosa fábrica de inferência e de autoridade verbal, da mesma sorte pode também ser edificada (como foi, em verdade, pelos antigos sábios Aryas) uma poderosa fábrica de inferência e de autoridade verbal sobre a base da percepção psíquica. Aí vamos chegando pouco a pouco. Entrementes, resumamos o nosso assunto, no ponto em que o deixamos.

Quando a prática confirma na inteligência do Yogi o estado de Paraivairâgya, ela atinge a calma mais perfeita. Está aberta a todas as sortes de influências tatwicas, mas sem emoção sensual alguma. Ao poder seguinte que se mostra por si mesmo, conseqüentemente, chama-se Samâpati. Traduzirei essa palavra pelo termo *intuição* e a definição como sendo aquele estado mental em que se torna possível receber o reflexo mundos subjetivos e objetivos; é o meio de conhecimento ao mais leve movimento, de qualquer maneira que seja comunicado.

A intuição tem quatro graus:

1. Sa – Vitarka –verbal.
2. Nir –Vitarka –mudo.
3. Sa –Vichâna –meditativo.

4. Nir –Vichâna –ultra meditativo.

O estado de intuição tem sido comparado a um cristal brilhante, puro, transparente, incolor. Olhe-se através do cristal para qualquer objeto que se deseje e ele prontamente mostrará em si mesmo a cor desse objeto; assim se conduz a inteligência nesse estado. Caiam sobre ela os raios tattwicos que constituem o mundo objetivo, ela se mostrará sob as cores do mundo objetivo. Sejam deslocadas essas cores, ela torna-se de novo tão pura como o cristal, prestes a ornar-se de todas as outras cores que se lhe podem apresentar. Pensai nas forças elementares da natureza, os Tatwas; pensai nos objetos grosseiros onde elas trabalham; pensai nos órgãos dos sentidos, na sua gênese, no seu método de trabalho; pensai na alma, redenta ou escrava, e a inteligência cai prontamente em cada um desses estados. Ele não retém nenhuma cor particular que possa viciar outra cor que a penetre ou se lhe oponha. O primeiro grau da intuição é o estado verbal: é o mais comum neste século e, por conseguinte, o mais facilmente inteligível. Imagine uma inteligência na qual nenhuma cor é evocada ao som das palavras científicas. Pensai nesses milhares de homens em cuja inteligência os sons da sua própria linguagem, cheia de elevadas e grandes ideias, são tão estranhos como o hebraico é para o Maori. Tomai um campônio inglês sem educação e lede-lhe *Comus* ou *A Tempestade*. Pensará ele que palavras magníficas lhe significarão tudo o que elas têm a intenção de encerrar? Mas porque um campônio sem educação? Por ventura o próprio grande Johnson compreende as belezas de Milton? Tomai de novo um estudante vulgar e lede-lhe, na sua própria linguagem, as verdades da filosofia. Acaso essa linguagem ainda que se lhe dê o sentido do dicionário não transferirá nenhuma ideia na sua inteligência? Tomai os Upanishads e lede-os a um pandit que pode suficientemente compreender o sânscrito gramatical e lexicograficamente. Porá alguém, que não eu, em dúvida que ele não compreenda tudo o que contêm aquelas nobres palavras? A tal inteligência compare-se a de um homem realmente educado, uma inteligência que, quase intuitivamente, tome as palavras no seu verdadeiro sentido, o que não é uma tarefa fácil para as pessoas altamente educadas, porque os preconceitos, as teorias antagonistas profundamente arraigadas, a força das suas próprias convicções e, talvez, qualquer outro caráter da inteligência, se tornaram obstáculos insuperáveis. Essa comparação mostrará que a intuição é alguma coisa mais que uma simples penetração do intelecto. É antes a luz que está por detrás de cada coisa, brilhando no intelecto e através dele quando ficou desembaraçado de todos os obstáculos opacos, dos quais o mais denso é o ceticismo antagonista e bem arraigado. Um John Stuart Mill mesmo não poderia compreender propriamente a filosofia de Sir William Hamilton. Um dos maiores sábios do Oriente diz que o sistema de Patanjali nada absolutamente tem de filósofo. Outro se capacitou de que os Aforismos acerca do Yoga, de Patanjali, não passam de simples fanatismo! Há muitos Tantras cujo sentido, pouquíssimos dos nossos conhecem, ainda que possamos traduzi-los verbalmente em outra linguagem. É isto uma gravíssima restrição e, às vezes, muito de lastimar; ela desaparece somente quando se manifesta a intuição verbal. Nesse estado, o Yogi fica imediatamente em relação com o autor do livro, e isso porque a sua inteligência está livre de todo o perigo que cega, e que é, de fato, um cristal puro, brilhante, incolor, prestes a mostrar; toda a fase de cor, que pode pôr-se em contato com ela.

O grau seguinte da intuição é a intuição muda.

Com ela a gente não carece de livros para iniciar-se- nos segredos da natureza, a nossa inteligência torna-se capaz de derivar as verdades de sua fonte, as verdadeiras pinturas de cada coisa, em cada estado do mundo objetivo que são representadas, pela ação de Prâna, na inteligência universal – pinturas que são as almas dessas coisas, os seus verdadeiros “si” particulares e fecundados por cada estado para o qual passaram ou têm de passar – as realidades das fases variadas e variáveis do mundo fenomenal – as qualidades características das coisas.

Esses estados têm por objeto o mundo fenomenal grosseiro. Os dois graus seguintes da intuição têm por objeto o mundo das forças, o mundo dos corpos subtis que reside na raiz das mudanças do mundo grosseiro. A intuição meditativa não tem por objeto senão a manifestação presente das correntes do corpo subtil – as forças que se mostram já ou estão a ponto de mostrar-se. Nesse estado, por exemplo, o Yogi conhece intuitivamente as forças presentes do Prâna atmosférico, enquanto que eles estão a juntar bastante foice para nos dar uma pancada de chuva ou de pedrisco, de neve ou de geada, mas ele não sabe

o que lhes deu a sua atividade presente, ou se o querer potencial se tornou jamais no atual e, se assim é, em que medida. Ele conhece as forças que estão no trabalho no momento presente, naquela árvore, naquele cavalo, naquele homem, conhece os poderes que conservam essas coisas no estado em que elas estão, mas não conhece os ante cedentes nem os consequentes desse estado.

O grau seguinte tem por objeto os três estados dos corpos subtis. O estado presente lhe é seguramente conhecido, mas graças a ele, o Yogi abraça a história completa do objeto, do começo ao fim. Ponha-se adiante dele uma rosa e ele conhece o seu princípio subtil em todos os seus estados, antecedentes e consequentes. Acha-se familiarizado com os pequenos começos da árvore e com o crescimento dela nos diversos estados conhece o modo pelo qual lhe surgiram os olhos; sabe como o botão desabrocha e se transforma em bela flor; sabe o que há de ser dela no fim, como perecerá, e sabe em que época a mesma flor, de novo, dará energia á matéria grosseira. Ponha-se diante dele uma carta fechada e ele sabe, não só o que encerra a carta, mas pode também traçar os pensamentos do cérebro de que eles são precedentes, da mão que traçou as linhas, do salão no qual elas foram escritas, e assim por e nesse estado também que a inteligência conhece a inteligência sem auxílio de palavras.

Penso que expliquei suficientemente esses estados: eles constituem aquilo a que se chama o transe objetivo (Savîja Samâdhi).

Ocasionalmente, esses poderes se mostram por si mesmos em algumas inteligências. Mas isso prova simplesmente que os mortais favorecidos estão reto caminho. Eles deveriam garantir o seu poder se quisessem assenhorear-se dele.

Quando o ultimo grau desse Samadhi está confirmado na inteligência, os nossos sentidos psíquicos ganham em poder sobre essa soma de conhecimentos certos que é a porção dos nossos sentidos animais. A autoridade desses sentidos é suprema, para nós, em tudo o que diz respeito ao mundo grosseiro. De igual maneira, não nos restou margem alguma para duvidarmos da veracidade do saber que os sentidos psíquicos nos fornecem. Esse elevado poder de conhecer toda a verdade supra sensorial, com perfeita clareza, é conhecida sob o nome de Ritambhara, ao que temos chamado percepção psíquica.

O saber que a percepção psíquica nos dá, não deve ser confundido com o saber que se obtém por inferência, por imaginação ou pelos registros das experiências de outrem.

A inferência, a imaginação e a autoridade verbal, baseada na percepção animal, não podem trabalhar senão sobre o saber obtido através dos sentidos animais. Mas a percepção psíquica e a inferência fundadas assim têm por objetos as coisas dos mundos supra sensoriais, realidades que auxiliam a existência fenomenal que nos é familiar. Essa percepção toma, no facto da existência e da natureza da própria Prakriti, o estado mais subtil de matéria, da mesma forma que a percepção animal na matéria grosseira. A percepção animal atrai a inteligência para a matéria grosseira, o mundo que lhe deu nascimento; assim a percepção psíquica atrai a inteligência para a alma. A prática do Samâdhi objetivo, se destrói por si mesma. A inteligência absorve de tal maneira a mais elevada energia da alma, que ela perde a sua consistência mental. A estrutura inteira dos nomes e das formas irrealis se evapora. A alma vive em si mesma e não, como agora, na inteligência.

Aqui, a maior parte do nosso trabalho está acabada. É claro, agora, que o que chamamos homem vive principalmente na inteligência. A inteligência tem duas entidades que afetam; uma é o princípio da vida, a outra o princípio psíquico – uma produzindo certas mudanças na inteligência em baixo, a outra em cima.

Essas mudanças têm sido registradas, e tem-se achado que o domínio da alma é o mais desejável que o do princípio de vida. Quando a inteligência se perde inteiramente na alma, o homem se torna Deus.

O objeto desses estudinhos é pintar, ainda que de modo grosseiro, a natureza, a função e as relações mutuas dos princípios; por outras palavras, traçar a operação da lei tatwica universal sobre todos os planos da existência. Fizemo-lo brevemente. Resta ainda muito que dizer acerca dos poderes latentes no Prâna e na inteligência que se mostram nos departamentos especiais do progresso do homem. Não há necessidade de penetrar neles por enquanto e, conseqüentemente, com uma descrição do primeiro e do derradeiro princípio do Cosmos? O Espírito – terminamos estes estudos.

O ESPÍRITO

É o Anandamaya Kosha, literalmente, o corpo de felicidade dos Vedântinos. Pelo poder de percepção psíquica, a alma conhece a existência dessa entidade, mas, no presente estado de desenvolvimento humano, ela faz sentir ousadamente a sua presença direta na constituição do homem. A diferença característica entre a alma e o espírito é a ausência do Eu no último.

É agora a aurora do dia da evolução, é a primeira movimentação da corrente positiva da grande respiração; é o primeiro estado de atividade cósmica, depois da noite de Mahâpralaya. Como já vimos, a respiração, em cada estado de existência, tem três diferenciações:

a positiva, a negativa e Sushumna. O Sushumna é fecundo com um ou com o outro dos dois estados restantes: é o estado descrito no Parameshti Sukta do Rig Veda, não sendo Sat (positivo) nem Asat (negativo). É o estado primário de Parabrahman, no qual o universo inteiro se mantém oculto como uma árvore na semente. Como as ondas se levantam e se desfazem por si mesmas num oceano, os dois estados da evolução e da involução se erguem nesse estado e são absorvidos no mesmo em tempo oportuno. Que é a própria Prakriti nesse estado de onipotência potencial? Os fenômenos de Prakriti devem a sua origem e existência às modificações da grande respiração. Quando essa grande respiração se acha no estado de Sushumna, não podemos dizer que a própria Prakriti esteja mantida nesse estado por Sushumna? É, com efeito, Parabrahman que é tudo em tudo. Prakriti não é senão a sombra dessa substância e, como sombra, ela acompanha as modificações da respiração. A primeira modificação da grande respiração é começo da execução da corrente evolutiva (positiva). Nesse estado, Prakriti modifica-se nos éteres do primeiro grau que constituem a atmosfera de onde Ishvara tira a vida. O sujeito (Parabrahman), cujo sopro causa essas modificações Prakriticas, é conhecido, no primeiro estado da evolução, como sendo o sal, a fonte de toda a existência. O Eu está latente nesse estado e muito naturalmente, porque só a diferenciação dá nascimento ao Eu. Mas qual é esse estado? Deve o homem ser aniquilado antes de alcançar aquele estado a que, do ponto de vista humano, se chama Nirvana ou Paramrvâna? Não há razão de supor que seja o estado de aniquilação, assim como não o é a condição do calor latente na água. O facto é que a cor que constitui o ego latente na mais elevada força de energia do estado de consciência ou de ciência acima de si, que certamente não destrói o "si".

O espírito individual tem a mesma relação com o que a alma individual com o Ishvara, a inteligência individual com o Virât e o princípio da vida individual com o Prâna. Os raios tatwicos de cada grau dão nascimento ao centro correspondente. Cada centro é uma gota no próprio oceano. O Upanishad explica esse estado sob diversos nomes. A Chhândogya, entretanto, contém um diálogo muito compreensivo a tal respeito entre Uddâlaka e seu filho Shvetaketu.

O professor Max Müller fez algumas observações muito criticáveis sobre certas asserções desse dialogo, taxando-os de "mais ou menos fantasistas". Tais observações não teriam surgido jamais no pensamento de um homem tão erudito se ele soubesse e compreendesse alguma coisa da ciência antiga da respiração e da filosofia dos Tatwas. Os Upanishads não podem jamais ser inteligíveis sem essa ciência compreensiva. Deve-se lembrar que os próprios Upanishads afirmam claramente, em diversos trechos, que é necessário um mestre para a compreensão cabal das suas palavras divinas. Ora, o mestre nada mais ensina do que a Ciência da Respiração, que dizem ser a doutrina secreta entre todas. É, com efeito, a chave de tudo quanto se ensina nos Upanishads. O livrinho que estes bosquejos se esforçam por explicar ao mundo, aparece, só pelo seu arranjo, como uma recopilação de dísticos diversos sobre o mesmo assumpto, herdados de círculos esotéricos variados. É, com efeito, como uma chave da filosofia Arya, e da ciência oculta que esse punhado de estancias apresentadas agora ao leitor, possui o seu principal valor; mas, aí não posso esperar que o presente opúsculo sirva para dissipar todas as trevas dos séculos. Voltemos entretanto, ao diálogo entre o pai e o filho. Acha-se contido no sexto Prapâthaka da Chhândogya Upanishad.

“No começo, meu caro, não havia senão aquilo que é (τὸ ὄν) um unicamente, sem segundo. Outros dizem que, no começo, não havia senão aquilo que não é um unicamente (τὸ μὴ ὄν) sem segundo, e do que não é, o que é nascido”.

Esta é a tradução do professor Max Müller. Não obstante a autoridade desse grande nome e da sua erudição real, atrevo-me a pensar porque o sentido do Upanishad ficou inteiramente perdido de vista na tradução.

As palavras do original são:

Sad eva saumyadamagne âsît.

Não posso encontrar palavra alguma, na tradução, que dê o sentido da palavra idam do original. Idam significa “isto” e foi dado como significando o mundo fenomenal; o que é percebido, etc. A tradução verdadeira do texto seria, pois:

“Este (mundo) era Sat só no princípio”.

Talvez que, na tradução do professor Max Müller, a palavra “there” fosse impressa em lugar de “this”; se foi este o caso, isso remedia o defeito da tradução.

O texto significa que o primeiro estado do mundo, antes da diferenciação, foi o estado de Sat. Pelo que vem em seguida, é manifesto que isto é o estado do universo, no qual todos os fenômenos – materiais, mentais, psíquicos – são mantidos in posse. O termo eva, que, pela palavra “alone” ou “só”, foi posta na tradução, significa que, no princípio do dia da evolução, o universo não tinha todos os cinco planos, nem mesmo dois ou mais de cinco planos de existência conjuntamente. Agora, ele os tem, mas no princípio só o Sat existia.

Sat é um só, sem segundo. Nestes dois epítetos não há qualificação de tempo. O Sat ó um só e não tem, como Prâna, Virât e Ishvara (existindo todos os três simultaneamente), um lado sombrio de existência. A sentença seguinte é, por assim dizer, que, no princípio, era Asat só. Como a traduziu o professor Max Müller: “Lá (?) era aquilo só que não é”.

Isto, porém, não encerra sentido, algum, não obstante o séquito do grego (τὸ μὴ ὄν) . Que a palavra Asat seja empregada no sentido de “o que não é”, ou brevemente nada”, não resta dúvida alguma. Mas tal não é o sentido do Upanishad, e a tal respeito não há dúvida alguma. As palavras se acham empregadas, aqui, no mesmo sentido em que são empregadas no Hino “Nosad âsit” do Rig Veda:

“Então não havia Sat nem Asat”.

Isto é seguramente um estado muito diferente do Sat do Upanishad. Não é nada mais do que o Sushumna da respiração brahmica. Depois disso, no princípio da evolução, o Brahma tornou-se Sat. É a fase potencial evolutiva positiva. O Asat não é nada mais do que a corrente de vida negativa, fria, que reina durante a noite de Mahâpralaya. “Quando a sombria Prakriti sofreu a influência preparatória da corrente negativa, raiou o dia da evolução com o princípio da corrente positiva. A disputa, quanto ao princípio, é simplesmente de natureza técnica. Em realidade, não há princípio. Tudo se move em círculo, e, desse ponto de vista, podemos colocar no princípio qualquer estado que nos aprouver.

Mas, Argúe o filósofo de Asat, a não ser que Mâyâ sofra a influência preparatória da Noite, não pode haver criação. Logo, na opinião dele, devemos colocar o Asat no princípio.

Nisto o sábio Uddâlaka não queria consentir. Segundo o seu parecer, a força impressiva ativa está no Sat, no estado positivo, como todas as formas de vida têm a sua origem em Prâna (a matéria vital positiva) e não em Rayi (a matéria vital negativa) (*) Não é a impressibilidade que existe no Asat; os nome e formas reais do universo fenomenal não existem com efeito, o nome de Sat foi dado ao estado primário do universo evoluinte, por essa única razão: Se traduzíssemos essas duas palavras em português, teríamos que forjar dois compostos únicos:

Sat – aquilo - em - que - é.

Asat – aquilo - que - não - é.

(*) Veja-se o Prashnopanishad.

É apenas uma maneira de traduzir que encerraria a verdadeira ideia, e, por isso, é principalmente judicioso o reter as palavras sânscritas e explica-las do melhor modo. Esse estado atualmente existente, no qual os nomes e as formas não existem, não pode ser considerado, realmente, como a causa dos nomes e formas que existem. Logo, o Sat só era no princípio, etc.

O espírito individual tem a mesma relação com o Sat que a alma tem com Ishvara.

Isto basta para mostrar que não ha, em parte alguma, aniquilação no universo. Nirvana significa simplesmente a absorção (não extinção) dos raios fenomenais.

A CIÊNCIA DA RESPIRAÇÃO E A FILOSOFIA DOS TATWAS

(TRADUZIDO DO SÂNSCRITO)

Este livro foi composto sob a forma de um diálogo entre o deus Shiva e sua esposa Pârvati; todos os Tantras têm a mesma forma. Fala-se geralmente daquele como de Iswara, e desta como de Devi ou Shakti. Por causa deste método de composição, o tratado não parece ter sido escrito por Shiva, suposto autor do Shivagâma. Em primeiro lugar, há no livro muitas estancias que parecem compostas por diferentes autores e acomodadas á forma presente por um compilador; e, em segundo lugar, o autor diz algures que ele estava pronto para descrever certas experiências como ele as havia visto no Shivagâma ou Ensinamentos de Shiva.

No fim de um MS no entanto, fica dito que o livro compreende o oitavo capítulo do Shivagâma.

Na Kenopanishad, o grande comentador Sankharâchârya interpreta Umâ Haimavatî (outro nome de Pârvati) como sendo Brahma Vidyâ, a ciência divina ou Teosofia. A deusa aparece aí como um instrutor e pode muito bem personificar a Teosofia. Esta explicação, pois, será sustentada corajosamente. Shiva e Pârvati aparecem aqui como os princípios positivo e negativo. Eles estão melhor advertidos da sua própria obra. O deus, principio positivo, explicando a Shaktî principio negativo, as várias maneiras pelas quais as forças sutis da natureza se imprimem sobre os planos mais grosseiros, pode ser o símbolo da impressão eterna de todos os pensamentos e de todos os organismos vivos no Shakti — a matéria passiva, Rayi —por Shiva, o principio ativo.

A DEUSA PERGUNTOU:

1. Senhor Mahâdeva, deus dos deuses, sê benevolente para mim e fala-me da sabedoria que compreende todas as coisas.
2. Como se manifestou o universo? Como se mantem? Como desaparece? Ensina-me, ó Senhor! a filosofia do Universo.

O DEUS DISSE:

3. O Universo veio de Tatwa (*) (ou dos Tatwas); ele conserva-se pelo jogo dos Tatwas; desaparece nos Tatwas; pelos Tatwas conhecemos a natureza do universo.
(O universo compreende todas as manifestações que nos são familiares, ao mesmo tempo, sobre o plano físico, o plano mental e o plano psíquico. Todas saíram dos Tatwas. Os Tatwas são forças que se prendem

A DEUSA PERGUNTOU:

4. Aqueles que conhecem os Tatwas afirmaram que os Tatwas são a raiz mais elevada; qual é, ó Deus! a natureza dos Tatwas? Põe os Tatwas em luz.

O DEUS RESPONDEU:

5. Não-manifestado, sem forma, o único dispensador de luz, é o Grande Poder; dele vem o éter sonoro (Akasa); dele o éter táctil toma nascimento.
(Esse Grande Poder é o Parabrahman dos Vedantinos, a primeira mudança de estado que se encontra no ápice da evolução. É a primeira fase positiva da vida. Todos os Upanishads estão de acordo a este respeito. No principio tudo era Sat (a fase positiva de Brahma).

(*) No original, o singular é empregado frequentemente para representar a qualidade comum dos cinco Tatwa, aquela pela qual um é conhecido como tal na raiz de todas essas manifestações. A criação a conservação e a destruição ou, mais estritamente, a aparição, a conservação e a desapareção dos fenômenos de que somos advertidos e das mudanças tatwicicas de estado).

Desse estado vieram, por graus, os cinco éteres, Tatwas ou Mahâbhûtas, como também se lhes chama. "Dele vem o Akasa e assim por diante", diz o Upanishad. Esse estado de Parabrahman chama-se-lhe, no texto, "não-manifestado". " A manifestação, para nós, não principia senão com o "Ego", o sexto princípio da nossa constituição – muito além do que é naturalmente não-manifestado.

"Sem forma" – este epíteto lhe é dado porque as formas não se mostram senão quando os Tatwas e os dois estados de matéria – positivo e negativo, ativo e passivo – vêm á existência.

Só há ainda um estado universal de matéria. Daí vem que se dá também a esse estado o epíteto de "único". É também chamado o "dador de luz". Essa luz é a vida real. E' um estado que se muda nos cinco éteres que formam a atmosfera do sexto princípio do universo).

6. Do éter táctil vem o éter luminoso; e deste, o éter gustativo; é então que nasce o éter olfativo, são os cinco éteres, e eles têm uma extensão quántupla.

7. Destes, saiu o universo; por eles, continua; neles, desaparece; entre eles, também se mostra de novo.

8. O corpo é constituído dos cinco Tatwas; os cinco Tatwas, ó bela Deusa, existem lá dentro sob a, forma sutil; eles são conhecidos pelos sábios que se consagram aos Tatwas.

(O corpo humano ou qualquer outro é composto dos cinco Tatwas na sua forma grosseira. Nesse corpo grosseiro estão em jogo os cinco Tatwas, sob a sua forma sutil; eles o governam fisiológica, mental, psíquica e espiritualmente. São, pois, essas as quatro formas sutis dos Tatwas).

9. Por essa razão, falarei da elevação da respiração do corpo; pelo conhecimento da natureza da inspiração e da expiração chega a pessoa a conhecer os três tempos.

(O homem pode consagrar-se mais facilmente ao seu próprio corpo. A este propósito, foram descritas aqui as leis do nascimento da respiração no corpo.

O conhecimento dos três tempos – o passado o presente e o futuro – não é mais do que um saber científico das causas e dos efeitos dos fenômenos. Conheci o estado tatwico presente das coisas, conheci-lhes os estados antecedentes e consequentes e possui o conhecimento dos três tempos).

10. Esta ciência da ascensão da respiração, oculta entre todas as revelações do bem verdadeiro, é uma perola na cabeça dos sábios.

11. Esse saber, o sutil dos sutis, compreende-se facilmente, cria a crença na verdade, fomenta a admiração no meio dos incrédulos, é o sustentáculo dos que creem.

As qualidades do discípulo

12. A ciência da respiração é dada aos homens calmos, puros, virtuosos, firmes e reconhecidos, e devotos sinceros do Guru (*).

13. Ela não deve ser dada aos viciosos, aos impuros, aos coléricos, aos pérfidos, aos adúlteros, nem aos que têm destruído a sua substancia.

A ciência da respiração

14. Escuta, ó Deusa, a sabedoria que se acha no corpo; a omnisciência é causada por ela, se é bem compreendida.

15. No Swara estão os Vedas e os Shâstras; no Swara, o mais elevado Gaudharva; no Swara se acham os três mundos; o Swara é o reflexo de Parabrahman.

("No Swara jazem os Vedas", etc. Swara, como se; viu, é a "corrente da vida". Ele é o mesmo que a "inteligência" dos Vedantinos. A asserção desta estancia pode encerrar duas significações: pode significar que as coisas descritas nos Védas estão no Swara, ou senão que a própria descrição está nele; pode significar que ambos estão nele ao mesmo tempo. É naturalmente um facto absoluto. Nada há no universo manifestado que não tenha recebido a existência da Grande Respiração, que é a Prâna do universo sobre o mais elevado plano de vida).

(*) Instrutor espiritual.

16. Sem o conhecimento do Alento (Swara), o astrólogo é uma casa sem dono, um orador sem instrução, um tronco sem cabeça.
17. Todos aqueles que conhecem a análise dos Nadis, do Prâna, dos Tatwas e do Sushumna conjuntivo, alcançam a salvação. '
18. O universo visível ou invisível é sempre de bom agouro, quando a pessoa se tornou senhora do poder da Respiração; diz a pessoa, ó bela deusa, que o saber da ciência do Alento é também alguma coisa de favorável.
(Essa estância assinala a diferença entre ocultismo prático e ocultismo teórico. A prática é altamente favorável, mas a teoria também conduz para o bom caminho e é, portanto, "alguma coisa de favorável")
19. As partes e as primeiras acumulações do universo foram feitas pelo Swara, e o Swara é visível, visto que é o Grande Poder, criador e destruidor.
(Para algumas reflexões sobre este assumpto, o leitor pode reportar se ao bosquejo dele sobre a Evolução).
20. Um saber mais secreto que a senda do Alento, uma saúde mais sutil que a senda do Alento, um amigo mais verídico que a ciência do Alento, jamais se viu ou ouviu referir.
21. Um inimigo foi morto pelo poder da respiração; angariam-se também amigos; obtém-se a saúde pelo poder da respiração, assim como o bem-estar e a boa reputação.
22. Pelo poder da respiração, tem-se uma filha ou encontra-se um rei; pelo poder da respiração, os deuses são propícios, e pelo poder da respiração um rei é posto à mercê de alguém.
23. A locomoção é causada pelo poder da respiração; a alimentação, também, é tomada pelo poder da respiração; a urina e os excrementos são lançados também pelo poder do Alento.
24. Todos os Shâstras, os Purânas e o resto, a principiar pelos Védas e pelos Upanishads, não contêm princípio superior ao saber do Swara (o alento).
25. Tudo são nomes e formas. Por entre tudo isso, as pessoas caminham no erro. São loucos amassados com ignorância, a não ser que conheçam os Tatwas.
(Um fenômeno não é senão uma fase de movimento tatwico. Todos os fenômenos do universo são nomes e formas. Todos esses nomes e formas vivem no Swara de Parabrahman ou, melhor, nos Tatwas mais subtis; mas neles nada se pode distinguir; distinguem-se unicamente quando se acham impressos sobre os planos mais grosseiros. A impressão se faz por meio de Rayi, o estado mais frio da matéria vital, que não é senão a sombra de Prâna, o estado original. Por isso, os nomes e as formas são todas irreais).
26. Esta ciência do nascimento da respiração é a mais elevada de todas as ciências elevadas; é uma chama para alumiar a morada da alma.
27. O saber não pode ser dado a um ou outro homem, se não é como recompensa a uma pergunta: não se pode adquirir senão pelos próprios esforços, na alma e só por meio da alma.
(Este é o celebre adágio: "Conhece-te a ti mesmo, por ti mesmo", que difere do aforismo grego pela adição das três últimas palavras).
28. Nem o dia lunar, nem as constelações, nem o dia solar; nem planeta, nem deus; nem a chuva, nem o Vyatipâta, nem as conjunções Vaidhrita, etc.
(Tudo isso são fases variadas dos cinco estados tatwicos. Eles têm um efeito natural sobre a vida terrestre; o efeito difere conforme a coisa influenciada. Os raios do estado tatwico do tempo não serão refletidos num organismo senão quando a superfície que reflete é sua aliada. O Yogi que tem poder sobre a sua respiração pode polo no estado tatwico que lhe apraz e os efeitos antagonistas de tempo são simplesmente rejeitados).
29. Nem as conjunções desfavoráveis, ó Deus, têm jamais o poder; quando se alcança o poder puro de Swara, todas as coisas têm um bom efeito.
30. No corpo estão os Nadis, tendo muitas formas e extensão; eles devem ser conhecidos no corpo pelos sábios, por amor ao saber.
31. Ramificados na raiz do umbigo, 72,000 dentre eles se estendem no corpo.
(Os Yogis tomam o umbigo como ponto de partida do sistema dos Nadis.
O grande filósofo de Yoga, Patanjali, diz: "Os sistemas do corpo são conhecidos pela concentração sobre o umbigo. De outro lado, os Vedantinos tomam o coração como ponto de partida do sistema, os

primeiros dão como razão a existência de Kundaliní, no umbigo; os segundos, a existência no coração da alma cardíaca (Lingam Atmâ), que é a vida real do corpo grosseiro. Esta, no entanto, é imaterial. Podemos começar onde quisermos, se compreendemos verdadeiramente a localização do princípio de vida e suas manifestações variadas”).

32. No umbigo jaz o poder Kundaliní, dormindo como uma serpente; daí dez Nadis sobem e dez Nadis descem.

(O poder Kundaliní dorme no organismo desenvolvido. É o poder que atrai a matéria grosseira do organismo natural através do cordão umbilical, e a distribui em diferentes pontos onde o Prâna seminal lhe forma. Quando a criança se separa da mãe, o poder cai em sono: já não há necessidade disso. Dos transportes de Kundaliní dependem as dimensões do corpo da criança. Dizem que é possível acordar a deusa mesmo no organismo desenvolvido por certas práticas de Yoga).

33. Dois a dois, os Nadis se cruzam; eles são assim em número de 24. Os principais são os dez Nadis nos quais operam dez forças.

34. Através, em cima ou em baixo, neles o Prâna se manifesta por todo o corpo. Estão no corpo, sob a forma dos Chakras e suportam todas as manifestações de Prâna.

35. Entre eles dez são os principais: desses dez, três são os mais elevados: Ida, Pingala e Sushumna.

36. Gandhâri, Hastijihvâ, Pûshâ e Yashasvini; Alambushâ, Kûkû, Shankhini e também Daminî.

37. Ida fica á esquerda, Pingala á direita, Sushumna no meio; Gandhari no olho esquerdo.

38. No olho direito Hastijchavâ; no ouvido direito Pûsha; Yashasviní no ouvido esquerdo; na boca Alanbushâ.

39. Kûkû no púbis; no anus Shankhini. Deste modo, há um Nadis em cada abertura.

40. Ida, Pingala e Sushumna se prendem no caminho de Prâna; esses dez Nadis se estendem pelo corpo de modos variados.

(Para uma dissertação sobre esses três Nadis, o leitor reportar-se-á ao bosquejo sobre Prâna. Em resumo, nas câmaras direitas e esquerdas da coluna vertebral estão Pingala e Ida. O canal entre aqueles dois é Sushumna. Tomando o sistema sanguíneo como uma simples reflexão do sistema nervoso, a terminologia se aplicaria aos nervos sós. Parece, entretanto, que os Nadis dos Tantristas compreendem, ao mesmo tempo, os dois sistemas. No sistema nervoso existe o poder real e este deve estar presente em toda a parte onde haja uma manifestação da vida).

41. Demos acima os nomes dos Nadis. Façamos, agora, o mesmo com os nomes das forças: Prâna (1) Apâna (2); Samâna (3); Udâna (4); Vyâna (5).

42. Nagâ (6); Kúrma (7); Krikila (8); Devadata (9); e Dhananjava (10). No peito existe sempre o Prâna; o Apâna no círculo do anus.

43. O Samâna, no círculo do umbigo, o Udâna no meio da garganta, o Vyâna passa por todo o corpo. Tais são as dez forças principais.

44. As cinco que começam no Prâna foram descritas. As cinco forças restantes principiam com o Nâga. Dou também os seus nomes e lugares.

45. O Nâga é conhecido na eructação; o Kúrma, no piscar de olhos; o Krikila é considerado como causa da fome; o Devadata é conhecido no bocejar.

46. O Dhananjava, que penetra tudo, não abandona nem mesmo o cadáver. Todas as forças se movem em todos os Nadis onde eles revestem a forma da vida.

47. Sábio é quem conhece os movimentos manifestados do Prâna individualizado pelos três Nadis – Ida, Pingala e Sushumna.

48. O Ida deve ser conhecido como o lado esquerdo e Pingala o lado direito (metade do corpo).

49. A lua está colocada em Ida, o sol em Pingala; Sushumna tem a natureza de Sambhú e Sambhú é o “si” de Hamsa (ao mesmo tempo inspiração e expiração).

50. A expiração chama-se Ha; a inspiração é Sa; há é o Shiva (o ativo), e Sa e Shakti (a passiva).

51. A lua aparece como Shakti, causando o fluxo do Nadi direito; o sol aparece com Sambhú (ativo).

52. Uma esmola, dada pelo sábio quando a respiração está em a narina esquerda, fica multiplicada por milhares de vezes neste mundo.

53. Examine o Yogi o seu rosto com inteligência e atenção e, assim, conheça ele plenamente o movimento do sol e da lua.
54. Medite sobre o Tatwa quando Prâna está calmo, nunca quando está perturbado; o seu desejo será atendido; auferirá grande benefício e vitória.
55. Para esses homens que se entregam á prática, e assim guardam sempre o sol e a lua em ordem própria, o conhecimento do passado e do futuro retoma tão fácil como se os tivessem nas mãos.
56. No Nadi esquerdo, a aparência do alento e a do Amrita (néctar); é a grande nutriz do mundo. No Nadi direito, a porção que dá, o movimento, o mundo é sempre nascido.
(A fase negativa de Prâna possui as qualidades de Amrita, o dispensador da vida eterna. A matéria negativa, a lua, é mais fria que a matéria positiva, o sol. A primeira é Rayi, a segunda Prâna. A primeira recebe as impressões da segunda e está dá impressões aquela. A lua, pois, e a vida real de todos os nomes e de todas as formas; nela vivem eles; ela os entre tem; ela é portanto, o Amrita, o néctar da vida. O Nadi direito, é por sua temperatura superior, o dispensador de nomes o de forma ou, brevemente, a fase que comunica o movimento á matéria vital. É a tendência do Sol de sempre causar as mudanças nos nomes e nas formas, e dar novas impressões no lugar das antigas. Logo, o sol é o grande destruidor de formas; é o pai das formas, mas o seu conservador real é a lua).
57. No meio, o Sushumna se move mui cruelmente e é perversíssimo em todos os atos; por todas as partes, nos atos favoráveis, o (Nadi) esquerdo dá a força.
58. Saindo, o Nadi esquerdo é favorável; entrando, o direito é favorável; a lua deve ser considerada como par, o sol como ímpar.
59. A lua é fêmea, o sol é macho; a lua é bela, o sol é sombrio. Durante o fluxo do Nadi lunar, ponha-se por obra atos calmos.
- 60- Durante, o fluxo do Nadi solar, realizem-se atos rudes; durante o fluxo de Sushumna, efetuem-se ações cujo resultado é o alcance dos poderes psíquicos e da salvação.
61. Na quinzena brilhante, vem a lua em primeiro lugar; na quinzena sombria, o sol; a partir do primeiro dia lunar, vêm eles, um após outro, em ordem, cada um de três em três dias.
62. A lua e o sol têm cada um a duração branca (ao norte, em cima) e a duração negra (ao sul, em baixo) de dois Ghâris e meio. Eles correm em ordem durante os 60 Ghâris de um dia.
63. Então, a um Ghâri cada qual (24 minutos) os cinco Tatwas correm. Os dias começam com o Pratîpata (o primeiro dia lunar). Quando a ordem é inversa» o efeito também fica invertido.
64. Na quinzena brilhante, a esquerda (é poderosa); na quinzena sombria, a direita; conduz o Yogi isto em ordem, com atenção, a começar pelo primeiro dia lunar.
65. Se o alento se levanta (*) pelo caminho da lua e se deita (**) pelo do sol, isto confere grupos de boas qualidades; si se dá o contrário, o efeito é inverso.
66. Corra a lua durante o dia inteiro, e o sol durante a noite plena; aquele que assim pratica é realmente um Yogi.
67. A lua é paralisada pelo sol, o sol pela lua; aquele que conhece este exercício galga, num momento, os três mundos. (Isto é: nada nos três mundos pode exercer mau efeito contra ele).
68. Às quintas-feiras, sextas-feiras, quartas-feiras, segundas-feiras, o Nadi esquerdo dá bom êxito em todos os atos, especialmente durante a quinzena branca.
69. Nos domingos, terças-feiras e sábados, o Nadi direito comunica com êxito a todos os atos rudes, especialmente na quinzena negra.
70. Durante cinco Ghâris, cada um dos Tatwas tem a sua ascensão distinta, em ordem, Ghâri por Ghâri
71. Ha, assim, 12 mudanças durante o dia e a noite; Touro Câncer, Virgem, Escorpião, Capricórnio, Peixes, estão na lua (isto é, com estes signos, o alento se eleva no Nadi esquerdo).
72. Durante Aries, os Gêmeos, o Leão, a Libra, o Sagitário e o Aquário, o elevar-se do alento está em Nadi direito. Por este, o bem ou o mal está garantido.
73. O sol está concentrado no leste o no norte; lua no oeste e no sul. Ninguém vá para o oeste ou para o sul durante o fluxo do Nadi direito.
74. Ninguém vá para o oeste, para o norte, durante o fluxo do Nadi esquerdo...

75. Os sábios que desejam o bem não devem, pois, ir para essas direções durante tais intervalos; porque, então, terão o sofrimento e a morte.

76. Quando, durante a quinzena brilhante, a lua corre, ela é benéfica para o homem; o bem-estar é causado nas boas ações.

77. Quando, no momento de elevar-se o sopro solar, se levanta o sopro lunar, e vice-versa, as querelas e o perigo aparecem e todo o bem desaparece.

O mau Swara

78. Quando, de manhã, a respiração sobe, é o sol que está no lugar da lua e a lua no lugar do sol.

79. No primeiro dia, a inteligência está confusa; no segundo, perde-se a saúde; no terceiro, fala-se de sinais; no quarto, chega a destruição do objeto desejado.

80. No quinto, a destruição da posição mundana; no sexto, destruição de todos os objetos; no sétimo, moléstia e dor; no oitavo, a morte.

81. Quando, naqueles oito dias, nos três tempos a respiração é má, nesse caso, o efeito é absolutamente mau; quando não sucede inteiramente assim, pode haver algum bem (***)).

82. Quando, de manhã e ao meio-dia, a lua está presente, e, de tarde, o sol, há sempre bom êxito e proveito. O inverso dá a dor.

83. Cada vez que a respiração está no Nadi direito ou esquerdo, a viagem tem bom êxito se direito ou esquerdo, segundo o caso, for o primeiro passo.

96. Durante o fluxo da lua, o veneno é destruído; durante o sol, obtém-se o poder sobre um corpo qualquer. Durante Sushumna obtém-se a salvação. Um poder existe sob três formas; Pingala, Ida e Sushumna.

97. Pode acontecer que, quando se deve fazer alguma coisa, a respiração não corre regularmente ou que, quando a respiração corre como deve, não haja nenhuma ação em perspectiva. Como então, pode um homem de negócios seguir as aspirações do Prâna.

98. Atos favoráveis ou desfavoráveis são sempre praticados de noite. Quando há necessidade, o Nadi conveniente é posto em movimento.

Ida

99. Naqueles atos em que se desejam efeitos durável, o ornamento, uma viagem longínqua, a entrada numa ordem da vida (Ashrama) ou num palácio, a acumulação de riquezas.

100. Mantendo-se nos poços, nos tanques, nos reservatórios, etc., erigindo colunas e ídolos, comprando utensílios, casando-se, mandando fazer roupa, joias e ornatos, etc.

101. Preparando medicamentos refrigerantes e nutrientes, vendo o seu senhor no comércio e na colheita.

102. Entrando numa casa nova, tomando um serviço a seu cargo, na cultura, a disseminação, a pacificação favorável, a saída, a lua é favorável.

103. Em atos tais como o começo de uma leitura, a visita aos parentes... na virtude, no ensino de um mestre espiritual, na recitação de um Mantra.

104. Lendo os aforismos da ciência dos tempos conduzindo quadrupedes para a casa, no tratamento das moléstias, na solicitação dos mestres.

105. Cavalgando os cavalos e os elefantes, fazendo bem a outrem, efetuando depósitos.

106. Cantando, tocando instrumentos, pensando na ciência dos sons musicais, entrando numa cidade ou numa aldeia, numa coroação.

107. Na moléstia, na dor, nas dejecções, na febre e na síncope, estabelecendo relações com seu povo e seus senhores, colhendo os pães, no aquecimento, etc.

(*) O nascer do sol.

(**) O pôr do sol

(***) Os efeitos da má respiração dependem da sua força. Na maior parte dos casos, pode não haver senão uma tendência para esses efeitos, ou sonho ou um prazer a propósito dessas coisas.

108. No embelezamento da pessoa pelas mulheres, quando vem a chuva, no culto do amor, etc., ó Deusa, a lua é favorável.

109. Atos tais, também, como a pratica do Yoga estão cheios de sucessos em Ida. Em Ida, é verdade que se renuncia às modificações Akasa e Tejas de Prâna.

110. De noite ou de dia, todo o trabalho surte bom efeito; em todos os trabalhos favoráveis, o fluxo da lua é bom.

Pingala

111. Em todos os atos penosos, lendo e ensinando as ciências difíceis indo a bordo de um navio.

112. Em todos os maus atos, bebendo, recitando os Mantras de um deus tal como Bhairava...

113. Estudando os Shâstras, caminhando, caçando, vendendo animais, nas junções difíceis dos tijolos, da madeira, da pedra, das joias, etc.

114. Na pratica da música, nos Yantras, nos Tantras, na escalada de uma praça alta ou de uma montanha, jogando, voando, domando um cavalo ou um elefante numa carruagem ou de outra qualquer maneira.

115. Conduzindo um animal novo, um camelo ou um búfalo, ou um elefante, ou um cavalo, atravessando um rio, tomando um remédio, escrevendo.

116. Nos desportos atléticos, destruindo ou produzindo a confusão, praticando os seis Karmas, etc., obtendo o poder sobre os Yakins Yakshas, Vetâlas, Venenos e Bhûtas, etc.

117. Matando... na inimizade, no magnetismo (*); mandando fazer alguma coisa á alguém em comando atraindo alguém para qualquer coisa, causando a aflição e a confusão, na caridade, na compra e venda.

118. Manejando a espada, no combate, solicitando o rei, comendo, banhando-se, nas negociações mercantis, nas ações duras e quentes, o sol é favorável.

119. Logo depois de comer... o sol é favorável. O sábio deve dormir, também, durante o fluxo da respiração solar.

120. Todos os atos violentos, todos aqueles atos variados, que, por sua natureza, devem ser transitórios e temporários, têm bom sucesso durante o sol. A tal respeito não resta dúvida alguma.

Sushumna

121. Quando a respiração se move um instante A esquerda e outro instante á direita, esse (estado do Prâna) é conhecido como Sushumna. É o destruidor de todos os atos.

(Ver-se-á nesta secção que três fases de Sushumna são mencionadas:

(a) Quando a respiração sai um momento por uma narina e o momento seguinte pela outra.

(b) Quando a respiração corre ao mesmo tempo pelas duas narinas com força igual.

(c) Quando a respiração sai por uma narina com mais força do que pela outra.

A primeira denomina-se o estado desigual, Vishamabhâva; a segunda e a terceira tomam o nome de Vishuvat ou Vishuva).

122. Quando o Prâna está nesse Nadi, ardem os fogos da morte. Chama-se-lhe Vishuvat, o destruidor de todas as ações.

123. Quando os dois Nadis, que deveriam correr um após outro, correm no mesmo tempo, ha, então, realmente perigo para aquele que assim está aflito.

124. Quando ele está um instante a direita, um instante à esquerda, chama-se-lhe o estado desigual. O efeito é inverso do que se deseja, e assim deve ele ser conhecido, ó bela Deusa.

125. O sábio chama-lhe Vishuvat quando ao mesmo tempo correm os dois Nadis. Não pratiques, então, nenhuma ação nem branda nem violenta; uma e outra não terão resultado.

(*) Um homem não terá jamais bastante coragem e torpeza moral para cometer o ato, salvo se o Nadi está a correr.

126. Na vida, na morte, nas questões, na venda ou na ausência delia, no bom êxito ou no fracasso, por todas as partes os revezes se produzem durante o fluxo de Vishuvat. Lembra-te, então, do senhor do Universo.

127. A pessoa deve lembrar-se de Ishwara em atos tais como a pratica do Yoga; nada absolutamente deve ser empreendido nessa época por aqueles que desejam o bom êxito, a riqueza e o bem-estar.

128. Proferi uma maldição ou uma benção quando, com o sol, o Sushumna corre vagarosamente, e pila será inútil.

129. Quando o estado desigual entra a nascer, não pensem em viajar. Viajar durante esse estado, causa, sem dúvida alguma, dor e morte.

130. Quando o Nadi muda ou quando os Tatwas mudam, nada de favorável será feito por via da caridade, etc.

131. Adiante, à esquerda e em cima está a lua; atrás, à direita e em baixo está o sol. Dessa maneira, o sábio deve conhecer a distinção entre o cheio e o vácuo.

(Duas fases de conjunção a mais foram notadas: (1) Sandhyâ Sandhi; (2) Vedoveda. Segundo alguns filósofos, elas não existem. Essas duas fases são consideradas como não sendo senão os nomes das duas precedentes. Isto, aliás, não é a tese do escritor presente; ele sustenta que esses dois estados existem separadamente.

(I) O Sandhyâ Sandhi é o Sushumna através do qual a desapareição se realiza na matéria mais elevada, no além. O Sushumna fisiológico é o reservatório da vida fisiológica potencial do homem. Desse estado, uma ou a outra fase da vida, positiva e negativa, toma nascimento.

Mas o Sushumna é oriundo de uma fase mais elevada de vida. As forças mentais positiva e negativa, segundo leis semelhantes, dão origem a esse Prânamaya Kosha potencial. O mundo, como disseram certos escritores, é a aparição do movimento mental (Sankalpa, Manah Sphurana).

O estado de conjunção desses dois estados mentais é o Sandhyâ Sandhi. O mesmo nome parece ter sido dado ao mais elevado Sushumna. Quando as duas fases de matéria mental estão neutralizadas no Sushumna, o Prânamaya Kosha perde a sua vitalidade e desaparece.

(II) Este é o estado no qual foi lançado o reflexo do Atmâ Superior e, por conseguinte, é-lhe possível vir a inteligência).

132. O mensageiro que está em cima, adiante ou esquerda, se acha no caminho da lua, e o que está em baixo, atrás e a direita está na vereda do sol.

133. A conjunção através da qual a desapareição se realiza na matéria subtil no além, que não é princípio, é uma, e sem alimentação (potencial) ou sem perda; chama-se-lhe Sandhyâ Sandhi.

134. Alguns dizem que não há Sandhyâ Sandhi separada, porém que ao estado no qual o Prâna se acha no Vishuvat se lhe chama Sandhyâ Sandhi.

135. Não há Vedoveda separado, isso não existe. Chama-se Vedoveda esta conjunção pela qual se conhece o mais elevado Atmâ.

Os Tatwas

A DEUSA PERGUNTOU:

136. Grande senhor! Deus dos deuses! Na tua inteligência jaz um grande segredo que dá salvação ao mundo; dize-me o que ela contém.

O DEUS RESPONDEU:

137. Não há Deus além do conhecimento secreto da respiração; o Yogi que se consagra á ciência da respiração é o mais elevado Yogi.

138. A criação vem dos cinco Tatwas; o Tatwa desaparece no Tatwa; os cinco Tatwas constituem o objeto do mais elevado saber; por detrás dos cinco Tatwas está o Sem Forma.

139. O Prithivi, o Apas, o Tejas, o Vayú e o Akasa são os cinco Tatwas, todas as coisas são dos cinco Tatwas. Venerado seja o que conhece tudo isso.

(Como todas as coisas, todo o fenômeno possível da alma, da inteligência, do Prâna e da matéria grosseira - é dos Tatwas, os nossos bosquejos sob a forma de introdução tentaram explicai-o).

140. Nos seres de todos os mundos, os Tatwas são os mesmos por toda a parte; da terra do Satyaloka, apenas difere o arranjo do sistema dos Nadis.

(O sistema nervoso é diferente em todos os Lokas. Tem-se dito, mais de uma vez, que os raios tatwicos, voando em cada direção, dão origem aos Trutis inumeráveis que são pinturas em miniatura do macrocosmo. Compreende-se facilmente que essas pinturas se formam sobre diferentes planos, que estão diversamente inclinados sobre o eixo solar e se acham a várias distancias do sol. O nosso planeta está a certa distância do sol e a vida está disposta, sobre este planeta, de tal maneira que as correntes de vida lunar e solar tenham força igual enquanto o organismo deve ser mantido. Os Tatwas também hão de ser equilibrados. Pode haver outros planos de vida sobre os quais os poderes respectivos das duas correntes e os Tatwas sejam maiores, ou menores do que o são sobre a terra. Essa diferença garante uma diferença nos arranjos dos Nadis, e também na sua forma.

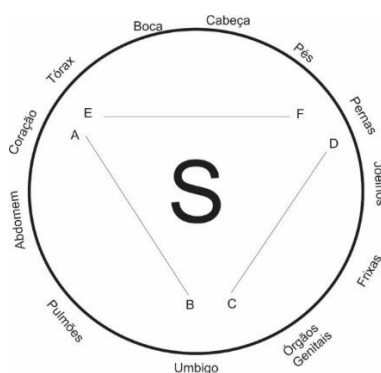
Experimentamos essa ordem de coisas, mesmo sobre a nossa terra. Os animais e os vegetais diferentes têm formas diferentes: e simplesmente por causa dos Trutis diferentes sobre diferentes planos, diversamente inclinados sobre o eixo solar.

Suponhamos, para ilustrarmos este asserto, que a esfera do Prâna macrocósmico seja a seguinte:



Estudos sobre a astrologia assignam órgãos diferentes a essas divisões astrais, e tomarei estas, sem outra explicação, na intenção presente.

Temos assim, sobre escala mais larga, o diagrama seguinte:



Essas doze regiões compreendem o corpo inteiro, interno e externo. Agora, suponhamos que haja um plano AB, que tenha certa inclinação sobre o do Sol, S.

De cada ponto das doze regiões, os raios caem em cada Truti sobre o plano A B. Então, há outros planos C D e E F, etc. É evidente que os raios que caem sobre todos esses planos das dozes regiões, hão de variar em força relativa e em posição sobre diferentes planos. É obvio que sobre todos esses planos, os diversos órgãos hão de diferir em forma, em força e em posição relativa. Isto dá origem a sistemas nervosos mais ou menos variados em todos os Lokas e nas formas diversas dos organismos da terra.

Quando, no transcorrer da evolução, as necessidades da inteligência são modificadas, os Prânamaya Koshas mudam de plano, e é assim que eles se transformam sobre a, terra, segundo a teoria oculta da evolução).

141. A esquerda, como a direita, há o erguer-se quádruplo (dos Tatwas). O saber dos Tatwas é quádruplo. Escuta-me, bela Deusa, vou t'ó dizer.

142. O primeiro é o número dos Tatwas; o segundo, a conjunção da respiração; o terceiro, os signos da respiração; o quarto, o lugar dos Tatwas.

143. O quinto é a cor dos Tatwas; o sexto é o próprio Prâna; o sétimo é o seu gosto; o oitavo, o seu modo de vibração.

144. Escuta o que é do quádruplo Prâna – o Vishuva, o ativo (o sol), o passivo (a lua) – nessas formas (*) Não há nada além da respiração, ó Deusa de rosto de loto.

145. Quando, pelo efeito do tempo, vem a potência de ver, isto deve ser com grande esforço.

(Os Yogis operam com o fim de fraudar o tempo. O tempo é a ordem de aparição das fases tatwica variadas de um organismo vivo; no homem, esta ordem se regula pelo seu Karma precedente, pelo poder do Karma precedente o organismo humano toma estados receptivos diferentes e em concordância com a receptividade; as influencias tatwicas do tempo – o Prâna solar – causam as dores ou as alegrias de diversas sortes.

Pela pratica do Yoga, o Yogi governa as mudanças tatwicas do seu corpo. Ilude-se o tempo. Repele-se para fora do seu corpo o germen da moléstia, nenhuma epidemia o afetará jamais).

146. Tape um homem os seus ouvidos com os polegares, as narinas com os dedos médios, a boca com os dedos mínimos e os olhos com os indicadores.

147. Nesse estado, os cinco Tatwas são conhecidos gradualmente como sendo o amarelo, o branco, o vermelho, o azul e o manchado sem nenhum outro Upádhi distinto.

148. Olhando num espelho, projete-se sobre ele a respiração; conheça o homem sábio a diferença dos Tatwas.

149. Quadradas, semi-lunares, esféricas e manchadas são as formas respectivas dos cinco Tatwas.

150. Assim, o primeiro, Prithivi, corre no meio; o segundo, Apas, corre em baixo; o terceiro, Agni, corre em cima; o quarto, Vayú, corre em ângulos agudos; o Akasa corre entre cada grupo de dois.

O Apas Tatwa é branco; o Prithivi, amarelo; o Agni, vermelho; o Vayú, azul celeste; o Akasa torna sombria cada cor.

Em primeiro lugar, corre o Vayú Tatwa; em segundo, o Tejas; em terceiro, o Prithivi, e em quarto, o Apas.

Entre as duas espaldas está localizado Agni; na raiz do umbigo, Vayú; nos joelhos, Apas; nos pés, Prithivi; na cabeça, Akasa.

(*) O ativo é o Chara, o motor; o passivo é o Achara Sthira, o receptor de movimento.

O Prithivi Tatwa é doce; o Apas, adstringente; o Tejas, acre; o Vayú, ácido; o Akasa, amargo.

A largura do fluxo de Vayú é de oito dedos; a do Agni, de quatro; a do Prithivi, de doze; a do Apas, de dezesseis.

O movimento ascendente tende para a morte; o movimento descendente, para a calma; o movimento em ângulos agudos, para o repouso; o do meio, para a paciência; o Akasa é comum a todos.

Durante o fluxo de Prithivi, efetuam-se atos que a pessoa espera que durem por muito tempo; durante o Apas, os atos passageiros; durante o Tejas, os atos violentos; durante o Vayú, os assassinatos, etc.

Nada deve ser feito durante o Akasa, salvo a pratica do Yoga; todos os outros atos ficarão sem efeito desejado.

Durante o Prithivi e o Apas, alcança-se o bom êxito; a morte sobrevém no Tejas; a redução, no Vayú. O Akasa é havido, pelos filósofos dos Tatwas, inteiramente inútil.

160. Durante o Prithivi, a renda é tardia; durante o Apas, imediata; a perda se manifesta no Tejas e no Vayú; o Akasa é inteiramente inútil.

161. O Prithivi Tatwa é amarelo, de movimento vagaroso move-se no meio, aflui á extremidade do esterno, e pesado de som, de temperatura leve. Surte bom êxito nos trabalhos que são executados para durar muito tempo.
162. O Apas Tatwa é branco, de movimento rápido, move-se para baixo, aflui de dezesseis dedos em baixo (perto do umbigo), pesado de som, frio de temperatura. Dá bom êxito nos trabalhos favoráveis.
163. O Tejas Tatwa é vermelho, move-se em turbilhões (Avartagah), move-se para cima, aflui de quatro dedos em baixo (perto da extremidade do mento), é de temperatura elevadíssima. Dá nascimento ás ações violentas (ações que, por assim dizer, ateiam fogo).
164. O Vayú Tatwa é azul celeste, move-se em ângulos agudos, aflui de oito dedos para baixo, é de temperatura quente ou fria. Imprime bom sucesso nas obras transitórias.
165. O Akasa Tatwa é superfície comum de tudo; sombreia as qualidades de todos os Tatwas. Dá o Yoga ao Yogi.
166. Amarelo e quadrado, doce, movendo-se no meio e dando alegria, é o Prithivi Tatwa, que corre de doze dedos para baixo.
167. Branco, semi-lunar, adstringente, movendo-se para baixo e causando benefício, é o Apas Tatwa, que é de dezesseis dedos em fluxo.
168. Azul, esférico, ácido, movendo-se em ângulos agudos, dispensador de locomoções, é o Vayú Tatwa, que é de oito dedos em fluxo.
169. Sombreando todas as cores, tendo a forma de uma orelha, amarga como gosto, movendo-se por toda a parte através do dador de Moksha, é o Akasa Tatwa, que é inútil em todas as obras do mundo.
170. O Prithivi e o Apas são Tatwas favoráveis. Tejas é moderado nos seus efeitos, o Akasa e o Vayú são desfavoráveis, e causam perdas e a morte a humanidade.
171. O Apas está a leste, o Prithivi ao oeste, o Vayú ao norte, o Tejas ao sul, o Akasa no meio.
172. Quando o Prithivi e o Apas estão na lua, e Agni no sol, então, realmente, há bom êxito nos atos brandos e violentos respectivamente.
173. O Prithivi faz afluir as rendas durante o dia, o Apas durante a noite; a morte vem no Tejas, a redução no Vayú; o Akasa arde ás vezes.
174. Na oportunidade da vida, no bom sucesso, na renda, na cultura (ou, segundo uma variante, na alegria e no crescimento), no acumulo de riquezas, na compreensão do sentido dos Mantras, no que diz respeito á batalha, na ida e volta.
175. há um benefício durante o Apas Tatwa; o favor fica, onde estiver, durante o Prithivi; pelo Vayú a pessoa volta de onde quer que esteja; o Akasa e o Tejas causam perda e morte:
176. No Prithivi vem o pensamento das raízes (Mûla); no Apas e no Vayú, os dos seres vivos; no Tejas vem o pensamento dos minerais; no Akasa vácuo.
177. No Prithivi a pessoa pensa em seres que têm muitos pés; no Apas e no Vayú, nos bípedes; no Tejas, nos quadrúpedes; no Akasa, nos apodes.
178. Dizem que Marte é o Tejas; o Sol, Prithivi; Saturno, o Apas, e Râhu o Vayú no Nadi direito. A lua é o Apas; Júpiter, o Prithivi; Mercúrio, o Vayú, e Vênus o Tejas no Nadi esquerdo; para todos os atos, realmente.
179. (O valor tatwico dos planetas descritos nesses dois versículos parece não ser senão a opinião de alguns. A opinião do escritor, que é também a opinião do grande astrólogo Varâhamihira, é expressa na estância 180).
180. Júpiter é Prithivi; a Lua e Vênus são o Apas; o Sol e Marte são o Tejas; o Dragão, o Ketu e Saturno são o Vayú; Mercúrio é o Akasa.
181. Durante o Prithivi, a pessoa se ocupa com as coisas da terra (raízes Mula); durante o Apas, das coisas da vida, durante o Tejas, dos minerais, no correr do Akasa, de nada.
182. Quando a respiração, deixando o Sol e a Lua, vae para Râhu, ficai sabendo que o Prâna está em movimento e deseja outro lugar.
183. O prazer (1), o crescimento (2), a afeição, (3), o entusiasmo (4), o bom êxito (5), o riso (6), no Prithivi e no Apas; a necessidade do poder de trabalhar nos órgãos (7), febre (8), tremor (9), expatiação (10), no Tejas e no Vayú.

184. Perda da substância vital (II), e morte (12), no Akasa – aqueles doze são as fases da lua (isto é as formas, etc, que toma a matéria negativa); importa sempre que o sábio fique ciente do quo ele trazem a dor.

(Aqueles doze são as fases da lua. A lua significa aqui o poder que mantém os nomes e as formas. Esse poder, o Rayi, aparece sob doze formas, conforme as mudanças tatwicis.

O fluxo do Nadi esquerdo, no curso diurno não se acha compreendido aqui).

185. A leste, a oeste, ao sul e ao norte, os Tatwas, Prithivi, etc, são poderosos.

186. Bela Deusa, o corpo deve ser conhecido como sendo constituído dos cinco Mahâbhûtas – o Prithivi, o Apas, o Tejas, o Vayú e o Akasa.

187. O osso, o musculo, a pele, o Nadi e a cabeleira – tudo isso é o Prithivi quántuplo, como ficou consignado no Brahmavidyâ (a ciência divina).

188. A semente do macho, os germenis femininos, a gordura, a urina e a saliva – tal é o Apas quántuplo, consignado na ciência Divina.

189. A fome, a sede, o sono, a luz, o enternecimento – tal é o Agni quántuplo, consignado na ciência Divina.

190. O deslocamento, o andar, o gosto, a contração e enfarte – tal é o quántuplo Vayú, consignado na ciência Divina.

191. O desejo de possuir, o desejo de repelir, a vergonha, o medo e o esquecimento – tal é o quántuplo Akasa consignado na ciência Divina.

O Prithivi tem cinco qualidades, o Apas quatro, o Tejas três, o Vayú dois, e o Akasa um. Isto é uma parte do conhecimento tatwico.

O Prithivi é de cinquenta Palas; o Apas, de quarenta; o Tejas, de trinta; o Vayú, de vinte; o Akasa, de dez.

No Prithivi, a renda é frustrada; no Apas, ela vem de repente; no Vayú, ela é fraquíssima; no Agni, o que se tem na própria mão é destruído.

(As casas lunares) Dhanishthâ (1), Rhoni (2), Iyestha (3), Anarâdha (4), Shravana (5), Abhijit (6), e Utarashâdhâ (7), estes dizem ser o Prithivi Tatwa.

Bharani (1), Kritikâ (2), Pushya (3), Magâ (4), Pûrvaphalguni (5), Pûrvabhâdnâpadâ (6), e Swati, são denominados o Tejas Tatwa.

Pûrvâshâdhâ (1), Ahsleshâ (2), Mula (3), Ardrâ (4), Revati (5), Utarâbhâdrâpadâ (6), e Shatabhishaj (7), – dizem ser Apas Tatwa, muito amadas!

Vishâhhâ (1), Utaraphalguni (2), Hasta (3), Chitrâ (4), Punarvasû (5), Ashvini (6), e Mrigarshirshâ (7), – dizem ser Vayú Tatwa.

Seja qual for o mal sobre o qual o mensageiro inquirir, atendo-se ao Nadi que se escoar, a coisa não sucede como ele deseja. Em o Nadi vazio, dá-se o contrário.

Ainda quando o Nadi esteja cheio, não se achando, porém, o Tatwa conjunto, não há bom resultado. O sol ou a lua não produzem bons efeitos senão quando em combinação com o Tatwa conjunto.

201. Kâmâ obtém a vitória em Tatwa favorável; assim fez Arjuna. Os Kuravas foram todos mortos no combate, em virtude dos Tatwas contrários.

202. Pela velocidade adquirida em outros nascimentos ou por graça do Gurú, alguns homens chegam a conhecer a natureza dos Tatwas, por meio da inteligência purificada pelo habito.

Meditação acerca dos cinco Tatwas

203. Meditai acerca do Prithivi Tatwa com L (ou Lam) por símbolo algébrico, como sendo quadrangular, amarelo, de sabor doce e conferindo uma cor tão pura como a do ouro, imunidade de moléstia e luminosidade de corpo.

204. Meditai acerca do Apas Tatwa com V (ou Vam) por símbolo algébrico, como sendo semi-lunar, alvo como a lua, dando resistência contra a fome e contra a sede, etc., e produzindo uma sensação análoga á de um mergulho na água.

205. Meditai acerca do Tejas Tatwa com R (ou Ram) por símbolo algébrico, como sendo triangular, vermelho, dando o poder de consumir uma grande quantidade de alimento e bebida e de resistência contra o calor ardente.

206. Meditai acerca do Vayú Tatwa com P (ou Pam) por símbolo algébrico, como sendo esférico, azul cerúleo e dando poder de caminhar pelo espaço e de voar como as aves.

207. Meditai acerca do Akasa Tatwa com H (ou Ham) por símbolo algébrico, sem forma, sombreando muito as cores e dando o conhecimento dos três tempos e os poderes Animâ, etc.

208. Onde quer que se encontre um homem que possua a ciência da respiração, não pode haver aí riqueza melhor do que a dele. É sabido que, pela ciência da respiração, os frutos são obtidos sem muito custo.

A vitória é favorável

PERGUNTOU A DEUSA:

209. Grande senhor, deus dos deuses, tu que dás a felicidade, e a ciência do nascimento da respiração que é elevadíssima, dize-me como compreende ela o conhecimento dos três tempos?

DISSE O DEUS:

210. Ó Deusa, o conhecimento dos três tempos se refere a três coisas, nada mais:

(I) A Fortuna.

(II) A Vitória no combate.

(III) Um bom ou mau (fim de outras ações).

211. Conforme o Tatwa, um ato é bom ou mau; conforme o Tatwa, vem a vitória ou a derrota; conforme o Tatwa, vem a pobreza ou a abundância. Dizem que os Tatwas se manifestam nestes três estados.

INDAGOU A DEUSA:

212. Grande senhor, Deus dos deuses, o oceano que compreende todas as coisas neste mundo é o maior amigo e companheiro dos homens; é ele que promove a realização de todos os trabalhos, não é assim?

RESPONDEU O DEUS:

Só o Prâna é o mais elevado amigo, o maior companheiro. Deusa, amigo melhor que o Prâna, não há.

DISSE A DEUSA:

Como é que a força de Prâna se atém ao do corpo? Qual é a aparência do Prâna no corpo? Como é que conhecemos o Prâna, quando é que ele opera nos Tatwas?

RETORQUIU O DEUS:

Na cidade do corpo, o Prâna é o senhor protetor: quando ele entra, é de dez dedos; quando sai, de doze. (Está secção se refere a Aura humana. O Prâna subtil rodeia o corpo humano grosseiro como um halo de luz. O comprimento natural desse halo desde o corpo até a circunferência é de doze dedos do homem cujo Prâna é medido. Esse comprimento é afetado durante o curso ordinário da inspiração e da expiração. No tempo da inspiração, o comprimento fica reduzido a dez dedos; no tempo da expiração, ele torna a doze.

Durante certas outras ações, também, o comprimento varia. Assim, caminhando, o comprimento de Prâna vai a 24; correndo, a 42; no coito, a 65; dormindo, a 100, comendo e falando, a 18.

Nos homens ordinários, o comprimento é de doze dedos. O comprimento ordinário é, entretanto, reduzido nos homens extraordinários. Assim:

Nos homens isentos de desejos, o comprimento do Prâna está reduzido do um dedo; torna-se de 11.

Nos homens sempre afáveis e alegres, o comprimento é de dez dedos.

Um poeta tem-no de 9 dedos; um orador, de 8; um vidente, de 7; um levitado, de 6; e assim por diante.

216. No andar, o Prâna 6 de 24; na carreira, de 42; no coito, de 35; no sono, de 100 dedos.
217. O comprimento natural do Prâna, ó Deusa, é de doze dedos. Comendo e falando, ele se entende a 18 dedos.
218. Quando o Prâna está reduzido a um dedo, resulta daí a ausência do desejo. O prazer resulta de uma redução de dois; o poder poético, de uma redução de três.
219. O poder da palavra, de uma redução de quatro; a segunda vista, de cinco; a levitação, de seis; a grande rapidez, de sete.
220. Os oito Siddhis, de oito; os nove Siddhis, de nove; as dez figuras, de dez; a perda da sombra, de onze.
221. Quando o comprimento é reduzido de doze, os movimentos inspiratórios e expiratórios bebem na fonte da imortalidade, no sol (o centro de Prâna). Quando o Prima enche todo o corpo até á ponta das unhas, então, para que serve o alimento?
222. Assim foi descrita a lei de Prâna. Ela pode ser conhecida pelo ensino de um Gurú, não por milhões de ciências e de Shâstras.
223. Se, porventura, a lua não entra de manhã e o sol de noite, eles o fazem respectivamente depois de meio-dia e da meia-noite.

Combate

224. Quando a pessoa guerreia em regiões longínquas, a luz é vitoriosa; nos lugares próximos, é o sol. Quando o primeiro pé que se levanta na marcha pertence ao Nadi que está correndo, daí decorre um êxito completo.
225. No começo de uma viagem, no casamento, o entrar numa cidade, etc., em todos os atos favoráveis, o fluxo da lua é bom.
226. Colocando o exército inimigo no sentido do Nadi vazio, e o seu no do Nadi cheio, quando o Tatwa está conjunto, pode-se ganhar o mundo inteiro.
227. Dê-se o combate na direção em que está correndo a respiração; é certa a vitória, ainda que Indra seja contrário.
228. Se um homem faz uma consulta a propósito de um combate, ele a ganhará se estiver no sentido do Nadi que se achar correndo; a perderá se no sentido do outro.
229. O Prithivi Tatwa indica os ferimentos no ventre; o Apas, nos pés; o Agni, nas coxas; o Vayú, nas mãos.
230. O Akasa, na cabeça. Esses quintuplos ferimentos foram descritos na Ciência da Respiração.
231. Aquele cujo nome tem um número par de letras, ganha, se faz uma consulta, durante o fluxo da lua. O que tem um número ímpar de letras no seu nome, ganha, se formular a consulta durante o fluxo do sol.
232. Quando a consulta é formulada durante a lua, haverá uma solução pacífica; durante o sol, o combate sobrevirá.
233. Se é formulada durante o Prithivi Tatwa, o combate será igual; durante o Apas, o resultado será igual; durante o Tejas, haverá derrota; durante o Vayú e o Akasa, a morte seguir-se-á.
234. Quando, por qualquer razão, o fluxo da respiração não for claramente sentido no momento da consulta, recorra o sábio ao seguinte expediente:
235. Estando assentado, imóvel, atire-se-lhe uma flor. A flor cairá do lado cheio. Assim, dê ele a resposta.
236. Aqui, como em qualquer outra parte, o conhecedor das leis do alento é potentíssimo; quem é mais poderoso que ele?

DIZ A DEUSA:

237. São essas as leis da vitória quando os homens se combatem entre si; como vem a vitória quando eles pelejam contra Yama (o deus da morte)?

DIZ O DEUS:

238. Medite ele acerca do senhor, quando o Prâna está calmo durante o fluxo da lua, e renuncie, então, a vinda, quando, depois disso, os dois Prânas coincidem. Haverá o que deseja – grande lucro e bom êxito.

239. Todo o mundo manifestado saiu do não-manifestado. O mundo manifestado desaparece no não-manifestado, quando o facto é conhecido.

O ano

260. No primeiro dia lunar da quinzena branca do mês de Chaitra, observe o sábio Yogi a viagem do sol, ao mesmo tempo ao norte e ao sul, por uma análise dos Tatwas.

(Naquele dia começa o ano Samvat da era do Rei Vikramâditya).

261. Se, na época do erguer da lua, o Prithivi, o Apas, ou o Vayú Tatwa estão correndo, todas as castas de grãos serão abundantes.

262. O fluxo de Tejas e de Akasa dá fomes terríveis. Tal é a natureza do tempo. Deste modo, a pessoa conhece o efeito do tempo no ano, no mês, no dia.

263. Se o Sushumna, que é mau em todos os negócios do mundo, corre, haverá confusão no país, desmoronamento do reino, ou receio disso, epidemia e todas as sortes de moléstias.

264. Quando o sol passa no Aries, medite o Yogi sobre a respiração, e, descobrindo o Tatwa dominante, diga ao mundo qual será a natureza do ano seguinte.

(Naquele dia começa o ano solar. A cor tatwica do Prâna universal – externo – num momento qualquer, é determinada pelas posições do sol e da lua, e pela dos planetas, cuja presença exerce uma influência poderosíssima sobre o valor tatwico naquele momento.

Esse valor tatwico muda segundo uma lei universal.

Se num momento qualquer, o Apas Tatwa está correndo, ele jamais pode passar de uma só feita no Tejas, mas deve fazê-lo gradualmente. Esses Tatwas atmosféricos têm muitos cursos menores. E, pois, possível, ainda que extremamente difícil e complicado, o calcular, consoante o valor tatwico de um momento, o valor tatwico de um momento futuro.

O mundo vivo é sempre afetado por essas mudanças tatwicas. No ato da Respiração, a natureza forneceu uma escala exatíssima e fiel para a medida, das mudanças tatwicas. Por isso, o Yogi, capaz de viver de conformidade com o tempo e o espaço, pode predizer o futuro muito facilmente. Ah! mas como é difícil viver de perfeita conformidade com o tempo e o espaço!

265. O bom aspecto do ano, do mês, do dia, é conhecido, graças aos Tatwas, Prithivi, etc, e o mau aspecto pelo Akasa e o Vayú.

266. Se o Prithivi Tatwa está a correr, haverá prosperidade e abundancia no reino e a terra se cobrirá de belas colheitas; haverá muito bem-estar e alegria.

267. Se o Apas Tatwa está correndo, haverá abundância de chuva, de cereais; não reinará carestia; haverá grande bem-estar e campos bem cultivados.

268. Se o Agni Tatwa está correndo, haverá, fome, revolução ou o temor disso. Haverá epidemias terríveis e chuvas o menos possível.

269. Se o Vayú Tatwa se escoar quando o sol entra em Aries, haverá confusão, acidentes, fome, pouca chuva ou os Itis.

(Os Itis são seis aflições que destroem as messes, muita água, etc.)

270. Se o Akasa Tatwa flui quando o sol entra em Aries, haverá falta de grãos e de bem-estar.

271. Quando a Respiração plena está no seu sitio próprio, com os seus próprios Tatwas, resultam daí sucessos de toda a espécie; se o sol e a lua estão invertidos, o pão deve ser posto em reserva (contra a miséria).

272. Se o Agni Tatwa está manando, haverá desigualdade de preços; se é o Akasa, reinará miséria continua. Façam-se, pois, provisões de boca; aparecerá alta de preços dois meses depois disso.

273. Quando a Respiração muda no sol, há o aparecimento de moléstias terríveis (*). Quando o Akasa e o Vayú estiverem em conjunção com o Tejas, a terra tornar-se-á a pintura dos infernos.

(Ha perturbação da balança tatwica e moléstia; por isso, cada Tatwa tem as suas moléstias próprias).

Moléstia

274. No Prithivi Tatwa está a sua própria moléstia; no Apas Tatwa, moléstia do mesmo Tatwa, e assim no Tejas, no Vayú, e no Akasa, moléstias semelhantes e hereditárias.

Quando dois homens se juntam os seus Prânas permutam entre si as respectivas cores. É assim que uma pessoa mede a cor prânica de outra pessoa que se acha junto de si, pelo reflexo momentâneo do próprio corpo dela. O presente de cada qual é o pai do seu futuro. Por isso, a pessoa pode predizer o desenlace de uma moléstia ou o tempo da morte.

Tudo o que tem sido certificado como verdadeiro nestes capítulos, temo-lo descrito nas secções diversas deste livro.

275. Se o mensageiro (consulente) vem primeiro para a parte vazia do corpo e, em seguida, para a parte cheia, aquele a cujo propósito for feita a pergunta viverá seguramente, ainda quando se ache prostrado (aparentemente) no desmaio (da morte).

276. Se a pergunta for feita ao Yogi enquanto estiver sentado na mesma direção que o paciente, este viverá, ainda quando muitas moléstias hajam podido reunir as forças delas no seu corpo.

277. Quando a Respiração estiver em a narina direita e quando o mensageiro fala da sua aflição em tom desolado o paciente vivera. Durante a lua, o efeito é contrário.

278. Se for feita a pergunta enquanto o mensageiro tiver o retrato do paciente na direção do Prâna e olhar para ele, o paciente viverá.

279. Quando, durante o fluxo do sol ou da lua, o Yogi se introduzir numa carruagem e aí lhe for feita a pergunta, o mensageiro há de sentir bom êxito no seu desejo.

280. Quando, no momento da pergunta, o Yogi está sentado no alto, enquanto o doente está em baixo, este deve viver certamente. Se o doente está em cima há de ir seguramente para a morada de Yama (o deus da morte).

281. Se, no momento da consulta, o mensageiro estiver voltado para a narina vazia, mas falar do contrário do que deseja, sentirá bom êxito. No caso contrário, o resultado será inverso.

282. Quando o doente está voltado para a lua, e o consulente para o sol, o doente deve morrer certamente, ainda quando esteja rodeado de centenas de médicos.

283. Quando o doente se acha voltado para o sol e o consulente para a lua, então, também, o doente morre, ainda quando Sambhú o proteja.

284. Quando um Tatwa sai do seu próprio tempo, as pessoas estão sujeitas a moléstias; quando dois são impróprios, eles causam o infortúnio dos amigos e parentes; se deixar o seu lugar por duas quinzenas, disso resultará a sua morte.

A predição da morte

285. No começo de um mês de uma quinzena e de um ano, trate o sábio de descobrir o tempo da morte, segundo os movimentos do Prâna.

286. A lâmpada dos cinco Tatwas recebe o seu óleo da lua. Protegei-a da forma solar; a vida tornar-se-á longa e estacionaria.

287. Se, assenhoreando-se da Respiração, paralisar-se o sol, a vida será prolongada. O próprio tempo solar será enganado.

288. A lua cai dos céus, dando o néctar da vida aos lótus do corpo. Pela constante pratica das boas ações e do Yoga, a pessoa torna-se imortal, graças ao néctar lunar.

289. Fazei correr a terra durante o dia, o sol durante a noite; o que assim pratica é um verdadeiro Yogi.

290. Se, por uma noite e um dia, a Respiração flui continuamente por um Nadi, a morte seguir-se-á em três anos.

(*) o leitor pode lembrar-se da tendência atual dos físicos ao ligarem os acidentes terrestres ás mudanças de aspectos das manchas solares e de traduzir em geral, magneticamente, a mecânica planetária. — (N. do T.).

291. Há de morrer dentro de dois anos aquele cuja respiração sai pelo Pingala dois dias e duas noites completas, como dizem os que possuem os Tatwas.
292. Se a lua corre sem parar durante a noite e o sol durante o dia, a morte virá nos seis meses.
293. Quando o sol flui inteiramente e quando a lua fica inteiramente invisível, a morte deve vir na quinzena. Assim fala a ciência da Morte.
294. Aquele, cuja respiração mana de uma narina durante três noites consecutivas, não tem senão um ano para viver, lá diz o sábio.
295. Tome-se um vaso de liga Kansiya (metal dos sinos). Encha-se de água e olhe-se aí nela para os reflexos do sol. Se o centro da reflexão é visto como um buraco, o vidente morrerá dentro dos dez dias; se o reflexo é enfumado, a morte virá no mesmo dia. Se é visto para o sul, para oeste ou para o norte, a morte virá nos seis, nos dois ou nos três meses, respectivamente. Assim foi descrita a medida da vida pelo omnisciente.
296. Se um homem vê a face do mensageiro da morte, ele está certo de morrer.
(O mensageiro da morte traz vestes vermelhas ou avermelhadas, cabelos entrançados, dentes doentios, um corpo besuntado de óleo, um rosto choroso e carmesim, um corpo salpicado de cinzas e faz voar labaredas de fogo; tem varas compridas e pesadas e está voltado para o Nadi vazio).
297. Quando a pele é fria, mas o interior quente, a morte deve vir dentro do mês.
298. Quando um homem troca repentinamente, e de modo inusitado, bons hábitos por maus ou maus por bons, está certo de morrer.
299. Aquele cujo alento é frio quando sai do nariz, e quente como fogo quando sai da boca, está seguro de morrer de grande calor.
300. Aquele que vê rostos horrendos e uma luz brilhante sem chama, morre antes de nove meses.
301. Deve morrer repentinamente aquele que começa a sentir pesados os corpos leves e leves os corpos pesados, e que, sendo sombrio de cor, começa, na moléstia, a aparecer de cor dourada.
302. Aquele cujas mãos, o peito, o pé se tornam ao mesmo tempo secos depois do banho, não tem dez noites para viver.
303. Aquele cuja vista se perturba e não pode ver a sua face na pupila de outro, olho, deve morrer com toda a certeza.
304. Agora vou dizer-te alguma coisa acerca da face de sombra (Chhâyâ Purusha). Conhecendo a esta, o homem torna-se logo conhecedor dos três tempos.
305. Falarei daquelas experiências por meio das quais a morte, ainda distante, é conhecida. Descreverei todas em concordância com Shivâgama.
306. Indo a um lugar solitário e tendo as costas para o sol, olhe o homem com atenção para o pescoço da sombra que ele projeta sobre o solo.
307. Veja isto durante tanto tempo enquanto puder repetir com calma estas palavras: "Om kram parabrahmane nama", cento e oito vezes. Olhe depois para o céu. Verá, assim, Shankara (o rosto de um ser que pode aparecer em muitas cores).
308. Praticando isto durante seis meses, o Yogi torna-se senhor daqueles que andam sobre a terra em dois anos, se torna completamente independente e o seu próprio senhor.
309. Ele alcança o conhecimento dos três tempos e grande felicidade. Nada há impossível para a prática constante do Yoga.
310. O Yogi que vê essa figura, nos céus claros, tendo uma cor sombria, morrerá dentro de seis meses.
311. Quando é amarela, há receio de moléstia; quando é vermelha, haverá perda; quando de várias cores, sobrevirá grande confusão e dejectão.
312. Se faltam, na aparição, pés, pernas, abdômen e braço direito, um parente é certo que há de morrer.
313. Se falta o braço esquerdo, morrer-lhe-á a esposa; quando faltam o peito e o braço direito, virão a morte e a destruição.
314. Quando os excrementos e os gases escapam conjuntamente, o homem está certo de morrer nos dez
315. Quando a lua corre por inteiro e não se vê sol em absoluto, a morte deve vir seguramente no correr do mês. Assim fala a ciência da Morte.

316. Aqueles cuja morte está próxima, cessam de ver o Arandhati, o Dhruva, os passos de Vishnu e o círculo das mães, como lhes são indicados.

317. O Arandhati é a língua; o Dhruva, a ponta do nariz; as sobrancelhas são os passos de Vishnu; a pupila do olho, o círculo das mães.

318. O homem que cessa de ver as sobrancelhas, morre-nos nove dias; aquele que cessa de ver a pupila do olho, falece nos cinco dias; aquele que cessa de ver o nariz, deixa de viver nos três dias; o que cessa de ver a língua, morre no mesmo dia.

319. Vê-se a pupila do olho, apertando o olho perto do nariz.

Os Nadis

320. O Ida é também chamado, tecnicamente, Gangâ; o Pingala, Yamunâ; o Sushumna, Sarasvati: a conjunção é chamada Prayâga.

321. Assente-se o Yogi na posição chamada Padmaxma e effectue Prânâyâma.

322. Os Yogis devem conhecer o Pûruka, o Rechaka, e o terceiro, Kumbhaka, para obter o poder sobre o corpo.

323. O Pûruka causa o crescimento e a nutrição e iguala os humores; o Kumbhaka causa a estabilidade aumenta a seguridade da vida.

324. O Kechaka tira todos os pecados. Aquele que o pratica alcança o estado do Yoga.

325. Retenha-se o ar no Kumbhaka, tanto quanto possível; saia ele pela lua e entre pelo sol.

326. O sol bebe a lua, a lua bebe o sol; saturando-se um com outro, a gente pode viver tanto tempo, quanto a lua e os planetas.

327. O Nadi corre em o nosso próprio corpo. Tenhamos poder sobre ele; se não o deixarmos atravessar a boca ou o nariz, nos tomamos mancebos.

328. Quando a boca, o nariz e as orelhas estão tapadas pelos dedos, os Tatwas entram a fazer a sua aparição diante dos olhos.

329. Aquele que lhes conhece a cor, o movimento, o gosto, os sítios e os sinais, se torna, neste mundo, igual ao deus Rudra.

330. Aquele que sabe tudo isso e o lê sempre, está redimido de toda a dor e obtém o que deseja.

331. Aquele que tem o conhecimento da respiração na cabeça, tem a fortuna nos pés.

332. Assim como o Uno dos Vedas, e o sol no Universo, é aquele que conhece a ciência da Respiração: assim também deve ele ser honrado. Aquele que conhece a, ciência da Respiração e a Filosofia dos Tatwas reconhece que nem mesmo milhões de elixires a igualam.

333. Não há nada no mundo que vos alivie a dívida que contraístes para com o homem que vos deu o conhecimento da palavra (Om) e do alento.

334. Sentado no seu lugar particular, com alimentação medida e sono, medite o Yogi acerca do altíssimo Atmâ (de quem a Respiração é o reflexo). Seja qual for aquilo que disser, há de acontecer.

GLOSSÁRIO

Abhijit, uma das casas lunares.

Abhinevesha, nome técnico desta fraqueza de espírito que provoca o medo da morte. É uma das cinco "misérias" do Yogi.

Agama, um dos três meios, de conhecimento: o saber que nos vem da experiência das investigações de outrem e que tomamos por autoridade, dizem que é proveniente de Agama. Pela mesma razão, os Vedas se denominam Agama.

Agni, o fogo. Um dos nomes do éter luminoso, também chamado Tejas Tatwa. A sua cor é vermelha; as outras cores resultam de uma combinação com os outros Tatwas.

Aharikâra, egoísmo.

Ahanvaniya, um dos três fogos que eram entretidos numa antiga "casa hindu.

Akasa, o nome do primeiro Tatwa, o éter sonoro; é um Tatwa importantíssimo. Todos os outros Tatwas são provenientes dele e nele vivem e operam. Não há ser vivo no mundo que não seja seguido ou precedido pelo Akasa; todas as formas, todas as ideias do universo existem nele. Desse estado é que esperamos ver sair imediatamente toda e qualquer outra substância, todo e qualquer outro Tatwa; mais estritamente, nele, todas as coisas existem, sem serem vistas.

Alambusha ou Alammusha, tubo do corpo humano que dizem abrir-se na boca; portanto, o canal alimentar.

Ambarisha, um dos cinco infernos: as qualidades do Apas Tatwa lá se acham em excesso doloroso.

Amrita, é o néctar dos deuses.

Ananda, é o estado de felicidade no qual a alma reintegra espírito. Significa ainda o estado espiritual da atmosfera tatwica.

Anandamaya Kosha, a espira espiritual, a Mônada espiritual.

Anarâdhâ, a décima sétima casa lunar.

Andhatâimshra, o inferno onde as qualidades do Akasa Tatwa se acham em excesso doloroso.

Anumâna, inferência.

Apana, essa manifestação do princípio da vida que lança para fora do sistema as coisas de que já não tem mais necessidade, tais como a urina, etc.

Apantartamah, Rishi Védico, que dizem ter-se encarnado em Vyâsa Krishna Devipâyana, autor do Mahâbhârata, etc.

Apas, nome de um dos cinco Tatwas, o éter gustativo.

Ardrâ, um dos asterismos limares.

Asamprajnâta, o mais elevado estado de transe mental, em que a inteligência é perfeitamente absorvida na alma. O estado inferior é conhecido pelo nome de Samprajnâta.

Asat, a respiração negativa ou a fase da matéria.

Ashleshâ, uma casa lunar.

Ashvini, a primeira casa lunar.

Asmitâ, (1) sinônimo de Ahankâra, egoísmo; (2) parte constitutiva ou parcela do "si"; (3) a noção de que o "si" não é separado dos preceitos e dos conceitos.

Avidya, conhecimento falso.

Bharani, a segunda casa lunar.

Bhûtas, as cascas dos mortos.

Brahma (com a breve), conhecido também sob o nome de Parabrahman, o Uno Absoluto de onde provém o universo.

Brahmâ (com a longo), o universo consciente, o sexto princípio do universo.

Brahmadanda, a coluna vertebral.

Brahmânda, o universo. Literalmente, o ovo de Brahmâ.

Brahmarandhra, cavidade da cabeça, através da qual a alma do Yogi sai do corpo. Aí termina o canal, espinal.

Brahmavidya, a ciência Divina, a Teosofia.

Buddhi, compreensão.
Ch, símbolo de um dos vasos que saem do coração.
Chh, símbolo de outro desses vasos.
Chaitra, mês lunar do calendário hindu, que corresponde, em geral, a Fevereiro–Março.
Chakra, círculo, disco.
Chakshus, o olho, a modificação ocular de Prâna.
Chandra, a lua, a respiração esquerda.
Chandraloka, a esfera lunar.
Chaturyuga, os quatro Yugas – Satya, Tretâ, Dvâpara e Kali – juntamente; período de 12.000 anos Daiva
Chhândogya, nome de um dos Upanishads classe de tratados acerca da Filosofia hindu esotérica.
Chitrâ, um dos asterismos lunares.
Daiva, pertencente aos deuses (Dévas). Um dia Daiva = um ano humano. Um ano Daiva = 365 dias Daivas
Damini, nome de um dos vasos do corpo humano sem dúvida aquele que, com todas as suas ramificações, termina no seio da fêmea (?). Não lhe achei a descrição em parte alguma.
Devachan, termo tibetano empregado para significar esse estado de felicidade de que gozamos, depois da morte, na esfera lunar.
Devadata, uma das dez modificações do princípio vital.
Dhananjaya, uma das dez modificações do princípio vital.
Danishtha, uma das casas lunares.
Dharana, concentração da inteligência.
Dreshkana, o terço de um signo do Zodíaco.
Duhkkha, a dor.
Dvadashansha, o duodécimo de signo do Zodíaco.
Dvesha, manifestação da inteligência que rejeita as coisas desagradáveis.
G, símbolo de um dos dez vasos que partem do coração.
Gauãhari, o Nadi que termina no olho esquerdo.
Gaudharva, músico celeste.
Ganga, termo técnico para exprimir o alento solar.
Gargya Sanryayana, nome de um antigo filósofo, mencionado nos Upanishads.
Garhapatya, um dos três fogos domésticos.
Gh, símbolo de um dos tubos que partem do coração para ramificar em todo o corpo.
Ghâri ou Ghati, (1) período de vinte e quatro minutos; (2) um Ghati lunar é pouca coisa – a sexagésima parte de um dia lunar.
Ghrâna, órgão de odor, a modificação olfativa do Prâna
Ha, (1) Símbolo técnico do processo de expiração
Ham, (2) Símbolo do Akasa Tatwa normativo neutro do mesmo nome.
Hamsa, de Ham e Sa, nome técnico de Parabrahman, por, que, neste estado, os movimentos positivos e negativos estão in posse.
Hamsachâra, termo técnico do processo do alento.
Hasta, uma casa lunar,
Hastijihvd, Nadi que termina no olho direito.
Hortí, a metade de um signo zodiacal.
Ido, o Nadi que se entende pela parte esquerda: o simpático esquerdo.
Indra, o senhor dos deuses, o portador do raio.
Ishopanishady nome de um Upanishad.
Ishtpra, o sexto princípio do universo (segundo a divisão septenária): o mesmo que Brahmâ.
J, símbolo de uma das doze camadas de Nadis que partem do coração.
Jâgrata, estado de vigília.
Jh, símbolo de um dos Nadis que partem do coração.
Jyeshthâ, lima casa lunar.
K, símbolo de um dos Nadis que partem do coração.

Kalâ, uma divisão do tempo = 1 minuto e $\frac{3}{5}$

Kâlasútra, nome de um inferno em que as qualidades do Vayú Tatwa se acham em excesso doloroso.

Kali, nome de um ciclo de 2.400 anos Daiva. A idade de ferro.

Xamala, o lota Um dos centros da força nervosa do corpo.

Kansiya, liga de zinco e cobre que se emprega muito no fabrico dos vasos.

Kâshtha, uma divisão do tempo = 3 segundos e $\frac{1}{5}$

Kathopanishad, um dos Upanishads.

Kh, símbolo de um Nadi que parte do coração.

Komala, literalmente, doce.

Kram, símbolo tântrico para representar a inteligência humana, caminhando além dos limites do visível e olhando, assim, no invisível. Os antigos filósofos tântricos tinham símbolos para designar quase que todas as ideias. Era-lhes isto absolutamente necessário, porque sustentavam que, se a inteligência humana estivesse fixa sobre um objeto qualquer com força suficiente durante certo tempo, ela estava certa de obter um objeto pela força da vontade. A atenção era geralmente garantida pela ação constante de murmurar certas palavras que conservavam, assim, a ideia sempre diante do espírito.

Empregavam, pois, símbolos para representar cada ideia. Assim: "Hrien" designava a modéstia; "Kliw", o amor; "Aiw" a proteção; "Shaum"; o adeus, e assim por diante. Símbolos semelhantes eram empregados para denominar os vasos sanguíneos, etc. A ciência tântrica está agora quase inteiramente perdida; na hora atual não tem chave alguma para abrir eficazmente os mistérios da terminologia simbólica e boa parte da linguagem simbólica se acha, por conseguinte, infelizmente, de todo ininteligível presentemente.

Krikila, manifestação do princípio da vida que causa a fome.

Krltihâ, a terceira casa lunar.

Kuhu o Nadi que vai ter aos órgãos reprodutores.

Khumbhaka, a pratica de Prânâyâma que consiste em respirar profundamente e em reter o ar aspirado o maior tempo possível.

Kârma, a manifestação do princípio de vida que causa o piscar do olho.

Lam (L), o símbolo do Prithivi Tatwa.

Loka, uma esfera de existência.

Maghâ, a decima casa lunar.

Mahâbhútâ, um sinônimo de Tatwa.

Mahákala, o inferno em que se acham as qualidades do Prithivi Tatwa em excesso doloroso.

Mahamohu, uma das cinco misérias de Patanjali. Sinônimo de Râga (desejo de obter ou de reter).

Maheshvara, o grande senhor, o grande Poder.

Mahúrta, uma divisão do tempo = quarenta e oito minutos.

Manas, inteligência: o terceiro princípio do universo a partir de baixo.

Manomaya Kosha, o corpo mental. A inteligência individualizada, uma espécie de estojo onde a energia espiritual pode manifestar-se, onde achamos, em particular, a inteligência em trabalho.

Manu, o Ser concebida como o substratum do terceiro princípio do universo a partir de baixo. A ideia da humanidade de um desses ciclos conhecidos sob o nome de Manvantaras.

Manusha, pertencente aos homens, humano. O dia Manusha, o dia ordinário de vinte e quatro horas; o ano Manusha, o ano solar ordinário. O mês lunar é conhecido sob o nome de dia dos pais (Pitriya), o próprio ano é conhecido sob o nome de dias dos deuses.

Manvantara, ciclo de setenta e um Chaturyugas, durante o qual existe uma humanidade de certo tipo.

Munvantarico, pertencente a Manvantara.

Matarishva, literalmente, aquele que dorme no espaço. Aplicado a Prâna, como preenchendo as funções de registrador dos atos humanos, etc.

Meru, chamado também Sumeru. Os Purânas falam dele como de uma montanha (Parvata, Achala) no píncaro da qual está situado Svarga, o céu hindu, contendo as cidades dos deuses com os espíritos celestes por habitantes. Dele fala-se, de facto, como do Olimpo dos Hindus. Em verdade, Meru não é dessas montanhas de forma terrestre, tais quais as montanhas que nos são familiares na superfície da nossa

terra. É a linha fronteira que separa a atmosfera terrestre do ar superior, o éter puro; em a nossa terminologia, o Meru é o círculo limítrofe do Prâna terrestre. Deste lado, o círculo é o nosso planeta, com a sua atmosfera; daquele lado, o Prâna celeste, a mansão dos deuses. O sábio Vyâsa descreve o Bhûrloka (ou a terra) como estendendo-se do nível do mar até por detrás do Meru. Na superfície da assim chamada montanha, vivem os deuses; portanto, os limites da terra estão atrás dela. A essa, chama-se montanha, por causa da sua posição fixa, imutável.

Moha, olvido. Sinônimo de Asmitâ, uma das cinco misérias de Patanjali.

Moksha, este estado de existência no qual as tendências inferiores da inteligência estão mortas absolutamente, e no qual, por conseguinte, a inteligência fica absorvida na alma, sem perigo de renascimento.

Mrigashirha, casa lunar.

Mula, asterismo lunar.

N, símbolo de um desses Nadis que partem do coração.

Nadi, este vocábulo designa um tubo, um vaso. É aplicado indistintamente aos vasos sanguíneos e aos nervos. A ideia da palavra é a de um tubo, de um vaso ou mesmo de uma linha, ao longo da qual escoar alguma coisa, seja um líquido ou uma corrente de força.

Naga, manifestação de vida que causa eructação.

Namah, obediência.

Nassad âsit, hino do Rig Veda, o centésimo vigésimo nono do decimo Mandala, que começa por estas palavras:

"Neste hino, se encontra o gérmen da ciência da Respiração".

Navansha, a nona parte de um signo do Zodíaco.

Nidra, o sono sem sonho.

Nimesha, divisão do tempo = 8/45 de segundo. Literalmente, significa um relancear de olhos.

Nirvana; a extinção das tendências inferiores da inteligência. É sinônimo de Moksha.

Nirvichara, a intuição ultra meditativa, na qual, sem o menor esforço de pensamento, o passado e o futuro, os antecedentes e os consequentes de um fenômeno presente fazem a sua aparição simultânea na inteligência.

Nirvitarka, espécie de intuição (Sampati); a intuição sem palavras. Nesse estado, de lucidez mental é que as verdades da natureza brilham por si mesmas, sem a intervenção do verbo.

Pada, o pé; modificação da matéria vital que opera no caminha.

Padma, sinônimo de Kamala.

Pala, medida peso, cerca de uma onça e um terço.

Pam (P), símbolo algébrico do Vayú Tatwa. Pam é o nominativo neutro da letra Pa, a primeira letra do vocábulo Pavana, sinônimo de Vayú,

Panchê-Karana, literalmente, a palavra significa: que torna quántuplo. Traduzem-na grosseiramente por: a divisão em cinco. Ela significa o processo de um mínimo de um Tatwa que é composto com os dos outros Tatwas. Assim, segundo o processo, cada molécula, por exemplo, do Prithivi Tatwa compor-se-á de oito mínimas:

PRITHIVI	<u>Prithivi</u>	<u>Akasa</u>	<u>Vayú</u>	<u>Agni</u>	<u>Apas</u>
	2	8	8	8	8

E assim por diante. Em Ananda, os Tatwas são simples. Em Vijnâna e depois dele, cada um é quántuplo, e, por isso, cada um tem uma cor, etc.

Pani, a mão, o poder manual.

Parabrahman, é bem conhecido, agora, como a causa do Universo, o Todo Absoluto, Único.

Parabrahmane, dativo de Parabrahman, que significa: "a Parabrahman".

Pârameshthi Sükta, o hino "Nassad âsit", acima mencionado, também, se chama Parameshtjii Sükta.

Paraivairagya, o estado da inteligência em que as suas manifestações se tornam absolutamente potenciais e perdem todo o seu poder de vir ao estado atual, sem o entorpecimento da alma. Nesse estado, todo o pode» elevado faz a sua aparição facilmente na inteligência.

Parinirvana, o derradeiro estado no qual a alma humana pode existir e onde as influências psíquicas, mentais e fisiológicas não têm nenhum poder sobre ela.

Patanjali, autor dos Aforismos do Yoga, a ciência de aplicação mental e de embelezamento.

Payu, órgãos excretórios, a modificação de Prâna que os compõe.

Pingala, o Nadi e o sistema de Nadis que trabalha do lado direito do corpo; o simpático direito.

Pitriya, que aparece aos pais. O dia Pitriya significa o mês lunar.

Pita, sinônimo de Agni. Significa: temperatura, calor.

Prakriti, a matéria cósmica não diferenciada.

Prataya, a cessação das energias criadoras do mundo: o período de repouso.

Pramana, meios de conhecimento. São: (1) os sentidos; (2) a inferência; (3) a autoridade ou, por outros termos, a experiência dos outros.

Prâna, o princípio de vida do universo e a sua manifestação localizada; o princípio de vida do homem e dos outros seres vivos: Ele consiste num oceano dos cinco Tatwas. Os sóis são os centros diferentes deste oceano de Prâna. O nosso sistema solar está cheio de Prâna até os seus limites extremos, e nesse oceano é que se movem os diversos corpos celestes. Os sábios têm afirmado que o oceano inteiro de Prâna, com o sol, a lua e os outros planetas, é uma pintura completa de todo o organismo vivo da terra ou de um planeta qualquer. Por isso, eles, às vezes, falam de Prâna como de uma pessoa, de um ser vivo. Todas as manifestações da vida no corpo são conhecidas sob o nome de Prânas menores. A manifestação pulmonar é havida como Prâna por excelência. A fase de matéria positiva é assim distinta de Rayi, a fase negativa da matéria vital.

Pranamaya Koshd, a Espira de vida; o princípio vital.

Prânayâma, a prática das respirações profundas que consiste em expelir o ar inspirado no mais longo tempo possível e depois respirar, estando os pulmões vazios quase que por completo.

Prapathaka, um capítulo da "Chândogia Upanishad"

Prashnopanithad, um dos Upanishads

Pratyaksha, a percepção.

Prayaga, realmente: a confluência de três rios, o Ganges, a Jamná e a Sarasvati que não se vê em parte alguma, agora em Allahabad. Na terminologia da ciência da Respiração, Prayâga é a conjunção das correntes direita e esquerda da Respiração.

Prithivi, um dos cinco Tatwas; o éter olfativo.

Punarvasú, uma das casas lunares.

Púraka, a prática do Prânâyama que consiste em encher os pulmões de tanto ar quanto for possível.

Púrvabhadrapada, uma das casas lunares.

Purvâshâdhâ, uma das casas lunares.

Púsha, nome do Nadi que vai á orelha direita.

Pushya, uma das casas lunares.

Râga, (1) uma manifestação da inteligência que procura reter os objetos que dão alegria; (2) um modo de música. Há oito modos de música e cada um destes tem muitos modos menores chamados Raginis. Cada Ragini a seu turno tem diversas harmonias.

Ragint (vér Râga).

Ram, nominativo neutro de Ra; serve de símbolo ao Agni Tatwa.

Rasana, o órgão do gosto.

Raurava, o inferno onde se encontram as qualidades de Tejas Tatwa em excessos dolorosos.

Rayi, a fase de matéria negativa, distinta da fase positiva pela sua impressionabilidade. Com efeito, é a matéria vital fria, ao passo que a matéria quente se chama Prâna.

Rechaka, a prática do Prânâyama que consiste em conduzir a respiração para fora dos pulmões.

Revati, uma das casas lunares.

Rig Veda, o mais antigo e importante dos Vedas.

Ritambhara, a faculdade de percepção psíquica, pela qual as realidades do mundo são conhecidas com tanta verdade e exatidão, quanto as coisas externas pela percepção ordinária.

Rohint, a quarta casa lunar.

Sa, símbolo do processo da inspiração. A Shakti, a modificação, receptores da matéria vital é também chamada Sa

Sadhakapita, a temperatura do coração, que dizem ser a causa da inteligência e da compreensão.

Somadhi, o transe; o estado no qual a inteligência está de tal maneira absorvida pelo objeto da sua diligencia, ou pela alma, que ela se esquece no objeto da sua atenção,

Samana, a manifestação da vida que dizem ser, no abdômen, causa da absorção e da distribuição da alimentação por todo o corpo.

Sambhú, o princípio macho; a fase positiva da matéria. Um dos nomes do deus Shiva.

Samprajnata, espécie de Samadhi; aquela em que a aplicação mental é recompensada pelo descobrimento da verdade.

Sandhi, a conjunção das duas fases, positiva e negativa, de toda a força. É um sinônimo de Sushumna. Conjunção de dois Tatwas. Quando um Tatwa passa para o outro, o Akasa se interpõe. De feito, não pode haver mudança de um estado de matéria para outro sem a intervenção desse Tatwa que penetra tudo. Esse estado de intervenção, entretanto, não é o Sandhi. Pela conjunção tatwica, produz-se sempre um novo Tatwa conjugado; este é indicado pela extensão do alento. Assim, quando o Agni e o Vayú se juntam, o comprimento é intermediário entre aqueles dois. Dá-se a mesma coisa com os outros Tatwas. Se a fase positiva e a fase negativa de um objeto fazem a sua aparição em ordem regular, por um momento, diz-se que estão em conjunção (Sandhi). Se, todavia, vindo de direções opostas, eles se equilibram, o resultado é o Akasa ou o Sushumna. O leitor verá que há muita pouca diferença, e, às vezes, nenhuma, nos estados de Akasa, Sandhi e Sushumna; se Akasa permanece estacionário, é Sushumna; se Sushumna tende para a produção, ele se toma Akasa. Com efeito, Akasa é este estado que anuncia imediatamente qualquer outro estado tatwico de existência.

Sanskara, velocidade adquirida; habito adquirido. Synonymo de Vâsona.

Sarasvat, deusa da palavra.

Sat, o primeiro estado do universo, no qual toda a forma do universo existente, o próprio Ishwara, dorme latente. Desse estado é que os Tatwas não compostos são provenientes em primeiro lugar.

Satya, veracidade; fidelidade; constância.

Savichara, a intuição meditativa. (Veja-se Nirvitaria e Nirvichâra).

Savitarka, espécie de intuição: a intuição verbal.

Shakti, um poder; a fase negativa de uma força qualquer a companheira de um deus, sendo o deus a fase positiva da força.

Shankhâvali, nome de uma droga.

Shankini, um Nadi, com todas as suas ramificações, que vai terminar no anus.

Shastra, os livros sagrados dos hindus. As seis escolas de filosofia.

Shatabhishaj, uma casa lunar. .

Shatachackra Nirúpana, nome de uma obra sobre a filosofia dos Tantristas.

Sivagama, nome de uma antiga obra. O presente tratado sobre a ciência da Respiração não contém senão o assumpto de um capítulo desse livro, que se não encontra em parte alguma.

Shravana, uma casa lunar.

Shrotra, o ouvido, a fase mais auditiva da matéria vital.

Shvetaketu, nome de um antigo filósofo que se representa no "Chândoya Upanishad", lendo Brahmavidya com seu pai Gautama.

Smriti, a faculdade de possuir uma memória docil.

Sthûla, grosseiro.

Sthûla Sharina, o corpo grosseiro, distinto dos princípios superiores.

Sukha, sentimento de prazer.

Súrya, o sol.

Süryamandala, a porção do espaço submetido á influencia solar.

Sushumna, (1) o Nadi que se entende ao meio do corpo; (2) a corda espinal com todas as suas ramificações; (3) o estado de força que fecunda, ao mesmo tempo, a fase positiva e a fase negativa; quando não correm o sopro solar nem o sopro lunar, diz-se de Prâna que ele é Sushumna.

Sushupti, sono sem sonhos, estado da alma em que estão em descanso as manifestações da inteligência experimentadas em sonhos.

Svapna, um sonho.

Svara, a corrente da vaga de vida; a grande Respiração: o folego do homem. A Grande Respiração sobre um plano qualquer de vida, tem cinco modificações, os Tatwas.

Svali, uma casa solar.

T, nomes dos Nadis que partem do coração

Tamas, sinônimo de Avidyâ.

Tantra, classe de tratados acerca do corpo humano e da alma. Tratam muito de Yoga. A linguagem que empregam é altamente simbólica e as formulas da sua fé são quase que expressões algébricas, sem chave eficaz da hora presente.

Tatwa, (1) modo de movimento; (2) impulso central que conservou a matéria em certo estado vibratório; (3) forma distinta de vibração. A Grande Respiração dá a Prakriti cinco espécies de extensão elementar. A primeira e a mais importante destas é o Akasa Tatwa; os outros quatro são Prithivi, Vayú, Apas e Agni. Todas as formas e todos os movimentos são manifestações desses Tatwas, simples ou em conjunção, conforme o caso.

Tejas, um dos Tatwas; o éter luminoso. Os sinônimos desse nome são Agni e, raramente, Raurava.

Th, nome de um dos Nadis que partem do coração.

Tretá, o segundo ciclo do Chaturyuga; período de 3.600 anos Daiva.

Trinshausha, a trigésima parte de um signo do Zodíaco.

Truti, (1) divisão do tempo; cento e cinquenta Trutis valem um segundo; (2) medida do espaço, tanto como o sol ou a lua o percorrem em um Truti de tempo. Um Truti é uma pintura perfeita do oceano inteiro de Prâna. É o germen astral de todos os organismos vivos.

Tura, as notas superiores da música, opostas a Komala.

Turiya, o quarto estado da consciência. O estado de consciência absoluta. Os três primeiros estados são: (1) vigília, (2) sonho, (3) sono.

Tvak, a pele.

Udana, (1) a manifestação da vida que nos arrasta para o alto; (2) aquela manifestação pela qual a vida recua no repouso.

Udâldka, antigo filósofo que aparece como instrutor no Prashnapanishad.

Utarabhadhnepada, uma casa solar.

Uitarti Gíta, nome de uma obra tântrica.

Utaraphalgunt, uma casa Solar.

Utarashadha, outra casa solar.

Taidhrita ou Vaidriti, o vigésimo sétimo Yoga. Há vinte e sete Yogas na eclíptica. "O Yoga – diz Colebrooke – não é outra coisa mais de que uma maneira de indicar as longitudes do sol e da lua"; é o que é.

Vairagvu, indiferença para as coisas agradáveis da vida. Vak, deusa da palavra; outro nome de Sarasvati.

Vam (V), símbolo do Apas Tatwa; vem de Vari, símbolo de Apas.

Vâsana, o habito e a tendência que uma ação gera na inteligência.

Vayti, um dos Tatwas: o éter tátil.

Vedas, os quatro livros sagrados dos hindus.

Vedoveda, uma das manifestações de Sushumna.

Vetala, mau espirito.

Vichara, meditação.

Vijñâna, literalmente, significa conhecimento. Tecnicamente, é a matéria psíquica e as suas manifestações.

Vijnânâmaya Kosha, a espira psíquica do espírito

Vikalpa, imagem complexa.

Vînâ, instrumento músico de cordas.

Vindu, ponto.

Vipala, medida do tempo = 2/5 de segundo.

Viparyâya, falso conhecimento, uma das cinco manifestações da inteligência, tal qual a reconhece o sábio Patanjali.

Virât, o pai imediato de Manu e o filha de Brahmâ. O estado akasico de matéria psíquico de onde são provenientes os Tatwas mentais que constituem Manu.

Vishâkha, asterismo lunar.

Vishamabhaha, estado desigual. É uma manifestação de Sushumna. Neste, o folego escoo um instante por uma narina, no instante seguinte por outra narina.

Vishramopanishad, nome de um Upanishad citado no texto.

Vishuva, Vishuvat, é uma manifestação de Sushumna.

Vitarka, curiosidade filosófica.

Vyâna, aquela manifestação da vida que conserva a forma de cada parte do corpo.

Vyâsa, antigo filosofo, autor do "Mahâbhârata", comentador dos aforismos do Yoga e da Vedanta, e de outras obras.

Vyatipâta, um dos vinte e sete Yogas. (Veja-se Taidhrita)

Yaksha, classe de semi-deuses.

Yakshinî, o Yaksha fêmea.

Yamunâ, empregado para representar o Nadi esquerdo escoante, segundo a terminologia da ciência da Respiração.

Yashashvini, o Nadi que termina na orelha esquerda.

Yoga, a ciência de aplicação, atenção e embelezamento da inteligência humana.

Ao leitor

Prefacio

I – Os Tatwas

II – Evolução

III – Relação Mútua entre os Tatwas e os Princípios

IV – Prâna

V – A Inteligência

VI – A Galeria dos Quadros Cósricos

VII – As Manifestações das Forças Psíquicas

VIII – Yoga – A Alma

IX – O Espírito

A ciência da Respiração e a Filosofia dos Tatwas

Glossário